

A Defesa Nacional



EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

N. 600

BRASIL

DIRETORIA ELEITA PARA O EXERCÍCIO DE 1958/1960

Diretor-Presidente

Gen João Baptista de Mattos

Diretor-Secretário

Cel Ayrton Salgueiro de Freitas

Diretor-Gerente

Ten-Cel João Capistrano Martins Ribeiro

Conselho de Administração

Cel Golbery do Couto e Silva

Maj Amerino Raposo Filho

Conselho Fiscal

Gen Armando Batista Gonçalves

Cel Adailton Sampaio Pirassununga

Ten-Cel Danilo Darcy de Sá da Cunha e Mello

Suplentes

Cel João Batista Peixoto

Ten-Cel Hugo de Andrade Abreu

Maj Nilton Freixinho

Chefias

De expedição — Maj Dario Ribeiro Machado

Maj Lauro Lima dos Santos (Rio)

PEDE-SE PERMUTA

PIDесе CANJE

SI RICHIEDE LO SCAMBIO

WE ASK FOR EXCHANGE

ON DÉMANDE L'ÉCHANGE

'ONI PETAS INTERSAGON

MAN BITTET UM AUSTAUSCH

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano
XLVIII

Rio de Janeiro, GB — Março de 1961

Número
600

SUMÁRIO

ASSUNTOS MILITARES

Página

- Estratégia Soviética para a 1ª Guerra Mundial — Malcolm Mackintosh — Trad.
Ten-Cel Tercio Veras

3

EXÉRCITO

- I — Reflexões sobre a Formação do Corpo de Oficiais — Maj José Pessoa 15 ✓✓
II — Vha Abrigo do Bom Militar — Ministro T.A. Araripe 25 ✓✓

CANDIDATO A ECEME

- Resumos dos Pontos de História — Majores Pedro Maciel Braga e Ivan
Lobo Mazza

29 ✓✓

AERONÁUTICA

- O Progresso traz Problemas

41 ✓✓

DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA

- Bases Filosóficas (Doutrina Militar Brasileira: Algumas Considerações)
— Maj Everaldo de Oliveira Reis

47 ✓✓

GUERRA QUÍMICA

- Capacidade da Arma Química como causadora de baixas — Cap Diógenes
Vieira Silva

71 ✓✓

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

- Educação Física nos Corpos de Tropa — 1º Ten Gay Cardoso Galvão

83 ✓✓

HISTÓRIA

- A Conquista de Monte Castelo — Palestra do Maj Germano Seidl Vidal

87 ✓✓

LIDERANÇA

Página.

✓ Distinção Entre o "Leader" e o "Commander" — Cel. José Jacinto de Camerino	95
------------------------------------------------------------------------------------	----

CIÊNCIA E CULTURA

✓ O Primeiro Cérebro Eletrônico da América Latina — Eng. Adylton Brandão Filho	101
--------------------------------------------------------------------------------------	-----

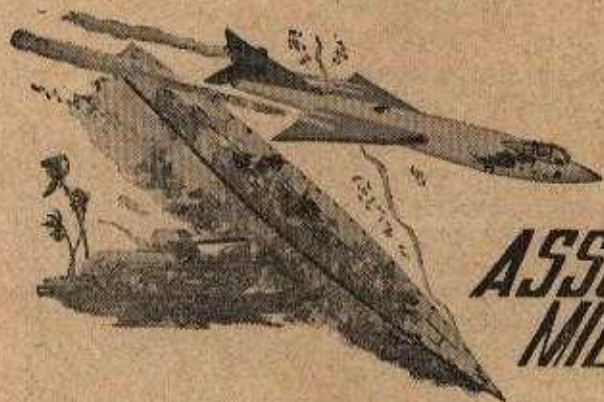
AMAR

✓ Homenagem no Sesquicentenário (Histórico do Curso de Cavalaria, da Seção de Equitação e do Batalhão de Comando e Serviços)	103
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

ASSUNTOS DIVERSOS

✓ I — Democracia Versus Comunismo — 10ª Parte — O Comunismo Avança	125
✓ II — Odisséia Atrás da Cortina de Ferro — Mary Allison	129
✓ III — Educação pela Televisão — Maj. Taunay Drumond Coelho Reis	150
✓ IV — A Missão da Academia Brasileira de Medicina Militar — Maj. Doutor Nilson Nogueira Guedes	151





ASSUNTOS MILITARES

Coordenador: Cel AYTON SALGUEIRO DE FREITAS

ESTRATÉGIA SOVIÉTICA PARA A 3ª GUERRA MUNDIAL

MALCOLM MACKINTOSH

(Condensado pelo Ten-Cel TERCIO VERAS)

Antes de examinarmos a possível estratégia do bloco soviético em uma guerra dentro de três ou quatro anos, devemos primeiro perguntar se o governo soviético realmente acredita na possibilidade de eclosão de uma terceira guerra mundial. Minha resposta é afirmativa, evidenciada pela ideologia soviética e declarações dos líderes russos à oficialidade das forças armadas e ao seu povo. Esses líderes parecem instruir seus oficiais que, à medida que a situação política evolui, de modo cada vez mais favorável ao comunismo, desaparecem os mercados para os países capitalistas e se desintegram as alianças militares. Surgirá a ocasião em que ao mundo capitalista, liderado pelos Estados Unidos, só restará o dilema: render-se pacificamente ao comunismo ou lançar todo o seu poderio contra a União Soviética, num esforço desesperado para destruir a base estrutural do sistema comunista. Naturalmente, não se expressam exatamente desse modo, mas é isso o que querem dizer.

Outra maneira de irromper a terceira guerra mundial, na concepção soviética, será pela degeneração de um conflito local e convencional em uma guerra na qual se torne inevitável a intervenção em longa escala de uma das potências nucleares. A terceira hipótese é a que os escritores militares soviéticos esposam com base na previsão de Stalin, expressa no XIX Congresso do Partido em 1952, de que são ainda possíveis as guerras entre os Estados capitalistas, capazes, também, de envolver a União Soviética. Finalmente, devemos considerar a possibilidade de a União Soviética ser arrastada à guerra em virtude de sua aliança militar com a China Comunista.

CHAVE PARA O ATAQUE PREEMPTIVO

Essa causa possíveis de uma terceira guerra mundial parecem admitir que a União Soviética não desencadeará, em primeiro lugar, um ataque nuclear ao Ocidente, não havendo nenhum indício seguro de que Moscou esteja preparando uma guerra nuclear preventiva. Mas devemos formular a seguinte pergunta: Não haverá situação alguma em que os russos admitam serem os primeiros a atacar? Há cinco anos, em 1955, os pensadores militares soviéticos expressaram a concepção de "um golpe preemptivo", e muito se tem escrito a esse respeito no Ocidente, desde o momento em que surgiram indícios de sua realização. A concepção do ataque preemptivo é defensiva e visa à redução de perdas. Depende do recebimento de informações precisas e imediatas que permitam concluir ter o inimigo provável, tomado, realmente, a decisão irrevogável de desencadear um ataque nuclear contra a União Soviética.

Acredito que a chave do ataque preemptivo é a que foi apresentada em 1955, dois anos antes do primeiro disparo de um míssil balístico intercontinental soviético. No que tange ao ataque por aeronaves subsônicas ou supersônicas, é possível considerar a exequibilidade de um aviso oportuno para o defensor tomar a decisão estratégico-prática de desencadear o ataque preemptivo. Mas, à luz do desenvolvimento de foguetes que, evidentemente, se processava no Oriente e Ocidente nos próximos três anos, o verdadeiro ataque preemptivo, da forma prevista em 1955, dificilmente poderá ser desfechado, pois qualquer ataque de surpresa no futuro será planejado e executado com armas que não darão ao defensor *nenhum tempo para desencadear o ataque em primeiro lugar*. E mesmo que suas aeronaves decolassem e seus mísseis fossem lançados após o recebimento do primeiro alerta de um ataque inimigo, eles já estariam, de fato, engajados em uma ação de represália, e não de preempção.

Se, todavia, associamos a idéia de um ataque preemptivo com a errônea convicção soviética sobre a possibilidade de um ataque preemptivo, de desespero, do Ocidente contra a Rússia, temos de reconhecer que, de certa forma, tal ataque é ainda praticamente possível. Seria, com toda probabilidade, preparado às pressas com um número reduzido de mísseis lançados a tempo e com uma proporção muito elevada de vôos, em uma só direção, de aeronaves tripuladas. Entretanto, se num período de tensão internacional crítica, os líderes soviéticos concluíssem que a guerra fosse inevitável e prestes a irromper, poderiam ordenar o ataque preemptivo para reduzir as perdas que, em virtude de sua potência relativamente limitada poderiam diferenciar-se das oriundas de uma guerra preventiva em larga escala.

Pode-se, pois, concluir que a guerra poderá irromper por um erro de cálculo soviético em uma fase de forte tensão internacional ou, talvez, durante o conflito armado entre pequenas potências, quando se tornar crescente o perigo de degeneração em uma guerra total.

FASE 1. FORÇAS SOVIÉTICAS MARCHAM PARA OESTE, ESTE E SUL EM UM GIGANTESCO MOVIMENTO DE DISPERSÃO

Tratemos agora de transformar as possibilidades soviéticas em uma estratégia provável. Para isso, faço a hipótese de que esteja iminente uma guerra nuclear ou que esta já se tenha iniciado com mútuos ataques nucleares entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus aliados. Que conclusão lógica podemos tirar das operações aéreas, terrestres e navais dos soviéticos na fase inicial dessa guerra? Primeiramente, devemos reportar-nos à convicção soviética de que a troca de ataques nucleares entre os Estados Unidos e a URSS, apesar de sua severidade, não aniquilaria nenhuma dessas potências, e de que a guerra continuaria em terra, mar e ar, provavelmente por muito tempo. Só se alcançaria o fim, quando um dos dois lados tivesse destruído as forças armadas do adversário e, talvez, ocupado seu território. A respeito, a revista militar soviética "Military Thought" publicou o seguinte:

"A derrota do inimigo será conseguida pelo aniquilamento de suas forças armadas. Só se vencem as guerras quando se destrói a vontade de resistir do adversário, e esta destruição, apenas, se verifica quando suas forças armadas são aniquiladas. Portanto, o objetivo das operações de combate deve ser a destruição das forças armadas, e não o bombardeio estratégico de alvos na retaguarda."

Semelhante conceito foi expresso no "Military Herald" soviético, em junho de 1958:

"Nas condições atuais, são tão poderosas as forças armadas de ambos os lados e tão ampla é a extensão territorial das lutas armadas, que é quase impossível terminar uma guerra dentro de curto prazo. Até mesmo o aparecimento das armas atômicas e de hidrogênio e dos foguetes de longo e médio alcances não podem assegurar a rápida destruição de forças armadas potentes e, conseqüentemente, a conclusão rápida da guerra. Com efeito, o uso desses engenhos por ambos os lados, acarreta o aumento de duração de uma guerra ao invés de sua aceleração. As armas atômicas e de hidrogênio modificaram, em muitos aspectos, a forma da guerra, mas esta não pode ser nem será travada somente com tais armas. É quase indubitável que se fôr desencadeada a terceira guerra mundial, ela poderá estender-se pela superfície terrestre e marítima de todo o globo terrestre."

É interessante assinalar que uma das razões que levam os líderes soviéticos a manter este ponto de vista em virtude de sua própria doutrina política, não é absolutamente militar. É que, a doutrinação de 200 milhões de indivíduos no sentido de acreditar, sem restrições, no triunfo final do comunismo não pode admitir a destruição deste sistema, numa noite, por um engenho científico resultante da pesquisa científica capitalista. Seria catastrófica a perda de moral comunista produzida por tal admissão.

O COMBATE TERRESTRE APÓS O ATAQUE INICIAL

Pode objetar-se que os líderes soviéticos externem esse ponto de vista só para fins de propaganda e que eles próprios não mais o esposem. Mas, uma vez que instituição militar soviética e a instrução ministrada se ajustam ao conceito de que a guerra deve continuar, após o ataque nuclear, nós do Ocidente não podemos deixar de aceitar, pelo menos até os próximos anos, o valor aparente deste ponto de vista.

E, por exemplo, significativo que a adoção formal desse conceito — 1954-1955 — coincidiu com a reorganização das forças de defesa aérea da União Soviética. A artilharia da defesa aérea, os mísseis terra-ar, parte das forças interceptadoras de caça e alguns elementos da defesa civil constituíram, desde 1935, um comando unificado, subordinado ao Marechal Biryuzov — no mesmo nível das forças terrestres, aéreas ou navais. A organização desse comando parece objetivar a condução de uma luta independente, para diminuir os efeitos do ataque nuclear contra a URSS, sem estar sujeita às atividades das outras três forças armadas ou ao sucesso ou insucesso das operações militares em qualquer outra parte.

Além disso, mesmo o exame mais sumário do tipo de treinamento feito pelas forças terrestres e aerotáticas soviéticas indica que as operações terrestres serão muito rápidas e móveis. Em muitos exercícios realizados pelas forças soviéticas na Alemanha Oriental já se concebe a transposição de um rio por blindados e infantaria transportada em caminhões, dentro das condições de radiação resultantes da explosão de uma arma tática.

Argumento que esta determinação do treinamento das forças armadas para o combate após o ataque nuclear conduz a uma só conclusão: a fim de que a guerra seja ganha com a destruição das forças armadas do inimigo por meio de uma série de combates terrestres, aéreos e marítimos, estendendo-se, talvez, por todas as superfícies terrestre e marítima do globo terrestre, é então absolutamente essencial que as forças armadas soviéticas escapem da destruição durante o ataque nuclear contra o seu país, não obstante o dano infligido aos centros industriais e populacionais. Isso só pode dar-se, numa grande amplitude, por meio de uma gigantesca operação de dispersão, isto é, pelo afastamento do grosso das forças armadas soviéticas para tão longe quanto possível de seu país. O território soviético, naturalmente, estaria extremamente danificado após um ataque nuclear e, provavelmente, os líderes soviéticos consideram, acima de tudo, o uso de sua superioridade em forças convencionais na Europa Oriental e Rússia Ocidental, a fim de forçarem uma passagem para fora das áreas de radiação, ainda que isso exija uma invasão, em grande escala, da Europa Ocidental e, talvez, de certas regiões do Oriente Médio. Outro argumento em favor desta linha de ação seria o fato de que, se as forças soviéticas, com ou sem o emprego das armas atômicas táticas, tivessem êxito em lograr uma penetração importante na região da OTAN e atravessassem o Reno para o interior da França, deslocando-se também para dentro da Itália, os aliados ocidentais estariam talvez

menos dispostos a empregar a bomba de hidrogênio contra as potências da OTAN, temporariamente sujeitas à ocupação militar soviética.

OCUPAÇÃO DA CABEÇA DE PONTE DA OTAN

Resumindo, acredito conseqüentemente que a irrupção da guerra nuclear provocaria simultaneamente um esforço importante por parte da Rússia de ocupar a cabeça de ponte da OTAN, a oeste e sul da Europa, e também partes do Oriente Médio. Isso atingiria simultaneamente à dupla finalidade: a destruição do grosso das forças da OTAN, na cabeça de parte européia, e a dispersão, em segurança, do grosso das forças armadas soviéticas fora da área de concentração da radiação nuclear dentro da União Soviética. Aí o sistema de defesa aérea do Marechal Biryuzov estaria empenhado em estabelecer a ordem após a destruição causada pelo ataque nuclear, além de ocupar-se plenamente da necessária manutenção do funcionamento dos serviços essenciais para civis e militares.

É compreensível que a aplicação dêste princípio, apesar de lógico, põe os responsáveis pela defesa soviética diante de uma gama de problemas logísticos e de segurança militar. É certamente significativa a reorganização de vulto que se tem processado nos serviços do Exército soviético desde 1957. Pela primeira vez na história da URSS, eles são chefiados por um marechal da União Soviética — Marechal Bagramyan — com uma posição equivalente à de Vice-Ministro da Defesa. Um oficial com sua vasta experiência de combate e alta categoria seria certamente necessário para tratar dos problemas de incremento dos suprimentos de reserva, da criação de processos novos e imaginativos para levar alimento, combustível e munição à linha de frente submetida a radiação atômica, bem como das medidas preventivas contra a contaminação dos suprimentos de água.

O General Kurochkin, comandante de uma das academias militares soviéticas aduziu outras considerações a respeito em um artigo da "*Military Thought*":

Na guerra moderna, quando grandes exércitos, atuando em vastas áreas dependem muito da continuidade do suprimento de quantidades enormes e variadas de materiais de guerra, é essencial o equacionamento minucioso de todas as questões atinentes à organização de áreas de suprimentos estratégicas, operacionais e táticas. Problemas de transporte, a defesa das linhas de suprimento, a segurança de suas bases e do transporte ferroviário para a linha de frente, revestem-se de primordial importância em face do emprego das novas armas.

Convém notar que a frota aérea civil soviética, que certamente exercerá um papel vital em tal operação, no transporte de torpas e suprimentos, passou recentemente a ter um novo chefe — General-de-Brigada Loginov, um dos mais enérgicos e experimentados comandantes da força aérea soviética.

Os pormenores da campanha militar e aérea, que será levada a efeito pelo exército soviético invasor, estão fora do propósito deste trabalho, ainda que possam ser previstos com exatidão. É também impossível estimar, mesmo aproximadamente, o número de dias, a partir da investida da Europa Oriental, que levaria o principal elemento das forças soviéticas para conseguir seu objetivo: a destruição da capacidade operacional das forças terrestre e aérea da OTAN na cabeça de ponte européia. Antes de tudo, quem pode prever o efeito das primeiras explosões de armas nucleares táticas do mundo sobre a velocidade e maneabilidade? Entretanto, pode dizer-se que planejadores soviéticos (ainda que as forças estacionadas atualmente na Alemanha Oriental e Rússia Ocidental fôssem um tanto reduzidas) admitem que poderiam pôr fora de combate as forças da OTAN na cabeça de ponte e ocupar a costa atlântica, à custa, embora, de enormes perdas. Esperam também, uma vez atingidos os principais centros populacionais, estabelecer uma espécie de administração civil com elementos locais comunistas, além de poderem, depois da terminação da campanha, começar a apoiá-las com os recursos locais.

O MÉDIO E EXTREMO ORIENTE

Vejamos agora a situação no Médio e Extremo Oriente: Ai, o incentivo soviético para deslocar-se rapidamente seria o mesmo: dispersar as forças operacionais terrestres e aéreas, usando, se necessário, território estrangeiro. A tropa então estacionada no Transcaucaso e nos Distritos Militares do Turquestão poderia dispersar-se satisfatoriamente na Pérsia e Afeganistão sem encontrar resistência séria; a campanha poderia ser pressionada através do Iraque e Síria, visando aproximar-se da Turquia, de cujos territórios os mísseis balísticos de médio alcance teriam sido dirigidos contra objetivos na União Soviética. É provável, porém, que a finalidade da campanha nesta região seria ditada mais pela necessidade de escolher uma zona adequada para o "estacionamento" de uma considerável força soviética — digamos até 30 divisões — em que os problemas de apoio logístico não fôssem excessivamente complexos; na realidade, o objetivo soviético seria criar um "estacionamento" militar viável nas áreas mais férteis do Oriente Médio, ao invés da inclusão de todos os Estados do Oriente Médio na lista de territórios ocupados. É improvável que, nessa fase, as forças soviéticas procurem estender as operações para o interior do Paquistão e da Índia.

No caso do Extremo Oriente, não seria de estranhar que já existisse acôrdo entre os governos soviético e chinês para facilitar a transferência de certos elementos das forças terrestres e aéreas do Transbaikal e Distritos Militares do Extremo Oriente para a Mandchúria ou Mongólia Interior, na eventualidade de uma destruição nuclear na União Soviética. Esse deslocamento teria de ser particularmente eficiente e rápido, uma vez que a União Soviética espera que sejam lançados mísseis das bases de Okinawa e Japão. Com isso, também visar-se-ia poupar as forças soviéticas. Mas devo frisar que estamos considerando aqui apenas uma guerra entre o Oriente e o Ocidente sem a participação inicial da China Comunista. Assim, pode prever-se uma considerável massa de tropa so-

viética temporariamente estacionada no território chinês e, talvez, também na Mongólia Exterior.

Dêste modo, iniciadas as hostilidades, é de esperar que se verifique o estacionamento das forças armadas soviéticas em três importantes "centros de fuga": a cabeça de ponte da Europa Ocidental presentemente defendida pela OTAN; partes do Oriente Médio; e parte da região fronteiriça chinesa com a Rússia. Essa operação constituiria a primeira fase da guerra total, em que teria lugar, relativamente falando, a maior parte dos previsíveis movimentos estratégicos do conflito. Mui-tíssimos outros fatores desconhecidos seriam então considerados em qualquer estimativa soviética da segunda fase, como por exemplo: o verdadeiro grau de destruição sofrido pela União Soviética, América do Norte, Inglaterra e outras bases de ultramar dos Estados Unidos; a exatidão ou não do prognóstico soviético de que ambos os lados estariam aptos a continuar a luta depois da primeira fase; e a possibilidade de ambos os lados, ou somente um, dispor ainda de meios para continuar a usar e produzir armas atômicas ou nucleares. Caso nenhum tenha esta capacidade, qual seria a situação relativa dos dois lados no tocante a forças convencionais e a potencial humano instruído? Seria certo dizer-se, por exemplo, que ao ocuparem a cabeça de ponte da OTAN, os melhores elementos das forças terrestres e aerotáticas soviéticas teriam, provavelmente, sido empenhados e sofrido severas perdas, enquanto que as forças existentes da OTAN, mesmo que estivessem totalmente destruídas, representariam apenas uma fração do possível exército de uma aliança Ocidental plenamente mobilizada. Adicionando-se a essas incertezas, os efeitos reais do emprego das armas atômicas e de hidrogênio sobre a população civil, suprimentos de água, regiões agrícolas e remoção de excrementos, as dificuldades de uma previsão tornam-se alarmantes.

2ª FASE. UMA EXTENSA SÉRIE DE MOVIMENTOS RÁPIDOS E REAÇÕES CORRESPONDENTES DE ÂMBITO GLOBAL

Entretanto, se pudermos admitir que haja uma direção militar e política dos soviéticos resoluta e capaz de conduzir a guerra contra o Ocidente, e que na primeira fase foram lançadas cerca de 100 divisões russas na Europa Ocidental, Oriente Médio e China Setentrional, acredito que as operações nesta segunda fase dependeriam, quase inteiramente, da existência de informações seguras por parte do governo soviético sobre a capacidade nuclear restante do Ocidente. Até que fôsse esclarecida esta questão, seria de esperar que a preservação das forças armadas continue sendo o objetivo principal do alto comando soviético. Os soviéticos evitariam qualquer estratégia que implicasse grandes concentrações de forças terrestres e aéreas para o ataque a um só objetivo como, por exemplo, a Grã-Bretanha. Se, pois, os dirigentes da União Soviética não tiverem certeza do estoque de armas nucleares do Ocidente após a primeira fase, provavelmente não se arriscariam a empenhar grande número de divisões e aeronaves numa tentativa de Trans-

posição do Canal da Mancha, visto que tal concentração poderia apresentar um alvo compensador para novo ataque nuclear. Assim, até que os dirigentes soviéticos se certifiquem das possibilidades atômicas do Ocidente, é de esperar que as forças soviéticas na Europa Ocidental executem incursões dispersas, talvez até o norte ou mesmo a Oeste da África, a fim de sondar o valor e intenções do Ocidente, atemorizar o mundo neutro e conservar suas forças móveis, diminuindo, assim, os riscos de apresentar um alvo concentrado e maciço. Preveria também que fato idêntico se passasse no "estacionamento" soviético do Oriente Médio, isto é: nenhuma invasão em larga escala do subcontinente indiano, mas incursões profundas e amplas, com apoio aéreo aproximado para sondar, amedrontar e manter-se sempre em movimento, dentro, naturalmente, das limitações de combustível e suprimentos.

ENVOLVIMENTO DE TÓDAS AS REGIÕES TERRESTRES E AÉREAS

Se os líderes soviéticos se convencessem finalmente de que fôra anulada a capacidade do Ocidente quanto à fabricação de armas nucleares, poder-se-ia prever que fortificassem, militar e politicamente, sua posição na Europa Ocidental e, em seguida, a transformassem numa base para incursões, de intensidade crescente, contra o território mantido pelo Ocidente ou as regiões estratégicas sob o contróle dos "neutros".

É admissível que tal fase dure muitos meses, talvez anos, durante os quais os soviéticos esperariam que o Ocidente levasse a efeito o mesmo tipo de reconhecimento afastado, facilitado pelo poder naval, contra o qual a União Soviética faria o máximo emprego de sua frota de submarinos. Se, todavia, viessem a acreditar que certa região estratégica tivesse sido removida por seus adversários no interesse do plano geral do Ocidente, os soviéticos poderiam tentar ocupá-las permanentemente e organizá-la nos moldes comunistas no interesse de seu esforço de guerra. Assim, poderia surgir um esforço de guerra soviético, tendo por base uma nova "fortaleza" na Europa Ocidental e África Setentrional, opondo-se ao do Ocidente com base no Pacífico e Atlântico e parte da América do Norte.

Se, por outro lado, os soviéticos julgassem que o Ocidente possuía maior capacidade nuclear do que a prevista para o fim da primeira fase, e que, naturalmente, usasse arma de hidrogênio contra a Europa Ocidental densamente ocupada por forças soviéticas, os movimentos de dispersão poderiam, então, tornar-se mais rápidos e amplos. Poderiam tais forças procurar dispersar-se por toda a Europa Ocidental e noroeste da África a fim de infiltrar-se, não tanto para ocupar território, mas para manter o seu grosso intacto até que fôsse esclarecido o valor, o moral e as probabilidades militares do Ocidente. Admitindo-se, ainda, que ambos os lados sejam capazes de continuar a guerra, após a segunda fase, e que ainda possuam capacidade nuclear, seria de prever que a União Soviética tome uma posição de reconhecimento defensiva, aguardando os indícios de concretização de uma contra-ofensiva ocidental contra a Europa, África Setentrional ou Oriente Médio, ocupados pelos soviéticos. Quando começasse a surgir uma concentração ocidental, poder-se-ia es-

perar uma contraconcentração soviética a ser rapidamente dispersa, em uma vasta área, ao primeiro sinal do reaparecimento de arma nuclear, a não ser que a concentração ocidental mostrasse ser um engodo.

Em minha opinião, pode ser perfeitamente esta a forma de guerra, durante vários anos, na segunda fase: uma série de operações móveis em que ambos os lados se utilizem de tôdas as regiões terrestres e aéreas do globo, levando consigo seus suprimentos e combustíveis, para explorar e sondar, impondo danos ao inimigo onde possível, evitando, ao mesmo tempo, concentrações que possam constituir alvo para bombardeio nuclear. A idéia do alto comando soviético de levar a efeito esta rápida operação combinada pode ser deduzida da seguinte citação do "Military Thought":

"As características do tipo de estratégia ofensiva (objeto de nosso estudo) compreendem: ataques frontais e contra-ataques nas mais complexas condições, tanto de dia, como de noite; operações aéreas e terrestres independentes com tropas aeroterrestres e desembarques de tropa transportada por via marítima; emprêgo em regiões costeiras de forças com grande velocidade, em situações rapidamente variáveis; montagem de operações combinadas em curto prazo."

Além disso, entendo que a previsão soviética de que "a guerra seria travada sobre toda a superfície terrestre e marítima do globo" significa que os soviéticos estão preparados para realizar incursões, não só contra a África, Índia e Paquistão, como também para executar ações diversionárias contra bases na Groenlândia, Norte do Canadá ou em outros pontos do Novo Mundo, e ainda que o alto comando soviético esperaria também opor-se às incursões do Ocidente contra a periferia e o centro de "seu" continente.

3ª FASE: FIM DA GUERRA, NÃO COM UM ESTOURO, MAS COM A ELEVÇÃO DE UM DOS LADOS À SITUAÇÃO DE POTÊNCIA DOMINANTE DO MUNDO

Devemos, agora, fazer a mais difícil previsão, qual seja, a concernente ao modo de chegar a guerra a uma feliz conclusão. Francamente, pelos indícios oriundos de fontes soviéticas, não acredito que isso se verifique. Temos de conceber que o poder militar, aéreo e naval do bloco soviético se estenda e se disperse, em pequenos grupos, por todo o continente eurasiático, pela África, talvez, pelo subcontinente Indiano ou pelas regiões polares. Somos também levados a admitir que parte do poder submarino soviético opere nos oceanos Atlântico e Pacífico e que os líderes soviéticos se empenhem arduamente em organizar, nos moldes comunistas, os povos e os recursos dos territórios ocupados, tendo em vista o esforço de guerra e a reconstrução do seu país.

E julgo que a única admissão possível é que os estrategistas soviéticos prevêem, como consequência das amplas operações de dispersão da segunda fase, certo grau decisivo de superioridade para um dos lados que finalmente poria fim à guerra. Nessa hipótese, a guerra seria travada até o fim e não terminada em virtude da combinação de fatores atualmente desconhecidos, tanto por nós como pelos soviéticos.

Teoricamente, é natural que ambos os lados esperem dispor, no fim da segunda fase, de indiscutível controle da maior superfície possível da terra, capaz de impedir o uso pelo inimigo de todos recursos essenciais, a ponto de tornar este cada vez mais fraco e impossibilitado de prosseguir na guerra.

Embora aceite que não haja indício seguro oriundo das fontes soviéticas, que nos conduza a tirar conclusões positivas sobre as razões em que se baseia o alto comando soviético para se considerarem vitoriosos, procurei aqui traduzir a doutrina de guerra soviética em uma forma prática de estratégia. Até agora, tratamos de uma guerra travada, desde o início, entre a União Soviética e o Ocidente. Mas há outra possibilidade que, acredito, os soviéticos muito temam: o rompimento de uma guerra entre a China Comunista e os Estados Unidos, em virtude de brutal arrogância e provocação por parte de Pequim. Poder-se-ia imaginar que no início das hostilidades, Pequim solicitasse à Rússia que cumprisse seu compromisso para com a aliança militar, realizando um ataque nuclear contra as bases americanas no Pacífico e talvez contra a Costa Ocidental. Neste caso, Moscou teria de decidir-se, seja por uma guerra preventiva, envolvendo a destruição, em represália, de grande parte do território soviético e, provavelmente, as campanhas diversionárias que procurei descrever — tudo para auxiliar a China Comunista — seja pelo não cumprimento das cláusulas da aliança. Há poucos anos, no outono de 1958, quase tivemos a concretização da situação acima descrita, quando os comunistas chineses começaram o bombardeio das ilhas ao largo da sua costa. A reação de Khrushchew foi bastante significativa, pois pela primeira vez apresentava ao Governo dos Estados Unidos uma nota tão injuriosa e violenta que o Presidente recusou aceitá-la. Creio que Khrushchew estava profundamente ansioso por impedir uma guerra sino-americana a fim de evitar o referido dilema. Enquanto refreava Pequim preparou-se para fazer o máximo possível de ameaças e bravatas com o fim de convencer o Ocidente sobre sua disposição de apoiar a China Comunista a todo custo.

Na verdade, se esta situação evoluísse, julgo que os russos transigiriam. Não desencadeariam uma guerra nuclear para apoiar a agressão da China, mas procurariam uma fórmula para cumprir as cláusulas da aliança com Pequim. Podiam “emprestar” parte da frota soviética do Pacífico — principalmente submarinos — aos chineses, ou permitir que estes usassem as bases soviéticas. Assim, esperariam colocar os Estados Unidos diante do mesmo dilema: levar a guerra à União Soviética ou limitar as suas operações à China. Podiam mesmo aplicar o inverso da técnica de dispersão, sobretudo se os Estados Unidos estivessem empre-

gando armas atômicas ou nucleares contra a China, permitindo o estacionamento de uma parte das melhores forças terrestres e aéreas comunistas no território soviético — no Transbaikal — a fim de poupá-las para ulterior emprêgo. Em linhas gerais, mesmo que os comunistas chineses entrassem em guerra com os Estados Unidos, ser-lhes-ia difícil continuar as hostilidades sem a aprovação soviética. Além disso, é muito provável que a influência militar soviética sobre a China seja suficientemente forte para pôr fim à guerra, independente da vontade dos chineses, se os rusos assim o decidirem. Em outras palavras, a Rússia poderá ser incapaz de evitar que os chineses cometam o erro político crasso de provocar uma guerra, mas provavelmente poderia impor sua conduta, duração e fim, de acôrdo com o seu interesse.

GUERRA LIMITADA. NÃO É ACEITA EM MOSCOU MAS PODE TER GUARIDA EM PEQUIM

Chegamos ao assunto final, isto é, à guerra limitada. Acredito que este tipo de guerra esteja ultrapassado em Moscou, o que talvez não se verifique em Pequim. Foi antes tentado na Coréia, por ordem de Moscou e, apesar de tóda a propaganda em contrário, não logrou êxito, *segundo a opinião de Moscou*, simplesmente porque não conseguiu trazer a Coréia do Sul para a órbita comunista. A guerra coreana mostrou também aos russos como são inseguros os exércitos satélites, sendo isto confirmado na Hungria em 1956, quando o Exército Comunista d'este país apoiou os revolucionários. Os soviéticos adquiriram a experiência de que as guerras limitadas por procuração têm pouca probabilidade de obter sucesso decisivo e de que os exércitos não merecem confiança sob o ponto de vista político, não podendo, assim, receber armas de alta prioridade. Ademais, se derrotados, podem êsses exércitos desintegrar-se e mesmo ceder terreno ocupado pelos comunistas para o Ocidente. Outrossim, as guerras limitadas conduzidas pelos Exércitos Soviéticos teriam grandes possibilidades de evoluir para guerras totais, o que é admitido pelos próprios russos.

POSSIBILIDADE DE GUERRA LIMITADA

Se observarmos um mapa das fronteiras da União Soviética, veremos como são restritas as possibilidades de guerras limitadas conduzidas pelos soviéticos. A oeste, qualquer ataque à Noruega, Alemanha, Grécia e Turquia, envolveria imediatamente a OTAN; um ataque à Pérsia afetaria a Organização do Tratado Central e à Grã-Bretanha que é uma potência nuclear; o ataque ao Afeganistão só seria razoável para abrir caminho para o Paquistão que é também membro da Organização do Tratado Central; e no Extremo Oriente, a Rússia só se limita com a China. Não

há, portanto, objetivo adequado para uma guerra limitada da União Soviética. Mas isso não significa que a União Soviética se abstenha de fomentar rebeliões entre os povos do mundo árabe, Pérsia, Índia, Paquistão e África, como aconteceu na Malaia, onde se travou uma luta civil sob a direção do Partido Comunista. Tais lutas podem prolongar-se durante vários anos, sem perigo para a União Soviética, acarretando muito dano à causa ocidental. Todavia, não é esta rigorosamente a estratégia de guerra soviética, conquanto faça parte da estratégia e tática comunistas em todo o mundo.

Entrementes, resta o problema da China Comunista no campo da guerra limitada. É quase indubitável que Pequim esteja mais inclinado a apoiar esta estratégia do que Moscou. A China, em comparação com a Rússia, obteve vantagens da guerra coreana e, certamente, a sua experiência obtida com o auxílio dado aos comunistas vietnameses para assumirem o poder pode induzi-la a apoiar a guerra limitada em outras oportunidades, tais como no Laos ou Cambodia. A China apóia ostensivamente a idéia de guerra limitada no estreito de Formosa, e poder-se-ia dizer que tenha adotado tal procedimento contra a Índia em 1959. Mas no período ora considerado, parece provável que a influência militar russa sobre a China Comunista, embora nem sempre possa evitar que esta realize um ato bélico, poderá provavelmente impedi-la de travar até mesmo uma guerra limitada contra a vontade da União Soviética. Esse domínio, que talvez tenha sido forjado por Stalin quando a China era mais fraca, sem dúvida, não escapará facilmente das mãos de Khrushchev.

CONCLUSÃO

Fazendo uma rápida síntese, em primeiro lugar, sou de opinião que a União Soviética, sentindo ser muito restrita a sua liberdade de ação, não tomará uma atitude deliberada que possa ocasionar uma guerra nuclear contra os Estados Unidos. Contudo, os líderes soviéticos parecem estar convencidos de que os estados capitalistas, em certo estágio do "declínio inevitável" admitido por Moscou, poderão preferir a guerra total à submissão passiva ao comunismo. E realmente tal guerra poderia irromper em consequência de grave erro soviético, provocado por erro de interpretação dogmática. Se ela surgir, os soviéticos acreditam que será longa, penosa, e envolverá todo o mundo. Como a vitória virá, não pelo aniquilamento nuclear, mas pela destruição das forças armadas do inimigo, é essencial que se preservem estas forças durante a fase do ataque nuclear, podendo isso implicar a ocupação rápida de territórios inimigos ou neutros. Essa concepção leva-nos a prever uma possível campanha terrestre, marítima e aérea soviética destinada a poupar as forças armadas, visando ao seu emprêgo em uma luta final indeterminada. E penso que é tendo em vista essa concepção, que se poderia chamar de "lógica da dispersão militar" por parte dos soviéticos, que o Ocidente deva cuidar de suas defesas e medidas de contrapreparação.



EXÉRCITO

Coordenador: Ten-Cel HUGO DE ANDRADE ABREU

I — REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO CORPO DE OFICIAIS

Maj JOSE PESSOA

Não podemos esquecer o vulto insigne de nosso ex-comandante Marechal José Pessoa, neste ano de 1961 em que a Academia Militar das Agulhas Negras festeja o sesquicentário de sua existência.

A AMAN é fruto do idealismo d'este grande soldado, e "A Defesa Nacional" ao incorporar-se às festividades dos cadetes deseja, prestar singela homenagem ao Marechal José Pessoa, reportando-se a uma conferência feita pelo ilustre militar, em 1947.

Ayrton Salgueiro de Freitas,
Cel Diretor-Secretário

Ao encarar a importante questão do oficialato do Exército, não pretendemos apresentar novas idéias, mas apenas seguir, com adaptações ao nosso meio, o que é feito nos exércitos de todas as Nações bem organizadas, nas quais a instrução da classe armada e do povo é encarada como um dogma.

Como sabemos, a mobilização deixou de ser uma simples reunião de homens, indistintamente convocados a fim de receberem instrução e treinamento em qualquer arma ou serviço, para tornar-se em previsão de indústrias, armamento, equipamentos e prévio adestramento de indivíduos, de acordo com as suas características e vocações. Os exércitos de nossos dias exigem homens selecionados de acordo com a robustez

física, inteligência, aptidão e especialidade de cada um. É a guerra moderna, porque é total, não pode ser feita como no passado, somente com a mobilização parcial dos recursos humanos e econômicos; impõe-se, para fazê-la, a mobilização de todos os recursos militares e civis do país e a mobilização psicológica da opinião pública — se assim podemos dizer.

Os imperativos da nossa civilização e do orgulho nacional exigem que, ao mesmo tempo que forjamos a nossa estrutura industrial e mecânica, cuidemos de prever e criar UM HOMOGENEO CORPO DE OFICIAIS, força-motriz que impulsiona os órgãos vitais da nação armada.

Dentre os problemas políticos e sociais com que se defronta o Brasil, na hora presente, não deve ser esquecido o da educação militar e pré-militar. Os responsáveis deverão constituir uma elite, capaz de organizar uma força armada à altura das necessidades da defesa nacional.

O problema da constituição e seleção de um corpo de oficiais é uma das mais delicadas tarefas dos governos e deve, particularmente, preocupar o Alto Comando, que tem a maior parcela de responsabilidade na formação e preparo do oficial brasileiro. Para isto, é justo que se continue apelando para todas as fontes de recrutamento, porém, com exigências maiores quanto às condições morais, intelectuais, físicas e de aptidão militar, sem esquecer que a posição social do candidato tem particular influência na sua formação.

Assim sendo, esboçarei aqui algumas das idéias que nortearam a nossa passagem pelo comando da Escola Militar, aperfeiçoadas pelas observações novas que acabamos de fazer na Inglaterra e nos Estados Unidos, as quais, analisadas pelos órgãos técnicos competentes, poderão talvez servir de orientação a esse elevado designio.

O Colégio Militar, "casa onde a Pátria mandou recompensar, nos filhos, a viva gratidão que Ela devia aos pais", fundado pelo grande patriota Conselheiro Tomaz Coelho, concretizando uma idéia que a muito vinha preocupando o espírito e a ternura paternal de Caxias, deve ser a fonte principal de candidatos ao oficialato. A sua missão precípua será fundir e moldar o Corpo e o espírito da infância militar. A ele deve caber a gênese do corpo de oficiais de terra, de ar e quicá de mar.

Assim, deve esse Educandário merecer especial atenção das autoridades superiores e o cuidadoso desvelo daqueles que tivessem a responsabilidade direta de acolher, orientar e instruir a juventude militar. É preciso compreender o quanto há de complexo e delicado na educação desses pequenos brasileiros, na antemã da vida, crescendo, estudando, educando-se para servir ao Brasil.

Muito se terá ainda que fazer, para guiar, com acerto e segurança, o desenvolvimento e a educação de nossa juventude, na fase da sua existência que mais e melhor deve ser vivida.

Naquela casa de ensino, sementeira das novas gerações do Exército, entre os fisteres que lhe são próprios, deve ser cuidadosamente encarada a parte educacional dos Internados, pois é ali que se vai plasmar a personalidade do jovem candidato à Escola de Cadetes.



Marechal JOSÉ PESSOA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

É preciso que, ao chegar o jovem a esta Escola, já possua formação básica no triplice aspecto, físico moral e social, pois, a Escola das Agulhas Negras, pelos pesados encargos da formação profissional, que já tem, poderá apenas complementar esta delicada tarefa. Nessa altura, está a juventude com sua personalidade mental e suas características físicas quase consolidadas. Perfeitas ou defeituosas, será um tanto tarde para pensarmos em reeducação.

É verdade que à Escola cabe a missão de aperfeiçoar, mas não poderá dar aquilo que somente ao lar incumbe fazer. Assim, é necessário acrescer a administração daquele Colégio de um órgão que se encarregue da questão educativa e social dos alunos, a qual não poderá continuar como sobrecarga à tarefa já exaustiva do Comando.

Deve-nos orientar o exemplo dos educadores anglo-americanos, vivamente preocupados, nesta hora, com o futuro das novas gerações. Destarte, deve ser exigir, em condição obrigatória, a passagem de 2/3 dos candidatos à Escola de formação pelos Colégios Militares, visto que, só por essa maneira, se poderão padronizar os seus elementos, tornando homogêneos os nossos quadros.

Não queremos dizer, com isto, que o Colégio Militar deva ser a única fonte de candidatos que se destinam a esta Escola, mas impõe-se o restabelecimento das condições iniciais, estipuladas na fundação do "Imperial Colégio Militar".

Os colégios militares deverão proporcionar a iniciação profissional aos candidatos à Escola de Cadetes, e, para isso, outros estabelecimentos congêneres poderiam, a juízo do governo, ser fundados e localizados nas regiões geográficas de maior densidade de população, facilitando, deste modo, a manutenção de uma percentagem de representantes das várias zonas do país no Corpo de Oficiais, de acôdo com a população de cada Estado. Para atingir tal objetivo, primeiramente devem ser ampliadas as instalações e o aparelhamento pedagógico e científico do Colégio da Capital Federal, transformando-se-o num tipo padrão, pelo qual seriam modelados os demais colégios acima referidos. Deverão ser também revividas as tradições daquele educandário, cujo culto é fator psicológico imprescindível às organizações militares.

Não pode ser esquecido que a missão educativa dos Colégios Militares deve estar sempre conjugada à da Escola de Cadetes, estruturando o elemento formador do quadro de oficiais combatentes do primeiro posto do Exército Nacional.

Um ligeiro confronto entre os Colégios Militares e as Escolas Preparatórias atribui àqueles melhor unidade no ensino ministrado e, aos próprios alunos, em razão da idade e do meio educativo inicial, maior receptividade e melhor aproveitamento das influências disciplinares, físicas e culturais de uma educação pré-militar.

De acôdo com esta idéia as Escolas Preparatórias iriam cessando as matrículas à proporção que fôsem encerrando os seus cursos; as

atuais instalações seriam aproveitadas, com as ampliações necessárias e melhoradas, para a fundação de novos colégios militares.

Assim, poderíamos obter, tanto mais rapidamente quanto possível, a homogeneização dos quadros e a evolução do Ensino Militar, pois que a observação minuciosa e demorada dos candidatos, em sua permanência nos Colégios Militares, permite uma seleção justa e perfeita dos que devem ingressar na Escola de Formação.

Quanto à Escola das Agulhas Negras, originária da Real Academia Militar de 1793, cuja sede está erguida neste majestoso Vale do Paraíba, na margem que se estende até os contrafortes da grandiosa serraria da Itatiaia, exige o seu nome, de início uma referência.

Por estar aqui situada, foi que sugerimos crismá-la com o nome de **Academia Militar das Agulhas Negras**, idéia que tivemos quando, ao visitar pela primeira vez esta região, procurando o terreno para plantá-la, ao fazer a difícil escalada do Itatiaia, deparamos com aquela simbólica criação da natureza, sulcos gravados pela ação das chuvas nas lombadas polidas do penhasco, verdadeiras agulhas gigantes, enegrecidas pela pátina dos tempos, dirigidas para o firmamento, como a apontar, eternamente, à nossa juventude militar, o inflexível caminho do dever, sempre orientado para o alto.

Tinha a sugestão origem no maior acidente geográfico da região, onde se confinam as lindes de três dos nossos grandes Estados e, apesar das controvérsias, é ainda o traço mais elevado das terras brasileiras.

A escolha, portanto, não surgiu sem fundamento, de maneira inexpressiva ou arbitrária, mas, nasceu, espontaneamente de uma feliz inspiração.

Aliás, já aquêle símbolo figura no braço da armas desta Academia e, nos atributos dos seus uniformes históricos.

Se o nome de Rezende, conferido à Cidade, na época da homenagem é justificado, dado, porém, agora, a esta Academia é incompreensível, pois a geração moderna, glorificando Tiradentes e os demais mártires da Inconfidência Mineira, levanta o seu protesto cívico contra os algozes desses patriotas.

Realmente, as dificuldades e o estado psicológico duma época não foram bastante para conter o impulso de idealismo e a marcha vitoriosa do pensamento que pedia a concretização duma nova escola de formação para o nosso Exército. E o ideal, como a fé, remove montanhas.

As novas instalações das Agulhas Negras, desse modo, já vão proporcionando ao Exército um ensino universitário de alta qualidade, dando rumo definitivo e caldeando a mentalidade em formação do homem e do soldado, inculcando-lhe n'alma o culto ao passado, a vocação e proporcionando-lhe, enfim, o conforto necessário aos estudos e à vida escolar.

Aqui, estamos forjando uma juventude militar vigorosa e idealista, fora do ambiente turbulento e das tentações da nossa metrópole. Certamente formaremos oficiais de outro padrão — superiores e subordinados — os quais, amanhã, não terão preocupações outras que não

sejam as de cumprir com desvêlo profissional o compromisso honroso de bem servir ao Exército e à Nação.

O progresso das ciências, das artes e das indústrias mudou a feição dos exército, dificultou consideravelmente a missão do oficial. Dai surgiu, mais do que nunca, a necessidade de dotar o exército de oficiais selecionados, que possuam, em alto grau, a consciência dos seus deveres e de sua missão, a nítida responsabilidade de uma farda, que sejam, enfim, uma elite de homens devotados unicamente aos misteres da carreira das armas, capazes de instruir, disciplinar e educar civicamente a Nação.

Foi, assim, essa orientação de tão alto significado que orientou a reforma iniciada na Escola Militar do Realengo, em 1930.

Não há dúvida que urge insistir nesse conceito, cada vez mais oportuno, o de aperfeiçoamento de nossos quadros, lançado promissoramente naquela Escola por um grupo de oficiais, verdadeiros valores de nossa classe, cujo desenvolvimento tem sido perturbado por soluções de continuidade, tão prejudiciais à orientação definitiva do magno problema de formação do oficial brasileiro.

Não temos dúvida de que, se, numa continuidade de esforços, iniciarmos o preparo da formação da nossa infância nos Colégios Militares e prosseguirmos na mesma preocupação com os adolescentes na Escola de Cadetes, chegaremos àquele resultado, mesmo sem pertencermos à raça dos que se julgam presunçosamente superiores — formando uma plêiade homogênea de oficiais, perfeitos tipos selecionados, compatíveis com as possibilidades raciais do nosso povo.

A orientação contida no atual regulamento desta academia é boa.

Realcemos, porém, que o exemplo da Academia Real Militar, de Sandhurst, saída da experiência da guerra e transformada na única fonte de formação de candidatos ao exército regular britânico, considerando a continuidade de estudos nas demais Escolas de oficiais, reduziu o tempo de duração do seu curso, suprimiu, das matérias de ensino, tudo quanto era excesso de teoria bem como eliminou do horário escolar, certo número de formaturas diárias, julgadas demasiadas ao descanso físico e mental dos educandos.

Contudo, lá, como aqui, o objetivo da formação do oficial tem em vista, desde o início, a cooperação de tôdas as armas, o estudo da moral na paz e na guerra e a criação de um espírito de equipe através dos jogos desportivos de toda a espécie.

Conseguiremos, assim, desenvolver o caráter do futuro oficial, suas qualidades de chefe, com a formação de uma disciplina consciente (individual e coletiva); ensinar a compreensão da arte de comandar e os meios por que uma perfeita moral possa ser alcançada e mantida; garantir os meios pelos quais o oficial possa assegurar a si próprio e aos que estiverem sob o seu comando condições que os tornem mental e fisicamente capazes; ministrar ao futuro oficial, conhecimentos gerais a fim

de que ele possa colaborar nos problemas comuns da coletividade. Enfim, o principal objetivo é cavar profundos alicerces sobre os quais o futuro oficial possa orientar e orientar-se dentre os percalços de uma nova e incerta civilização.

É dever ter sempre em dia o problema da nossa organização militar através das investigações e conclusões dos nossos institutos. E, agora, a experiência da guerra, trazida, também com a FEB, não deve ser desprezada; os seus mortos não serão esquecidos e as suas glórias não de se apresentar nos nossos corações com o mesmo fragor com que, na alvorada da vitória, o pavilhão sagrado do Brasil foi hasteado nas montanhas da Itália.

Se não fôsem as numerosas academias que os Estados Unidos mantêm durante a paz, certo não teriam eles a glória de planejar e executar as prodigiosas operações militares ultramarinas que realizaram no Norte da África, o assalto à Sicília e a invasão da Europa, que poderão ser classificados com os mais ousados empreendimentos das recentes guerras.

A Escola Técnica, por seu turno, e no seu gênero, é a mais bem aparelhada das Escolas do exército.

Deve, ao nosso ver, manter a sua estrutura e orientação atuais. Entretanto, urge não esquecer a premente necessidade de criar um curso de pesquisas e aperfeiçoamento para oficiais — cientistas, selecionados entre os melhores cientistas jovens e engenheiros das escolas técnicas do país.

A alegação de que ela prepara técnicos, que, depois, deixam o Exército, só seria justa se esses diplomados não continuassem, na vida civil, a trabalhar pela cultura técnica do país. O Exército não vive separado da nação. Mas, admitindo como justa a alegação, para garantir por certo tempo a permanência desses oficiais no Exército, bastaria que fôsse introduzido no regulamento daquela Escola um dispositivo tendente a corrigir esse mal, se é que o podemos classificar. (Permanência nas fileiras por 5 anos).

É preciso, porém, que todos compreendam que o progresso do Brasil, em última análise, depende da formação de seus técnicos. De fato, com eles, iremos fabricar o armamento e equipamento necessário à nossa defesa; construir e facilitar os transportes, através da imensidade do nosso território; desvendar as riquezas do subsolo; industrializar as matérias-primas e, com os nossos metais, construir a maquinaria e as ferramentas necessárias ao nosso desenvolvimento industrial e ao nosso progresso.

Quanto à falta de oficiais subalternos nos corpos de tropa, elabora-se no mesmo erro quando se alega que ela decorre da matrícula de alguns oficiais de armas não técnicas naquele estabelecimento de ensino. O mal, porém, tem outra origem.

O verdadeiro motivo da falta de oficiais subalternos é muito mais sério: foi o descuido, durante longos anos, do problema básico e fundamental da formação.

Desde 1939, como Cmte da E M do Realengo e depois em outras funções, não tenho deixado de, em reiterados relatórios, pedir a atenção das autoridades superiores para a falta de oficiais subalternos e a grave situação que ameaça, dia a dia, o enquadramento e a instrução da tropa.

Em fins do ano atrasado, em Relatório da Inspetoria da Arma de Cavalaria, assim ainda nos expressamos ao Sr. Ministro da Guerra, de então:

"Enfim, devo despertar particularmente a atenção de Vossa Excelência para o alarmante "deficit" de oficiais subalternos da ativa no quadro da cavalaria e nas demais armas do Exército, pois os nossos quartéis estão entregues à inexperiência dos oficiais da reserva em grande número.

Devem estar V. Exa. e o Exército lembrados de que, como comandante da Escola Militar (1930-1934), encarecemos, por várias vezes, às autoridades superiores da Guerra, a reflexão sobre esse magno problema da nossa organização — a formação do corpo de oficiais. E, para sanar o perigo que se aproximava, estudamos e projetamos, naquela ocasião, nas maiores minúcias, a construção de uma nova escola de formação, em Resende, com capacidade para dois mil cadetes (2.000)".

Ao nosso ver, o grande empreendimento da nossa escola central de formação ainda está incompleto, exigindo mais energia e recursos, pela necessidade urgente de ampliação e aperfeiçoamento da obra realizada, como também, de aparelhamento técnico e aperfeiçoamento nos seus métodos pedagógico e educacional. Assim organizada, não há dúvida, será um instituto modelo, um laboratório perfeito às pesquisas do ensino militar e de apuro à mentalidade do Exército.

A colaboração dos Estados do Rio e São Paulo, foi posta à margem pelos reiniciadores da construção desta academia; hoje, porém, para a sua conclusão dever-se-ia solicitá-la aos Estados.

Não se compreende, a exemplo do que se faz nos outros países, que essa obra gigantesca, de interesse geral e vital para a Nação, e onde todos instruem os seus filhos, seja realizada somente pelo Exército.

Quanto à Escola das Armas e ao Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo, institutos por onde devem passar os oficiais superiores, capitães e subalternos de todas as armas, são por excelência, a escola de preparo profissional do oficial combatente.

O erro irreparável cometido com o fechamento, durante a guerra, da Escola das Armas e outros centros de instruções impõe-nos hoje cíclica tarefa, para a necessária multiplicação dos institutos de ensino militar e aumento das matrículas.

No que respeita aos seus atuais regulamentos, nada podemos aduzir sem que a experiência tenha dado seus frutos. Entretanto, parece-nos é certo o período letivo de 5 meses. Talvez a forma prática de atenuar os inconvenientes dessa compressão do período letivo fôsse a realização

de uma prova de admissão nas sedes dos Estados-Maiores Regionais. A essa prova concorreriam, em número superior aos das vagas previstas, capitães (ou tenente antigos) notificado com antecedência de 6 meses, aos quais seria remetido com a mesma antecipação o programa pormenorizado dos assuntos relativos ao concurso. Seriam matriculados os melhores classificados. Com isso, poderiam os trabalhos do Centro ser escoimados de muitos assuntos elementares e livre do pesado fardo de oficiais sem base. Outra vantagem desse critério seria o de acelerar o aperfeiçoamento dos oficiais de maior valor profissional.

A revigoração de exigência do Curso para a promoção a Major completaria a seleção dos valores.

Futuramente, deveria ser encarada a organização de mais um Centro de aperfeiçoamento em Porto Alegre. Caso os dois Centros não resolvam a crise de oficiais aperfeiçoados, e logo que o permitam as possibilidades dos quadros, um terceiro seria criado no Norte do País.

— A antiga Escola Superior de Guerra surgiu entre nós pelo regulamento de 1889, que substituiu, em moldes adiantados, o obsoleto regulamento de ensino de 74, impulsionando, assim, decisivamente, o nosso ensino militar.

Amantes das tradições, pensamos que aquêle nome aureolado, que se levantou há anos na Praia Vermelha, ali deveria ressurgir, no frontispício da nossa Escola de Comando.

Ela, em síntese, deverá encarregar-se da cultura superior do exército, isto é, dos cursos de Estado-Maior e de Alto Comando; aquêle destinado a formar oficiais para os Estados-Maiores; éste para habilitar ao generalato os coronéis melhor classificados.

Os novos generais assim formados usariam, como prêmio, a cópia da espada do Marechal Duque de Caxias, forjada pelo Estado, entregue em cerimônia de formatura militar.

No tocante à formação dos oficiais dos serviços (de saúde, veterinária, intendência) é necessária idêntica vigilância. Dever-se-ão observar os ditames de rigorosa seleção física, moral e intelectual para o ingresso aos cursos de formação ou de aplicação, sendo exigido dos alunos, durante o curso, elevado grau de aproveitamento e classificação por ordem de merecimento intelectual.

Os cursos de aperfeiçoamento deverão funcionar normalmente e serão condição mínima para o acesso ao posto de oficial superior.

No serviço de saúde, torna-se indispensável, nos dias de hoje, quando a experiência das guerras provou de sobejo a enorme tarefa da medicina nos campos de batalha, a formação de duas classes de médicos, perfeitamente distintas: a dos clínicos e a dos cirurgiões. Após um estágio nos corpos de tropa, de duração determinada, o médico militar escolheria a sua especialidade e a ela se dedicaria daí por diante.

Dentro dessas duas grandes divisões, outros cursos, sempre tendentes ao aperfeiçoamento, deverão ser instituídos com frequência.

Urge também que seja recomposto o quadro de dentista, dotando-o de profissionais capazes.

No serviço de Veterinária, especializações também são imprescindíveis: a de genética, a de inspeção de carnes e conservas, a de técnico de laboratório.

A guerra impõe uma série de restrições à vida civil da nação, inclusive nos seus transportes, que são requisitados para o exército. O equino é o substituto obrigatório de caminhões, automóveis, motocicletas, etc. Além disso, as irrefutáveis provas do largo emprego dos animais, na guerra que findou, nos autorizam a confirmar que a equinocultura é problema de magno interesse econômico e representa ponderável fator para a defesa nacional. Portanto, cumpre formar e selecionar técnicos que aperfeiçoem e acautelem os rebanhos, preparando-os para o estudo, na profilaxia e no combate às endemias tão lascivas à economia nacional quanto, muitas vezes, perigosas ao próprio homem.

Os cursos de formação e de aperfeiçoamento para oficiais intendentes, funcionando regularmente e melhor orientados num sentido mais objetivo das necessidades da guerra moderna, parece-nos, devem sofrer reforma adequada, para que se lhes dê perfeita orientação a respeito de tempo, velocidade, peso e volume, condições em torno das quais gira hodiernamente a excelência dos reabastecimentos dos exércitos.

Entretanto, não é possível realizar as idéias que acabamos de esboçar, sem o entusiasmo de um corpo docente que, como um facho, seja a luz irradiante da cúpula de novo sistema escolar. Ele também deve merecer das autoridades cuidados especiais na sua escolha e ter a recomendá-lo, além da erudição e competência na matéria que leciona, conhecimentos de sociologia, psicologia e pedagogia, pendor para o magistério, acrisoladas virtudes, reputação moral e social.

Ademais, é dever do professor acompanhar o movimento renovador e profundo que se opera dia a dia no campo do ensino.

A vida evolui e, com ela, o espírito e os métodos educacionais. Seria acertado enviá-los, pois, ao estrangeiro, nos centros de suas especialidades, depois de havê-los classificados por ordem de mérito.

Aliás, esse prêmio, que seria um estímulo aos estudos, deveria ser geral e progressivamente extensivo a todos os professores e aos cinco primeiros alunos de cada turma, nas Escolas de Oficiais, todos portadores de um programa a cumprir.

A missão do educador, sem dúvida, encerra uma das mais belas profissões terrenas, pois educar é sublimar as virtudes, é tarefa das mais delicadas e difíceis.

Cabe, pois, à atual geração de educadores fazer reviver e manter nos nossos institutos o prestígio e o esplendor do ensino militar dos tempos da Academia Real Militar de 1811 e da Escola Militar da Praia Vermelha.

II — VILA ABRIGO DO BOM MILITAR

E NÃO CARIDOSO ASILO DE INVÁLIDOS DA PÁTRIA

Ministro T. A. ARAÚJO

Honroso convite do dinâmico e interessado diretor, o Coronel Arquimedes de Araújo Dória, levou-me, pela primeira vez, ao Asilo de Inválidos da Pátria, na ex-ilha de Bom Jesus.

Assisti à inauguração de singelo monumento, em granito, como lembrança dos feitos beneméritos dos heróis e mártires das lutas internas de Canudos e do Contestado do Paraná e Santa Catarina. Senti-me no dever de prestigiar tão oportuna e significativa homenagem aos militares que se dedicaram e se sacrificaram em defesa das Instituições, da Lei e da Ordem. Eu, que modestamente me voto à reivindicação de nossas glórias militares e principalmente ao enaltecimento da obra construtiva do Exército do passado, a que o Exército do presente tanto deve; eu, que levanto a bandeira da revisão dos fatos históricos militares, consubstanciados nas lutas intestinas, epopéias que constituíram verdadeiro padrão de glória para os seus participantes, padrões chantados conscientemente com suor, sangue e vida de heróis, dignificantes das respectivas gerações.

Dai as reflexões que julguei úteis, ao ter a honra de encerrar as brilhantes exposições ali feitas pelo diretor do Asilo, pelo eficiente e valoroso historiador General João Baptista de Mattos e pelo culto pastor E. Deslandes.

A designação de *Asilo de Inválidos*, com cabimento na época de sua criação, após a Guerra do Paraguai, para acolher caridosamente os estropiados de uma luta malquista, não mais poderia prevalecer quando a razão reconhece que não se trata mais de obra caridosa a desamparados, embora merecedores da Pátria. O recato e o orgulho repelem a esmola ostensiva, e a designação de *Inválido da Pátria*, que foi um padrão de respeito e glória, passou a ser opróbrio do desamparado e do necessitado.

Casa ou Abrigo do Bom Militar, parece-me designação apropriada. *Casa ou Abrigo*, significativo monumento vivo, que perpetue e lembre os serviços inestimáveis, na paz e na guerra, do bom servidor e dos heróis que souberam tudo dar de si para o bem da comunidade e da Pátria.

Monumento — vila ou cidade — sob a forma de organização de residência e de assistência.

A área da tradicional Ilha de Bom Jesus muito se presta a esse invulgar empreendimento. Ela gozará das vantagens de vida resultantes da contiguidade da *Cidade Universitária*, esse grande monumento e fator do desenvolvimento nacional e que o governo deveria já ter concluído no seu plano completo.

Está na mente de qualquer ser comum, que o desenvolvimento nacional depende mais da força construtiva da cultura e da pujança moral do povo do que das obras materiais suntuárias, cuja concepção e utilidade dependem daqueles fatores.

Sem ciência e sem valor moral, nenhum povo progredirá e fará prevalecer o seu direito a subsistência.

As gerações que surgissem ao lado da *Vila do Bom Militar* aprenderiam cedo a lição dos que se dedicaram ao serviço da Pátria e desta muito mereceram.

É tempo de evoluir-se para, em lugar dos velhos mocambos da Ilha de Bom Jesus, fazer nascer um conjunto residencial moderno, como há os conjuntos ou parques residenciais, com instalações de residências, hotéis, divertimentos apropriados, bancos, elementos de tratamentos, etc.

Retire-se dali o Presídio Militar, cuja coexistência com os asilados é perniciosa. Que a idéia, já levantada pelo Clube Militar, da Casa do Bom Militar tome corpo e se transforme em realidade gloriosa.

Apele-se para a novel Associação do Hipódromo Guanabara, que se constrói nas vizinhanças e que poderá dar uma cota de fins filantrópicos, patrióticos e humanitários. Quem dá aos bons empresta a Deus. E os velhos servidores militares, muitos sem o calor de uma assistência amiga, terão o seu fim de vida, mitigado por assistência oportuna e inteligente.

Estamos em época de renovação. Renovemos os cuidados de assistência ao elemento humano que deles precise urgentemente.

Eis uma idéia que um velho Militar, com mais de 48 anos de serviços, lança aos jovens e ardorosos companheiros, que devem pensar no futuro. Um monumento ao Bom Militar!



Seção

do CANDIDATO à

ESCOLA DE COMANDO E
ESTADO MAIOR DO EXERCITO

Coordenador: Maj GERMANO SEIDL VIDAL

SUMÁRIO

RESUMOS DOS PONTOS DE HISTÓRIA

Organizados pelos Majores Pedro Maciel Braga e Ivan Lobo Mazza
(Continuação).



DOCUMENTOS BÁSICOS PARA O PREPARO DO CANDIDATO A Es ECEME

GEOGRAFIA

- Geografia do Brasil — Delgado de Carvalho
Geografia Regional do Brasil — Delgado de Carvalho
Geografia Humana de 1934 — Aroldo de Azevedo
Geografia Humana do Brasil — Pierre Deffontaines
Notas de Geografia Militar Sul-Americana — P. de Paula Cidade
História Econômica do Brasil — Roberto Simonsen
Realidades Econômicas do Brasil — Pires do Rio
Partes da Geologia da História Natural — Waldemar Potsch
Geologia do Brasil — Avelino — Oliveira e Othon A. Leonardos
As Grandes Regiões do Brasil — Conselho Nacional de Geografia
Alguns Problemas brasileiros (subsídios para o seu estudo, coligidos pelo Conselho Técnico Consultivo da Confederação Nacional do Comércio — 1955)
Aspectos geográficos sul-americanos ou Projeção continental do Brasil — Mário Travassos
O Domínio da Bacia Hidrográfica do Prata — Francisco de Paula Cidade (Rev Mil Brasileira — Jan, Mar, Jun, Jul e Set 1930)
Sobre os fundamentos para o estudo dos aspectos militares da Bacia do Prata — Cel R1 João Batista de Magalhães (idem Jan-Jun 1940)
Perspectivas da Economia Brasileira — Industrialização da Economia Nacional — ISEP — 1958.

HISTÓRIA

- História do Brasil — João Ribeiro (Curso Superior)
Manual de História do Brasil — Basílio de Magalhães
História do Brasil — Barão do Rio Branco
História Geral do Brasil — Visconde de Porto Seguro, anotada por Rodolpho Garcia
História do Brasil — Rocha Pombo
História do Brasil — Pedro Calmon
Evolução do Povo Brasileiro — Oliveira Viana
História das Américas, publicada sob a direção de Ricardo Levone, Ed Bras dirigida por Pedro Calmon, 14 vol (Ed Jackson) — 1947
História da América — Gastão Ruch
(Das Instruções para o Concurso, atualmente em vigor)

RESUMOS DOS PONTOS DE HISTÓRIA

Organizados pelos Majores Pedro Maciel Braga
e Ivan Lobo Mazza (Continuação)

PONTO 7

GUERRA DO URUGUAI (1864-1865)

Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai

I — Exame da situação político-militar existente no PARAGUAI, na ARGENTINA, no BRASIL e no URUGUAI a partir de 1852 e conclusões sobre:

- A situação geral no que se refere à segurança nacional, particularmente no BRASIL e no PARAGUAI.
- Os motivos determinantes da intervenção do BRASIL no URUGUAI e sua repercussão na ARGENTINA e no PARAGUAI.
- Causas da Guerra do Paraguai em correlação com as que possibilitaram as guerras de 1825/28 e 1851/52.

1 — SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR

a) *Relações BRASIL-URUGUAI*

- Limites SUL e C/OESTE
- Navegação
- Flôres
- Saraiva

b) *Relações BRASIL-PARAGUAI*

- Limites e navegação
- Pimenta Bueno
- Visconde do Rio Branco

c) *Relações BRASIL-ARGENTINA*

- Compreensão
- Consequências de 51/52

d) *Relações ARGENTINA-URUGUAI*

- Urquiza e Mitre
- Cepeda e Pavón
- B. Aires perde supremacia

- Flôres
- Rompimento
- e) *Relações PARAGUAI-URUGUAI*
 - Missão Herrera
 - Lápido — tratado defensivo
 - Sagastume
- f) *Situação militar do PARAGUAI*
 - 435 escolas
 - 1 arsenal
 - Estaleiros
 - Fortalezas
 - Operários e engenheiros
 - Missões militares de instr.
 - Esquadra (20 navios)
 - Recrutamento intensivo
 - Campos militares
- g) *Situação militar do BRASIL*
 - Boa esquadra (45 navios)
 - Exército desaparelhado
 - Não se acreditava em guerra
- h) *Situação Militar da ARGENTINA*
 - Infima esquadra
 - Exército: 6.500 H

CONCLUSÕES

- Com estabilidade política:
 - BRASIL
 - PARAGUAI
- Sem estabilidade:
 - ARGENTINA
 - URUGUAI
- Melhores condições para a guerra:
 - PARAGUAI
- Melhores possib. demog. e econ.:
 - BRASIL
- Dificil uma neutralização:
 - ARGENTINA
 - URUGUAI

2 — IMPOSIÇÕES GEOGRÁFICAS

- *Centros de potência:*
 - PARAGUAI:
 - ASSUNCIÓN
 - Ao longo do Rio Paraguai
 - IMPÉRIO:
 - RJ — SP — MG — RS
- *Bases:*
 - PARAGUAI
 - Implicava estender L. Com.
 - IMPÉRIO
 - Mais próximas
- *Objetivos:*
 - PARAGUAI — RS
 - IMPÉRIO — Humaitá, Assunción
- *Vias de acesso:*
 - República Argentina
 - Rio Paraná
- *Situação da ARGENTINA*
 - Grande influência:
 - Geográfica
 - Logística
- *Sua neutralidade:*
 - Transtornos ao PARAGUAI
 - Não afetaria o BRASIL
- *Alianças:*
 - Com o PARAGUAI
 - Prejuízo ao Império
 - Com o Império
 - Facilitaria as operações

3 — CONCLUSÕES GERAIS

- O PARAGUAI buscava
 - Vitória numa decisão militar
 - Para isso, atuar ofensivamente
 - Ao S de MT
 - Na Província do RS
 - Obter diplomaticamente ou a viva força o apoio da ARGENTINA

4 — CAUSAS DA GUERRA COM O PARAGUAI

A) Causas geralmente aceitas:

a) Causas remotas

- Antagonismo econômico-político entre ASSUNCIÓN e B. AIRES
- Antagonismo social oriundo da educação jesuítica, congregando o povo guarani e permitindo um regime absolutista e o liberalismo do BRASIL, ARGENTINA e URUGUAI
- Fatalismo geográfico
- Antagonismo hispano-luso

b) Causas imediatas

- Questões de limites
- Poder militar do PARAGUAI
- Livre navegação dos rios
- Educação européia de LOPEZ

c) Pretextos

- Invasão do URUGUAI (1864)
- Marquês de Olinda

B) Causas que podem ser defendidas e que parecem mais gerais e profundas:

a) Causas remotas

- Antagonismo ASSUNCIÓN-B. AIRES
- Responsabilidade das missões por:
 - Organ. polít. econ. do PARAGUAI
 - Tradição do Império Teocrático
 - Afinidades econ. sociais e humanas com o N da ARGENTINA e o RS
 - Valor econ., social, político do RIO

b) Causas imediatas

- Progresso do PARAGUAI
- Idéias de LOPEZ
- Estabil. econ., polít., social do PARAGUAI
- Política exterior do Império

c) Pretextos

- Invasão do URUGUAI (1864)
- Marquês de Olinda

* * *

II — Exame dos preparativos militares do PARAGUAI, as ligações de LOPEZ com URQUIZA e os líderes orientais, as atividades diplo-

máticas de orientais e paraguaios, a concentração do Exército paraguai, o terreno da Mesopotâmia e no Rio Grande do Sul e conclusão sobre:

- O plano de guerra de LOPEZ
- Possibilidades de sucesso desse plano em face dos elementos político-militares e psicológicos que o fundamentavam

PLANO DE GUERRA DE LOPEZ

(Provável existência)

- a) Caráter de cruzada contra monarquia — assegurando base
- b) Atuar simultaneamente
 - (S) — Itapuá, S. Borja, Urug., Paissandu
 - (P) — P. Pátria, Corrientes, Paraná
 - Levantar Corrientes e E. Rios
 - Destruir o inimigo
 - Instalar Gov. na ARGENTINA e URUGUAI
- c) Obtida base ap.
 - Invadir o RGS p/conq. P. ALEGRE
- d) Invadir M. GROSSO para efeitos morais

FUNDAMENTOS DESSE PLANO

- a) *Políticos*:
 - Promessas dos "Blancos"
 - Aliança ofensiva — defensiva
 - Lar Carreras
 - Compromissos de URQUIZA
 - Instabilidade de MITRE
 - Apoio de URQUIZA e dos "BLANCOS"
- b) *Militares*:
 - Superioridade militar do PARAGUAI
 - Possib. de levantes em E. RIOS e CORRIENTES
 - Relativa fraqueza militar do BRASIL
- c) *Psicológicos*:
 - "Hispanidad"
 - Caudilhismo platino
 - Invasão do RGS com o objetivo de atrair e destruir M. BARRETO
 - Possibilidade de influência antiescravajista no Império

* * *

- III — Exame da ofensiva paraguaia no MATO GROSSO e conclusão sobre.
 - Suas finalidades
 - Seus objetivos
 - Planejamento, traços essenciais da execução e consequências

INVASÃO DE MATO GROSSO

1 — Finalidade:

- Neutralizar a área
- Ocupar zonas contestadas
- Colhêr recursos econômicos
- Exaltação patriótica
- Influir os neutros

2 — Planejamentos:

- Resquin em 1863
- Atuar nas direções:

(P) CONCEPCIÓN — COIMBRA — CORUMBÁ

(S) CONCEPCIÓN — MIRANDA — COXIM, para conquistar COIMBRA, CORUMBÁ, MIRANDA, COXIM e NIOAC

- Aprofundar de COXIM e CORUMBÁ visando CUIABÁ

3 — Dispositivos:

- Na direção principal (P)
 - Barrios
 - Fôrças navais (8 nav.)
 - Fôrças terrestres (3.200 H)
- Na direção secundária (S)
 - Resquin
 - Fôrças terrestres (3.000 H)
- Na direção CONCEPCIÓN — DOURADOS
 - Urbietta (365 H)

4 — Execução:

- Partida de BARRIOS DE ASSUNCIÓN
- Refôrço de 1.000 cav. em CONCEPCIÓN
- Ataque a COIMBRA
- Evacuação do Forte
- Ocupação e perseguição
- Tomada de CORUMBÁ
- Resquin (F1/Gda-Urbietta)
- Travessia do APA
- Ocupação de DOURADOS
- Ocupação de NIOAC
- Ocupação de MIRANDA
- Ocupação de COXIM
- Clamor no Império
- Expedição
- Retirada de LAGUNA
- Evacuação dos paraguaios.

5 — Resultados da ação:

- Elevada moral paraguaia
- Império humilhado
- Ocupação até 1868
- Saque do gado (80.000 cab.)
- Equinos

* * *

IV — Planos de P. BUENO, CAXIAS, TAMANDARÉ e aliança, destacando seus elementos essenciais e crítica.

- Organização do comando da Triplíce Aliança.

SITUAÇÃO POLITICO-MILITAR EXISTENTE EM 1865

A — BRASIL

Governavam os Liberais

- Beaupierre Rôhan
- Mato Grosso invadido
- Tamandaré no URUGUAI
- Aliança c/Flôres
- Organizada cobertura no RGS
- ARGENTINA proclamava Neutral.

B — ARGENTINA

- Governava Mitre
- Posição em face da intervenção do Império no URUGUAI
- Posição em face de uma agressão de LOPEZ
- Pedido de LOPEZ
- Negativa de MITRE

C — URUGUAI

- Queda de Paissandu
- AGUIRRE tenta resistir

D — PARAGUAI

- Invade M. GROSSO
- Concentração:
 - Itapua
 - Passo da Pátria Humaitá
- Pedido a MITRE
- Declaração Guerra à ARGENTINA

PLANO DE CAXIAS

a) Como foi formulado:

- Efetivo, recrutam., instrução
- Qual o melhor P1 Op
- Outras medidas necessárias

b) *Análise do plano:*1. *Finalidade da Op:*

— Destr., forç., concentr. Itapua e Rio Paraguai (obj. estrat.)

2. *Atitude: ofensiva*3. *Objetivos:*

— 01 — HUMAITA (tático)

— 02 — ASSUNÇÃO (tático)

4. *Forma da manobra:*

— De ala e/ envolvim. parcial

— Fases:

— 1ª fase — conqu. 01

— 2ª fase — conqu. 02

— Direções:

— Frontal — princ. — rios Paraná e Paraguai

— Envolvim. — Sec. — N. S. do APA

— Fixação — S. Cosme — Itapua — S. Carlos

— Coordenação — Cmt Chefe

— Potência:

— Fôrça princ. — Esquadra

— Converg. das direções

5. *Repartição das Fôrças e Missões:*

— Coluna principal:

— Valor — até 45.000 H

— Missão — atuar P. Pátria na direção Hum. Assunção

— Coluna secundária:

— Valor — 10.000 H

— Missão — cerrar sobre o APA e descer o Paraguai

— Fôrça fixação:

— Valor — 10.000

— Missão — atração

6. *Reserva: 5.000 H*7. *Mobilização:*

— Unidades de linha

— Voluntários da Pátria

8. *Instrução: Rio de Janeiro*9. *Concentração:*

— RGS — principal e fixação

— MT — envolvente

— RJ — reserva

PLANO DE PIMENTA BUENO

- a) Quando foi formulado:
— Antes do plano de CAXIAS
- b) Análise do plano:
1. Finalidade da operação:
— Destruição grosso paraguaio
 2. Atitude:
— Ofensiva
 3. Objetivos:
01 — HUMAITÁ
02 — ASSUNÇÃO
 4. Forma da manobra:
— Central de ruptura
Fases:
1ª) ASSUNÇÃO ou HUMAITÁ
2ª) HUMAITÁ ou ASSUNÇÃO
 5. Repartição das Forças e Missões:
— Força de ruptura:
— Valor: 32.000 H
— Missão: P. Pátria, Humaitá, Assunção
 6. Reserva:
— Não cogita
 7. Mobilização: 42.000 H
 8. Concentração e instrução:
— MT — para as forças fixação
 9. Observações:
— Iguatemi (inviabilidade)
— Estima 40.000 para Lopez

PLANO DE TAMANDARÉ

- a) Condições que foi formulado:
- Paz estabelecida no URUGUAI
 - FLÔRES no Governo
 - TAMANDARÉ Cmt Ch Forças de Op
 - MITRE recusara pedido LOPEZ
 - Mobilização p/cobertura fronteira

b) *Análise do plano:*1. *Finalidade:*

— Destruir Fôrça inimiga

2. *Atitude:*

— Ofensiva

3. *Objetivos:*

— Passo Pátria (cabeça ponte) — Humaitá e Assunção

4. *Forma de Manobra:*

— De ala c/envolvimento parcial

— Fases da Manobra:

1ª fase: conq. cabeça ponte

2ª fase: Humaitá — Assunção

— Direções:

— Frontal (princ.): Rios PARANÁ e PARAGUAI

— Envolvente (sec.): Do N p/o S

— Fixação: S. BORJA, S. TOMÉ

— Coordenação: Não foi prevista

— Prazos:

1ª fase: 30 dias

2ª fase: 90 dias

5. *Repartição das Fôrças e Missões:*

— Fôrça envolv. principal

— Valor 1ª fase: 10.000 (H. Barreto)

— Valor 2ª fase: 30.000 H

— Missão: estabelecer cab. P conq. HUMAITA, em seguida
ASSUNÇÃO

— Fôrça envolvente secundária:

— Valor: 20.000 H

— Missão: invadir direção N-S

— Fôrça de fixação:

— Valor: indeter.

— Missão: atrair

6. *Observações:*

— Não propõe mobilização e instr.

— Corrientinos e paraguaios

— Compromete-se em prazos

— Embarca cav s/animais

O PLANO ALIADO

a) *Condições em que foi elaborado:*1. *Conselho de Guerra (1/V/1865)*

- MITRE
- FLORES
- URQUIZA
- TAMANDARÉ
- OSÓRIO

2. *Acontecimentos militares:*

- Invasão de Corrientes
- Lagraña
- Contatos no Ar. S. Lourenço
- Concentrava-se Estigarribia
- Cobertura de Canabarro
- Osório em Paissandu
- Esquadra subia p/Goya
- Nasce a Tríplice Aliança — MITRE

b) *Análise do plano:*1. *Finalidade:*

- Destr. Forças inimigas em Humaitá

2. *Atitude: ofensiva*3. *Objetivo: HUMAITÁ*4. *Forma da Manobra:*

- Central de ruptura
- 1 fase
- Direções:
 - De ruptura — PARANÁ
 - De cobertura — S. TOMÉ, CANDELARIA ou S. COSME, MATO GROSSO
 - Concentração — CORRIENTES

5. *Repartição das Forças e Missões:*

- Não houve planejamento

6. *Observações:*

- Protocolo anexo
- Compromisso de URQUIZA
- Ofício do Min. OCTAVIANO

CRÍTICA DOS PLANOS

a) *PIMENTA BUENO:*

- Capacitava-se do probl. estratégico
- Ótima contribuição
- Objetivo — HUMAITÁ-ASSUNÇÃO

- Boa direção do esforço
- Boa previsão diversionária
- Melhor via a de HUMAITA-ASSUNÇÃO
- Não cogitou da neutralidade ARGENTINA
- Previa resistência além ASSUNÇÃO
- Mobilização e efetivos, aceitáveis
- Exequível, resolvida a questão dos transportes

b) **CAXIAS :**

- Objetivos bem determinados
- Manobra considera as vias acesso possíveis
- Direção do esforço bem escolhida
- Cobertura conveniente
- Ação envolvente coordenada
- Mobilização revigorante
- Áreas de concentrações boas
- Francamente exequível

c) **TAMANDARÉ :**

- Semelhante ao de CAXIAS
- Pouco preciso quanto às missões e coordenação
- Fôrça secundária muito elevada
- Boa direção do esforço
- Arriscada a previsão da Cab Pte
- Não era suficiente a cobertura
- Exequível desde que destruísse o poder naval de LOPEZ

d) **ALIANÇA :**

- É a 1ª fase do pl. CAXIAS
- Pouco claro e profundo
- Não correspondia à realidade militar
- Concentração em Corrientes exigiria uma ação ofensiva inicial
- Inexequível — atendia mais aos propósitos políticos que militares
- Servia mais como base para novo plano

ORGANIZAÇÃO DO COMANDO INTERALIADO

FORÇAS NAVAIS: TAMANDARÉ

- Argentinos
- Brasileiros

FORÇAS TERRESTRES: MITRE

- Argentinos — MITRE
- Brasileiros — OSÓRIO
- Uruguaios — FLÓRES

a) **Desvantagens:**

- Separação Cmdos Nav e Terrest
- Cmdo não pertencia ao maior efetivo

- Acúmulo das ações Cmdo Ex e EM-Ch
- Direção da Guerra
- Não havia EM/do Cmdo-EM-Ch

b) *Justificativas:*

- *Políticas:*
 - Posição de MITRE e FLORES face OSÓRIO
- *Psicológicas:* Atraía simpatias Arg. Urug.
- Dava import. a FLORES
- *Econômicas:* Coop. logística

* * *

V — Operações conduzidas pelos aliados e por LOPEZ em Corrientes no RS, até a derrota de ESTIGARRÍBIA em Uruguaiana, destacando os objetivos, planejamento e os atos de execução dos paraguaios; crítica do comportamento da cobertura aliada em Corrientes e no RS; ações em torno de Uruguaiana, particularmente a questão do Cmdo levantada p/Pôrto Alegre; crítica das Op. conduzidas pelos paraguaios e comentários das causas e conseqüências de seus insucessos.

1 — OPERAÇÕES EM CORRIENTES

- a) *Concentração em P. Pátria — Humaitá*
- b) *Planejamento da operação*

(1) *Invasão Corrientes:*

- Facilitar os levantes c/MITRE
- Estabelecer base segura

(2) *Plano de operações:*

- Ocupar surpresa
- Cond. prosseguir até o rio Corrientes

(3) *Medidas políticas:*

- Governo simpatizante

- c) *Execução*
- d) *Conseqüências p/ARGENTINA*
- e) *Cobertura argentina:*
 - Missão
 - Paunero ("RAID")
 - Conseqüências do "RAID"

2 — OPERAÇÕES NO RIO GRANDE DO SUL

- a) *Concentração em Itapua:*
 - Efetivo
 - Missão
 - Possibilidades

- b) *Objetivos da invasão*
- c) *Planejamento*
- d) *Execução*
- e) *Conseqüências*
- f) *Defesa do Rio Grande do Sul:*
 - (1) *Organização e missão da cobertura*
 - (2) *Planejamento*
 - (3) *Execução*
 - (4) *Causas do insucesso da defesa do RGS*
- g) *Operações em torno de Uruguaiana:*
 - (1) *Operações dos aliados*
 - (2) *Questão do Comando*
 - (3) *Plano de MITRE p/o ataque a Uruguaiana*
 - (4) *Causas do insucesso paraguaio:*
 - *em Uruguaiana*
 - *no plano estratégico*

* * *

VI — Exame das operações conduzidas pelos aliados após a rendição de Uruguaiana, tendo em vista:

- O pensamento estratégico de MITRE, particularmente na escolha da área de concentração em Concórdia e no plano para o prosseguimento das Operações
- O movimento para a concentração ao S do Paraná

1 — EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE MITRE

- a) *O plano de 1 de maio era inexecutável*
- b) *Fixou-se Concórdia a concentração*
- c) *Batido ESTIGARRIBIA, elaborou-se novo plano:*
 - (1) *Finalidade:* Destruir o inimigo no Paraná e atingir o território inimigo
 - (2) *Atitude:* Ofensiva
 - (3) *Objetivo:* RESQUIN
 - (4) *Concentração:* Curuzu — Quatiá ou Mercedes

2 — CRÍTICA À CONDUTA DE MITRE

- Melhor concentração em Esquina
- Na escolha de Concórdia
- Paunero — Uruguaiana
- RESQUIN retira-se incólume

3 — EXECUÇÃO DO PLANO

- Concentração em Mercedes
- FLÓRES — Itapua
- Deslocamento p/Corrientes
- Dezembro 65 — S do R. Paraná

* * *

VII — A transposição do Rio Paraná, tendo em vista particularmente:

- O planejamento da operação
- Sua preparação
- Acertos e deficiências em seu planejamento e execução
- A contra-ofensiva paraguaia, tendo em vista os aspectos essenciais do terreno entre P. Pátria e Humaitá, a Batalha de Tuiuti, particularmente, a atuação do Gen OSÓRIO e suas consequências

1 — CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE OPERAÇÕES

- Desconhecida
- Não havia cartas
- Via circulação: R. PARAGUAI

a) *Relêvo*:

- Três zonas:
 - Chaco a W Rio Paraguai
 - Rio Paraguai e o Meridiano 56°
 - Meridiano 56° — Rio Paraná front. c/o BRASIL

b) *Hidrografia*:

- Rios Paraná e Paraguai, navegáveis

c) *Vegetação*:

- Três faixas (nas zonas citadas)
 - Chaco: campos baixos e palmares
 - Central: florestas e savanas
 - Caá-Guazu: matas virgens

d) *Conclusão*:(1) *Três grandes reg. nat. militares*:

- Vileta — Itapua — R. Paraná — R. Paraguai
- Cordilheira
- Caá-Guazu

(2) *Vias de acesso*:

- Rio Paraguai
- Rio Paraná
- Encarnación — V. Rica — Assunción
- Concepción — Chiriguelo — P. Porá

(3) *Terreno entre P. Pátria e Humaitá:*

- Rio Paraná — Estero Bellaco
- Estero Bellaco — Estero Rojas
- Estero Rojas — Humaitá

2 — TRAVESSIA DO PARANÁ

A) *Reunião em Dez/865 S/Paraná*B) *Preparação da operação:*(1) *Decisão dos aliados sobre:*

- Operação combinada
- Cmdo — Tamandaré
- Área de montagem
- Reconhecimentos cabeça de ponte

(2) *Reconhecimentos e reunião meios.*

- Guerra das chatas

(3) *Escolha do local desembarque:*

- Passo Pátria — TAMANDARÉ e FLÔRES
- Itati — OSÓRIO e MITRE
- Decisão final — BARR. ATAJO

(4) *Ilha Cabrita*(5) *LOPEZ julga seja P. Pátria*(6) *Planejamento da operação:*

- (a) Comandos
- (b) Organ. da força naval de ataque
- (c) Organ. da força desembarque

C) *Execução da operação*D) *Consolidação da cabeça de ponte*

3 — A BATALHA DE TUIUTI

A) *SITUAÇÃO DOS BELIGERANTES:*

- (1) Exército aliado
- (2) Exército paraguaio
- (3) Conclusões

B) *DISPOSITIVO E FORMA DE ATUAÇÃO:*(1) *Exército aliado (Profund.):*

- 1º escalão — FLÔRES
- 2º escalão
- 3º escalão
- Cavalaria Gen NETO

(2) *Exército paraguaio:*

- Duplo envolvimento

(3) *Conclusões:*

- (a) Aliados
- (b) Paraguaio
- (c) Ação dos chefes:

1. OSÓRIO :

- a. Antes do ataque
- b. Durante a ação

2. LOPEZ :

- a. Antes do ataque
- b. Durante a ação

C) *CONCLUSÕES :*

- Sobre o Cmt aliado
- Sobre o Cmt paraguaio

D) *CONSEQUÊNCIAS DA B. TUIUTI :*

- Aliados: Embora vitoriosos, perderam a iniciativa estratégica
- Paraguaio: Grandes perdas — Esgotaram a capacidade ofensiva passando à defensiva estratégica e tática
- Seu objetivo agora era prolongar a guerra para negociar uma paz melhor
- A guerra seria doravante de estabilização da frente

* * *

VIII — Operações realizadas entre maio e junho de 1866; o planejamento e o ataque a CURUZU; o planejamento, execução e consequências do ataque a CURUPAITI

- O ofício confidencial de CAXIAS, de 20 de outubro de 66, e a resposta que lhe deu o Governo Imperial

I — *DECISÕES ASSENTADAS EM 30 DE MAIO*— *CONCLUSÕES DA REUNIÃO :*

- a) *Situação do Exército aliado:*
 - 31.000 H
 - Argentinos — brasileiros — uruguaio
- b) *Situação do Exército paraguaio:*
 - Não tinha poder ofensivo
 - Ocupava fortificações
- c) *Linhas de ação possíveis*

- d) *Decisões estabelecidas:*
 - (1) *Relativas ao comando:*
 - Junta de Guerra
 - (2) *Para cumprimento imediato*
 - (3) *Retomada da ofensiva*
- e) *Conclusão*
- f) *Missão do CE de P. ALEGRE*
- g) *Ataque a CURUZU*
- h) *Ataque a CURUPAITI*

2 — NOMEAÇÃO DE CAXIAS

- a) Procurou fixar sua posição de Comandante-em-Chefe
- b) Resposta do Governo:
 - Preserva a autoridade MITRE
 - Emprego da Fôrça BRASIL
 - Retardamento das operações
 - Ação em separado
 - Fornecimentos
- c) Comentários

* * *

- IX — Operações entre novembro de 66 e julho de 67 com os elementos essenciais do P1 Op de CAXIAS e comparação com o de MITRE
- Operações entre setembro e dezembro de 68 e a interpretação do planejamento; síntese das principais ações; ITORORÓ, AVAÍ, ITA-IVATÉ

1 — MITRE

- achava melhor linha de ação uma ação no flanco esquerdo
- Convulsões na ARGENTINA
- Afasta-se MITRE
- Assume CAXIAS

a) PLANO DE CAXIAS (1967):

- (1) *Finalidade:* flanco e retaguarda
- (2) *Atitude geral:* ofensiva
- (3) *Forma da manobra:*
 - De ala c/mov. envolvente integral
 - Direções:
 - De fixação: TUIUTI — HUMAITA
 - Envolvente: S. DOMIN.
 - De cooper.: a esquadra

- (4) *Repartição das Forças e das Missões:*
 - (a) Meios existentes
 - (b) Missões
- (5) *Outras prescrições*
- b) *O PLANO DE MITRE:*
 - Ataque ao flanco esquerdo
 - Golpe mão HUMAITÁ (Esquadra)
 - Ataque ao flanco e retaguarda
 - Isolar HUMAITÁ
 - Em suma era o plano de CAXIAS
- c) *A EXECUÇÃO*

2 — OPERAÇÕES ENTRE SET E DEZ/68

- a) *Manobra de PIQUISIRY*
- b) *Sua execução:*
 - (1) Atuação de LOPEZ
 - (2) Atuação de CAXIAS

* * *

X — Atuação de CAXIAS na Guerra do Paraguai e características de sua personalidade como Comandante-em-Chefe, tendo em vista: as manobras que concebeu, planejou e conduziu; sua capacidade para instruir e manter o Exército; sua atitude face a MITRE

- A) *A preparação do Exército:*
 - Nov/66 — 1/3 se achava baixado
 - C. Ex heterogêneos
 - Cavalaria apeada
 - Não havia tração para carretas
 - Valores difer. de etapas
 - Critérios promoções
 - Tarefa de CAXIAS:
 - Organizou, discipl., instruiu
 - Hospitais
 - Depósitos, serv. administrat.
 - Adquiriu remonta
 - Forrageou
 - Deu mobilidade ao Exército

— Medidas táticas:

- Evacuou CURUZU
- Melhorou pos. TUIUTI
- Org. 3º C Ex (OSÓRIO)
- Ativou as inf.

B) A manobra de HUMAITÁ

* * *

- XI — Operações conduzidas entre 14 Abr 69 e Mar 70, em sua finalidade, objetivos, atitude, forma de manobra e missões, previstas no P1 Op de PERIBEBUI; aspectos essenciais da execução das Op; características principais da perseguição
- Operações de MATO GROSSO

1 — O TERRENO

- N do TEBICUARI
- Região mais povoada do PARAGUAI
- Densa próximo ao R. Paraguai
- Quase deserta junto ao R. Paraná
- E. Ferro Assunção — Paraguari

2 — SITUAÇÃO APÓS ASSUNÇÃO

a) Exército paraguaio:

- LOPEZ fugira p/PERIBEBUI
- Capital
- Concentração CAAUPÊ-ASCURRA
- PERIBEBUI — 13.000 H
- Barrava ASCURRA

b) Exército aliado:

- 5 Jan 69 — CANAS ASSUNÇÃO
- Esquadra sobe até o MANDUVIRÁ
- Caxias passa Cmdo GUILHERME SOUZA
- Nomeação CONDE D'EU
- INHAÛMA faleceu
- D'EU reorganiza as Fôrças
- I CEx — LAMBARÉ-JUQUERI (Polidoro)
- II CEx — LUQUE (M. Barreto)
- Operações preliminares:
 - Câmara para JEJUI
 - Coronato para IBICUI
 - J. Manoel p/IBITIMI-IBICUI
 - Chamado Portinho de ITAPUA
 - O Ex todo p/PIRAJU-TAQUARAL

3 — MANOBRA DE PERIBEBUI

- Finalidade: destr. remanescentes
- Atitude: ofensiva
- Objetivo: PERIBEBUI-CAAUPÊ
- Forma: de ala c/envolv. integral
- Direções:
 - Frontal: TAQUARAL-CAAUPÊ
 - Envolv.:
 - TAQUARAL-VALENZUELA
 - PERIBEBUI-CAAUPÊ
- Repart. Fôrças e missões:
 - Ação frontal: 10.000 H
 - Ação envolv.: 21.000 H

4 — EXECUÇÃO

- a) Grosso
- b) Ação frontal
- c) Batalha Campo Grande
- d) Comentários:
 - Bem concebida
 - Pouca prof. do mov. envolv.
 - Fixação sem efeito
 - Falta de rapidez
 - Informações precárias

5 — CONSEQUÊNCIA

- Fase perseguição

6 — A PERSEGUIÇÃO

- a) Execução
- b) Características

7 — OPERAÇÕES EM MATO GROSSO

- a) Organização da coluna e seu movimento até NIOAQUE
- b) Retomada de CORUMBÁ
- c) Recuperação de MATO GROSSO
- d) Comentários

* * *

- XII — Exame das negociações para a feitura da paz com o PARAGUAI e caracterização da evolução política argentina e do BRASIL, face aos interesses de ambos os Estados nessa guerra e dos sacrifícios que nela realizaram**

1 — TRATADO DE 1 DE MAIO

- Garantia para 5 anos da Independência, soberania e integridade do PARAGUAI
- Vedado incorporar-se ou pedir protetorado a qualquer país da aliança (evitar reconst. V.R.R. PRATA)
- Livre navegação dos rios Paraná e Paraguai
- Limites:
 - Império
 - Argentina — Missões e Chaco

2 — ATOS COMPLEMENTARES DO TRATADO

- Proibido levantar fortificações
- Destruição de HUMAITÁ
- Mov. diplomático para evitar a posse do CHACO pela ARGENTINA

3 — NEGOCIAÇÕES INICIAIS

- 15 Agô 69 — Gov Prov. PARAGUAI
- 21 Nov 69 — Ocupação do CHACO pela ARGENTINA
- Ressalva dos direitos da BOLÍVIA
- DOCTRINA DE VARELA

4 — A PAZ

- Morte de LOPEZ
- Negociações
- Surge doutrina de VARELA
- Rompimento COTEGIPE-QUINTANA
- Negociações em separado
- 1872 — MITRE e P. BUENO
- 1873 — Trat. ARGENTINA-PARAGUAI
 - Renúncia da ARGENTINA
 - BERMEJO e PILCOMAIO

5 — SACRIFÍCIOS**a) BRASIL :**

- Último lance do BRASIL para fixar suas fronteiras Oeste e Sul
- Deu 140.000 H
- Perdeu 33.000
- Enorme sacrifício financeiro
- Não buscou compensações materiais
- Acertou apenas suas pendências
- Apoiou o PARAGUAI na questão do CHACO

b) PARAGUAI :

- Mutilado territorialmente
- Sacrificou quase toda população masculina
- Lutou por uma saída ao mar nada obtendo

c) URUGUAI :

- Grandes perdas humanas
- Financeiramente perdeu

d) ARGENTINA :

- Perdas humanas
- Enriqueceu

6 — OPERACIONAL

- Mais importante do Continente
- Transição de NAPOL. a 14/18
- Grandes manobras estratégicas
- Grandes operações defensivas
- Emprêgo de Op. combinadas
 - Servem de modelo hoje:
 - Trav. PARANÁ
 - CURUZU
- Trabalhos de comando
- Desempenho das Forças navais
 - Transporte:
 - Pessoal
 - Suprimentos
 - Apoio operações em terra
 - Base móvel de suprim.
 - Piquisiri
 - Conq. e manteve o domínio dos rios
 - Enfrentou e venceu as mais poderosas fortificações

7 — CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA DO PARAGUAI

- Estruturou o equilíbrio político na Bacia do Prata, propiciando uma tranqüilidade
- Solucionou questões de limites entre o BRASIL-PARAGUAI e ARGENTINA-PARAGUAI anulando os motivos de conflito que perturbavam a política intern. do Prata
- Melhoria das relações BRASIL-PARAGUAI, contrabalançando a influência ARGENTINA
- Define o PARAGUAI como país Mediterrâneo, e nova área de atrito entre BRASIL-ARGENTINA (MISSÕES)
- Aceleração da reintegração do BRASIL da sua tradi. repúbl. e contrib. p/aboliç. e república
- Soluç. da quest. naval no PRATA

PONTO 8

*Campanhas Militares do Império — Caxias***I — BALAIADA — 1839/1840**

1 — Causas:

- Desorganização administrativa
- Clima de insegurança
- Ausência de garantias

2 — Pretexto:

- RAIMUNDO GOMES — Cadeia Pública

3 — A intervenção:

- CAXIAS nomeado — Pte. Províncias e Cmt Armas
- Organização das Forças:
 - TOMÁS HENRIQUE
 - FRANCISCO SÉRGIO
 - ANTÔNIO FAVILLA
- Missões:
 - BREJO
 - PASTOS BON
 - CAXIAS

II — SOROCABA — 1842

1 — Causas:

- Disputa entre Liberais e Conservadores
- Dissolução da Câmara

2 — *Governo legal*: COSTA CARVALHO3 — *Governo sedicioso*: RAFAEL TOBIAS DE AGUIAR

4 — Intervenção:

- CAXIAS nomeado Cmt das tropas
- Segue c/2 BC e 1 GO para SANTOS
- Determina cobertura em:
 - AREAL e BARREIROS
 - ITARARÉ
- Desce 1 BC em S. SEBASTIÃO — GUARA
- Requisita rações p/3.000 homens
- Antecipa-se aos sediciosos — S. PAULO
- Destaca Cel BEZERRA p/CAMPINAS
- Combate de VENDA GRANDE

— Organiza TRÊS COLUNAS :

— SANTO AMARO

— ITU

— SOROCABA

— Prisão de FEIJÓ

III — MINAS — 1842

1 — *Causas:*

— Governo sedicioso de PINTO COELHO

2 — *Intervenção:*

— CAXIAS nomeado Pacificador

— Dirige-se para OURO PRETO

3 — *Combate de SANTA LUZIA :*

— Dispositivo rebelde:

— Barrando Estrada SABARA — S. LUZIA

— Dispositivo CAXIAS — TRÊS COLUNAS :

— Direita: Cel LIMA E SILVA

— Centro: CAXIAS

— Esquerda: ATAÍDE

— O combate:

— Surpresa do inimigo

— Aproxima-se Cel LIMA E SILVA

— Execução da FINJA

— Intervenção de LIMA E SILVA

— Derrota e fuga dos derrotados

IV — FARROUPILHA — 1843/45

1 — *Causas:*

— Pretensão abandono da Côrte aos problemas da Província

2 — *A revolta:*

— Proclamação REP. PIRATINI em 1836

3 — *Intervenção:*

— CAXIAS nomeado Gov. Província e Cmt. Armas

— Providências que adotam:

— Restabelece o comércio com o interior

— Fomenta a prod. de forragens

— Amparo famílias revoltosos e leais

— Adquire cavallhada nova:

— CAMAQUAN

— Organiza novas Fôrças

— Lança manifesto para união:

— BENTO MANOEL

4 — A campanha:

— Dispositivo dos rebeldes

— JAGUARÃO — SANTANA — BAGÊ — S. GABRIEL — CACHOEIRA

— CAXIAS dirige-se para CACHOEIRA:

— CANABARRO retrai para S. GABRIEL

— CAXIAS ataca S. GABRIEL:

— CANABARRO foge para SANTANA

— CAXIAS atua sobre SANTANA:

— CANABARRO retira-se para o int. URUGUAI

— Aproveita para remonta

— CANABARRO dirige-se para BAGÊ

— Destaca Fôrça que surpreende JACINTO em CACHOEIRA

— FRANCISCO PEDRO persegue CANABARRO impondo-lhe derrota em PORONGO

— CANABARRO escapa para ALEGRETE onde em PONCHE VERDE é surpreendido por BENTO MANOEL

5 — A Pacificação:

— Deposição das Armas

— CAXIAS serve de intermediário

PONTO 9

Fronteiras do Brasil

I — FRONTEIRA

FINALIDADE:

— SEPARAR O MEU DO TEU

FUNÇÃO:

— PROTEÇÃO DO MEU

— PROPORCIONAR O INTERCÂMBIO

II — EVOLUÇÃO

— ESBOÇADAS — No papel não existem

— VIVACADAS — Ocupadas nos dois lados

— MORTAS OU EQUILIBRADAS — Não existem mais dúvidas sobre o seu traçado

— RATZEL :

— ZONA — FAIXA — LINHA

III — TIPOS DE FRONTEIRAS NO BRASIL

1 — FRONTEIRAS NATURAIS	89%
— Linhas de CUMEDA	34%
— Cursos D'ÁGUA	55%
2 — MATEMÁTICAS	11%
— GEODÉSICAS	8%
— ASTRONÔMICAS	3%

IV — PERÍODO COLONIAL .

— CARACTERÍSTICAS :

— Forte Distensão e Instabilidade de Fronteira

A) TRATADO DE TORDESILHAS — 6 JUN 1494

1 — ANTECEDENTES :

— BULA INTERCOETERA — 4 MAI 1493

— TRATADO DE TORDESILHAS — 1494

2 — CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO :

— 370 LÉGUAS DE CABO VERDE

— NÃO FOI DEMARCADA :

— Imperfeição dos Mapas

— Imperfeição dos Inst. Astronômicos

— Não fixou a origem

— Não determinou o paralelo

— Não definia que légua

B) TRATADO DE UTRECH — 1713

1 — ANTECEDENTES :

— Capitania do Cabo Norte

2 — CARACTERÍSTICAS DO TRATADO :

— Mais político que de Limites

— Fixou Limites na Amazônia

— Colônia em outro em 1715

3 — VIDA DO TRATADO :

— 1801 — BADAJOZ

— 1809 — D. JOÃO — CAIENA

— 1815 — TRAT. VIENA — DIAPOQUE

C) TRATADO DE MADRI — 1750

1 — ANTECEDENTES :

— Aproximação entre as Cordas

— Ação de ALEXANDRE DE GUSMÃO

2 — CARACTERISTICAS DO TRATADO :

- Tentativa da fixação Jurídica das Fronteiras
- Derrogou o Tratado de Tordesilhas
- Uti possidetis
- Linhas naturais
- Duas Comissões Demarcadoras:
 - Sul ao Jauru
 - Jauru ao Norte

3 — VIDA DO TRATADO :

- Entrega de Colônia
- Guerra Guaranítica
- El Pardo 1761 — Anula Madri

D) TRATADO DE S. ILDEFONSO — 1777**1 — ANTECEDENTES :**

- Guerra dos Sete Anos
- Invasão de Caballos

2 — CARACTERISTICAS DO TRATADO :

- Perde Território Missões
- Devolvida Colônia
- Limite na Barra Chui
- Recebe Ilha Santa Catarina

3 — VIDA DO TRATADO :

- Guerra de 1801
- Tratado de Badajoz — 1801
- Fronteira do Chui e Missões

E) TRATADO DE 31 JUL 1821 (CISPLATINA)**1 — ANTECEDENTES :**

- Política Expansionista
- Incorporação da Cisplatina
- Limites do Chui ao Quarai

F) FIM DO PERIODO COLONIAL

- As fronteiras estavam juridicamente por serem traçadas

— O TRATADO DE BADAJOZ :

- Não estipulou o "STATUO QUO ANTE BELLUM"
- Não revalidou o Limite de 1777
- UTI POSSIDETIS SOLIS — PORTUGAL
- UTI POSSIDETIS JURIS — 1810 — ESPANHA

V — PERÍODO IMPERIAL

— CARACTERÍSTICA :

- Ação Militar e Diplomática
- *Uti Possidetis Solis*

A) URUGUAI :

- ESTADO TAMPÃO
- Incorporação em 1821
- Tratado de 1851
- Demarcação em 1853

B) ARGENTINA :

- Tratado de 1857 — NÃO FOI RATIFICADO
- Em 1881 Declara Litigiosa — CHOPIM
- Em 1889 — REJEITAMOS DIVISÃO ÁREA

C) PARAGUAI :

- Tentativa fixação em 1844
- Fixada em 1872
- Demarcada em 1874

D) PERU :

- Primeiras negociações — 1841
- Primeiros litígios — 1863
- Linha JAVARI — MADEIRA

E) BOLÍVIA :

- Tratado COM., LIM., NAV. — 1863

F) COLÔMBIA :

- 1855 — PRIMEIRO TRATADO
- Rejeitado pelo SENADO COLOMBIANO
- Surgem Litígios

G) GUIANAS :

INGLESA

- Tratado de 1842 — NEUTRALIZAÇÃO DE PIRARA

FRANCESA :

- Ocupação do AMAPÁ
- NEUTRALIZAÇÃO DO AMAPÁ

HOLANDESA

- Nada houve

CONCLUSÕES :

- Fixadas as Fronteiras de dois países — PARAGUAI E URUGUAI por meio de DUAS GUERRAS (1851 e 1865)

VI — PERÍODO REPUBLICANO

CARACTERÍSTICA :

- Fixação e Demarcação Pacífica das Fronteiras
- Notável Ação de RIO BRANCO
- ARGENTINA — ARBITRAGEM
- CLEVELAND EM 1895
- FRANÇA — ARBITRAGEM
- SUÍÇA EM 1900
- BOLÍVIA — AQUISIÇÃO
- TRATADO DE PETRÓPOLIS EM 1904
- EQUADOR — ACORDADO
- TRATADO DE 1904
- GUIANA INGLESA — ARBITRAGEM
- REI DA ITÁLIA — 1904
- GUIANA HOLANDESA — ACORDADO
- TRATADO DE 1906
- COLÔMBIA — ACORDADO
- TRATADO DE 1907
- PERU — ACORDADO
- TRATADO DE 1909

PONTO 10

Abolição e República

I — IDEALISMO

- 1850 — Proibição de Importação de Escravos
 - CAFÉ
 - SOCIAL — IMIGRAÇÃO
- 1870 — Fim da Guerra
 - ABOLIR ESCRAVATURA
 - ABOLIR MONARQUIA
- ESCRAVO — ESTRUTURA ECONÔMICA
- IMPERADOR — ESTRUTURA POLÍTICA

II — ABOLIÇÃO

- 1871 — Lei do Ventre Livre
 - CASTRO ALVES
 - JOSÉ DO PATROCÍNIO

- 1850 — Proibição do Tráfico
 - EUZÉBIO DE QUEIROZ
- 1883 — CEARÁ — Libert. Escravos
- 1885 — Lei dos 60 anos
- 1887 — Rebeldia do Exército
- 1888 — Clube Militar
 - 13 de Maio

III — A REPÚBLICA

A) ANTECEDENTES (1710-1797) :

- INCONFIDÊNCIA MINEIRA — 1789
- REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA — 1817

B) PRESENÇA DE PEDRO I :

- Todos Movimentos eram Republicanos
- Confederação do Equador
- Revolução FARROUPILHA
- CAXIAS
- ESQUADRA

C) CAUSAS :

- 1 — MOVIMENTOS EMANCIPACIONISTAS
- 2 — QUESTÃO MILITAR
- 3 — O AMERICANISMO
- 4 — O CONDE D'EU
- 5 — O POSITIVISMO
- 6 — A QUESTÃO RELIGIOSA
- 7 — DESPRESTÍGIO DA MONARQUIA

2 — A QUESTÃO MILITAR

- 1883 — PROJ. LEI DISPONIBILIDADE
 - SENA MADUREIRA
- 1884 — PUNIÇÃO SENA MADUREIRA
- 1885 — CEL CUNHA MATOS (PIAUÍ)
 - COTEGIPE
- 1887 — DEODORO — ANULAÇÃO PUNIÇÃO
- 1888 — DEODORO — PELOTAS

— MANIFESTO A NAÇÃO

— COTEGIPE ATACA

— 1888 — OURO PRETO (ATOS)

— AUMENTO DA P.M.

— EMBARQUE DO 23º BC

— DEMISSÃO CMT ES MIL CEARÁ

3 — O AMERICANISMO

— PROGRESSO DOS EUA

— INFLUÊNCIA

4 — O CONDE D'EU

— FUTURO NA COROA

5 — O POSITIVISMO

— INFLUÊNCIAS REPUBLICANAS

— B. CONSTANT

— ESCOLAS

6 — A QUESTÃO RELIGIOSA

— BISPO DE OLINDA — D. VITAL

— CONTRA A MAÇONARIA

— PRISÃO

— BISPO DE BELÉM — D. MACEDO COSTA

— APOIO A D. VITAL

— PRISÃO

— VISCONDE DO RIO BRANCO

— CHEFE DA MAÇONARIA

— DISSENSÕES ENTRE BISPO E MAÇONS

— SEPARAÇÃO COROA — CLERO

A PROCLAMAÇÃO

1+2+3+4+5+6 = 15 Novembro



AERONÁUTICA

Coordenador: Cel. Av. DÉLIO JARDIM DE MATOS

O PROGRESSO TRAZ PROBLEMAS

Históricamente, o acontecimento mais destacado de 1958, em aviação civil, foi o início do serviço regular de grandes aviões a jato. Entretanto, para as ligações curtas por via aérea, notou-se um decréscimo brutal na taxa de aumento do tráfego aéreo. Os dois acontecimentos mais marcantes do ano que passou se articulam e assumem uma importância enorme, quando se considera que, no futuro próximo, haverá um aumento notável de capacidade de transporte.

Sobre o início do serviço de transporte aéreo a jato, refere o boletim da OACI que, depois de alguns anos de ensaios e preparativos, o primeiro dos grandes aviões a jato apareceu em serviço regular no dia 4 de outubro de 1958, às 9,30 da manhã, quando um Comet IV levantou voo do Aeroporto de Londres, inaugurando assim o serviço regular entre aquela capital e Nova Iorque. Três semanas mais tarde, no dia 26 de outubro, um Boeing 707 partiu de Nova Iorque com destino a Paris, para inaugurar a linha posteriormente prolongada até Londres e Roma.

Os aspectos mais marcantes desse acontecimento são a redução do tempo de voo, entre os lugares servidos, e a grande capacidade do novo avião. Com efeito, a velocidade dos aviões a jato permite-lhes a travessia Nova Iorque-Londres em menos de seis horas. Os maiores dos novos aviões comerciais a jato chegam a transportar 170 passa-

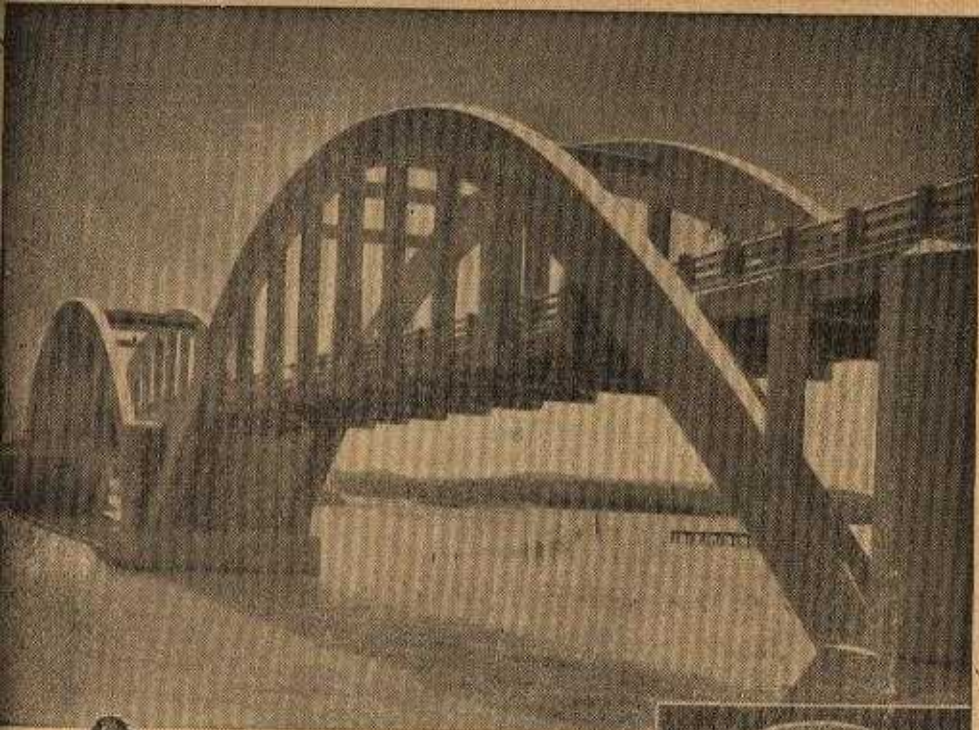
geiros e, suposta uma frequência de 5 vôos por semana, nos dois sentidos, conclui-se que um desses aviões pode transportar, por ano, tantos passageiros quanto um navio de 40.000 toneladas.

Todavia, só em 1959 e 1960, quando a maior parte dos aviões encomendados já terão entrado em serviço, é que a exploração mais ampla dos jatos vai influir na situação do transporte aéreo mundial. Por certo ainda é cedo demais para um pronunciamento fundamentado sobre o custo de exploração e outros fatores econômicos da utilização dos aviões a jato, em rotas regulares de passageiros, mas os coeficientes de lotação, registrados até agora, são bem altos, acima mesmo de 90%. Era de prever-se essa preferência do público pelos novos aviões, o que se pode razoavelmente atribuir à atração pela velocidade maior, conforto e novidade.

Além da questão da rentabilidade, é preciso mencionar duas consequências da próxima utilização, em escala significativa, dos aviões a jato. Uma é a onda de greves do pessoal das companhias de navegação aérea, nos Estados Unidos e em outros países, nas quais se buscam uma melhoria de remuneração, para os que lidam com os aviões do novo tipo, e a exigência de um terceiro piloto a bordo. Depois de muitas discussões e negociações, o que os pilotos ainda exigem é uma remuneração que chegaria à casa dos 45.000 dólares anuais, o que equivaleria, em moeda brasileira, a pouco mais de 545 mil cruzeiros mensais. Com relação ao terceiro piloto, a exigência se fundamenta em razões de segurança, uma vez que a tensão imposta pela pilotagem e manejo em geral do avião a jato é completamente diferente, e muito maior, do que no caso dos aviões tradicionais. Algumas companhias já aceitaram a providência de um terceiro piloto e outras, como alternativa, exigem que o navegador ou o mecânico tenha *brevet* de piloto.

A segunda consequência concerne à questão das tarifas. Levantou-se uma viva controvérsia. Uns acham que a melhor qualidade e rapidez do serviço justificam um aumento dos preços de passagens, enquanto que seus opositores, consideram que, sendo mais econômico o transporte de passageiro-quilômetro nos aviões a jato, não se justifica qualquer aumento de tarifa. Entretanto, a Conferência de Tráfego da IATA já se pronunciou por um aumento de 5% nas rotas do Atlântico norte e centro, e adicionais variáveis aplicáveis a outras linhas servidas pelos aviões do novo tipo.

São esses, em resumo, os problemas que apresenta a era do transporte aéreo por aviões a jato que agora se inaugura.



O CIMENTO MAUÁ NA MODERNIZAÇÃO DO EXERCITO

O Polígono de Tiro da Marabá apresenta em suas obras uma visão agradável de linhas harmoniosas, às quais se alia a solidez e segurança que lhes assegura o emprego do cimento Portland MAUÁ.



COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND¹⁶

UM APÊLO

PREZADO COMPANHEIRO,
apelamos para **você**, que pode ajudar à
Seção do Candidato à ECEME de "A DEFESA
NACIONAL".

Buscamos orientação para o próximo
ano, que atenda aos anseios dos candidatos
e esteja apoiada na valiosa e indispensável
contribuição dos oficiais de EM, dos alunos
da ECEME e dos próprios candidatos.

Encarecemos o valor de sua ajuda, atra-
vés da remessa de ensaios, resumos ou ques-
tões resolvidas.

Precisamos de suas críticas e de suas
sugestões.

Folgaremos em divulgar os trabalhos re-
metidos e em vitalizar o intercâmbio de idéias
que concorram para o fim precípua destas
colunas: Servir ao Candidato!

Dirija-se ao Major G. Vidal — 5ª Seção
— EME — Palácio da Guerra — GB.

O Redator



Ano II — N. 13
(Mar 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

BASES FILOSÓFICAS

Doutrina Militar Brasileira: Algumas Considerações

Maj Everaldo de Oliveira Reis.



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOUTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

BASES FILOSÓFICAS

DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maj EVERALDO DE OLIVEIRA REIS

NOTA DO REDATOR

A própria introdução apresentada pelo autor — culto e excelente oficial de Estado-Maior, inteiramente devotado aos mistérios profissionais e debruçado sobre a Realidade Militar Brasileira — basta para ressaltar a valia do tema desenvolvido, no sentido de estruturar-se uma Doutrina Militar Brasileira.

Na verdade, tal imperativo está no consenso de todos os camaradas. Nos Estados-Maiores e na Tropa, o que hoje se isola como tema obrigatório nos diversos trabalhos que se empreendem é a evidente necessidade de reformular-se o Problema Doutrinário em bases condizentes com a Conjuntura Nacional e Mundial.

Ao agradecermos ao amigo Major Everaldo sua colaboração renovamos o apêlo, a êle e a todos os camaradas para que continuem meditando e escrevendo artigos sobre Doutrina Militar Brasileira para publicação em nossas colunas.

Maj A. Raposo Filho

Vínhamos assistindo mais ou menos, platônicamente, à campanha de alguns companheiros a favor da criação de uma Doutrina Militar Brasileira. Concordávamos que algo deveria ser feito. Entretanto, não estávamos convencidos de que já houvesse clima que justificasse a oportunidade da idéia.

Recentemente, trabalhamos lado a lado, durante uma quinzena, com companheiros de todos os postos, num Regimento de Cavalaria e num Grupo de Artilharia. E em todos, sem exceção, encontramos ansiosa expectativa pela reformulação dos problemas profissionais.

Não era mais possível, nos omitirmos. Este o motivo de nossa presença. Vale apenas como um aplauso, aos que aqui nesta coluna de há muito profiam.

O que será uma Doutrina Militar Brasileira?

Acreditamos que seja a maneira pela qual, a Sociedade Brasileira terá que resolver o crucial problema da guerra, quando êle se apresentar.

É evidente portanto, que em linha de conta entrarão as características do grupo social brasileiro.

Estas características não são imutáveis. Os aspectos sociais, mercê de Deus, nós os conservaremos. Os aspectos econômicos porém, continuarão variando através dos tempos. Se a Doutrina é função destas características, não poderá ser rígida. Ao contrário, os que por ela estejam responsáveis dever-se-ão manter atentos ao pulsar do país, a fim de que a mesma jamais se divorcie das reais possibilidades do Brasil.

Quais os aspectos a considerar no estabelecimento de uma Doutrina Militar Brasileira? Não são evidentemente aspectos otimistas. Somos um país subdesenvolvido, com 70% de analfabetos. Apresentamos um elevado índice de incapacidade médica, nas inspeções de saúde, que visam ao recrutamento militar, em tempo de paz, quando as exigências são muito abrandadas. Temos um Parque Industrial incipiente, valendo ainda, mais pela quantidade que pela qualidade. É bem verdade que com alguns aspectos positivos, como por exemplo o setor das munições e dos armamentos. E a própria indústria automobilística, com todos os seus paradoxos, parece já nos poder equipar com veículos automóveis sobre rodas. Acresça-se, que nos últimos anos alguns dos projetos das turmas que concluem o curso de Engenharia Automóvel, bem mereciam atingir Fase Experimental. É de lembrar, que em ocasião da crise, o Parque Industrial do Estado de São Paulo demonstrou grande versatilidade, fabricando até veículos blindados.

Somos todavia um país pobre. E por mais que gritem alguns, dizendo que as Forças Armadas devoram o Orçamento Nacional, o fato é que, com as atuais dotações, estamos mal armados, mal fardados e mal instruídos.

E a que hipótese de guerra teria que responder uma Doutrina Militar Brasileira? É evidente, que três são as mais prováveis. A primeira delas seria a de Guerra Insurrecional. As condições socio-econômicas do país, em particular de algumas regiões, apontam-nos como possível

palco para eclosão de um conflito desta espécie. Por outro lado, devemos cultivar ao máximo nossas possibilidades de desencadear ação deste tipo, contra potência mais forte que se aposse de parte do território nacional. Não seria aliás, a primeira vez que assim procederíamos.

Dentro do que nos pareceu a mais correta probabilidade relativa de adoção, segue-se a hipótese da participação num conflito bélico, como membro da ONU. Temos através dos tempos e até esta data, cumprindo os acórdos a que nos obrigamos. Não seria agora, que falharíamos. Muito pelo contrário, talvez tivéssemos até que enfrentar, simultaneamente, as duas hipóteses acima formuladas.

Por último viria a suposição da guerra continental, cada vez, graças a Deus, mais remota.

E que instrumento construiríamos para executar a Doutrina criada? É evidente que se não pode criar uma panacéia. Trago a público, algumas considerações que tenho colhido aqui e acolá. O instrumento que se criar terá de cogitar desde o tempo de paz da Guerra Insurrecional. Impõe-se desde logo dar eficiência operacional às GU que venham a constituir-lo. Como a nação não suportará um aumento em suas despesas militares, far-se-á mister diminuir o número de Divisões no tempo de paz; as que permanecerem porém, serão reorganizadas de molde a responder instantaneamente as duas primeiras hipóteses formuladas. Aproveitar-se-á cada vez mais, tudo aquilo que a indústria nacional nos ofereça, mesmo que isto implique em usarmos na Paz, material apenas equivalente ao que usaríamos como membro de uma Força das Nações Unidas. A Instrução de Quadros passará a ser a preocupação máxima de todos os comandos. E a formação e preparo profissional do oficial da reserva merecerá cuidados especiais. Em contraposição, dele será exigida a prestação do serviço militar obrigatório por um ano. Ser-nos-á então possível, diminuir a formação anual de oficiais da ativa, com evidente economia de numerário.

Enfim, procurar-se-á criar instrumento simples e ao mesmo tempo capaz de evoluir de uma estrutura de paz para outra de guerra. Eficiente, que é sinônimo de bem treinado e equipado. Não poderá ser vultoso pois lhe é defeso ser excessivamente oneroso ao país. E deverá, cada vez mais, ser equipado e armado pelo Parque Industrial Brasileiro.

Estas são considerações, mais dos companheiros que nossas, que submetemos àqueles que se lançaram à obra da Doutrina Militar Brasileira. Algumas, possivelmente, falsas, outras ingênuas. Tôdas, porém, buscando colaborar na formação de um Exército Nacional cada vez mais eficiente.

Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) — Cel Genserico de Vasconcellos.
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gen Tasso Fragozo.
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel Antonio de Souza Júnior.
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Fragozo.
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula Cidade.
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B. Magalhães.
- 7 — DO RECONCAVO AOS GUARARAPES — Maj Antonio de Souza Júnior.
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA E O PARAGUAI — Gen Tasso Fragozo.
- 9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Magalhães.
- 11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso Fragozo.
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI — Dionisio Cerqueira.
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-Cel Umberto Peregrino.
- 14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.
- 15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERICANA — Cel F. Paula Cidade.
- 17 — CAXIAS E NOSSA DOUTRINA MILITAR — Maj Amerino Raposo Filho.

GUERRA QUÍMICA

CAPACIDADE DA ARMA QUÍMICA COMO CAUSADORA DE BAIXAS

Cap DIÓGENES VIEIRA SILVA

Instrutor de Guerra Química na EsIE (1954 e 1955)

Cmt da Cia Escola de Guerra Química (1956 e 1957).

✓ Cursos de Guerra Química, na Escola de Instrução Especializada, de "Chemical, Biological and Radiological Defense" na "Panamá área damage control school" (Fort Clayton — Canal — Zone — Panamá); de "Chemical, Biological and Radiological Warfare" na Chemical School (Fort Mac Clellen — Alabama — USA).

Preferida dos que imaginam as vastas possibilidades de uma guerra futura, com o emprego mais amplo possível da moderna técnica e das possibilidades industriais das grandes potências na confecção de armas mais poderosas e devastadoras, a guerra química não é porém, nova, nem em emprego nem em divagações a respeito de suas possibilidades.

Se Leonardo da Vinci já propusera, na relação por ele apresentada das inúmeras máquinas bélicas inventadas, o emprego de projetis carregados com vapores arseniacais, outros hoje em dia investigam das imensas possibilidades da química como forma de guerra, não apenas em efeitos destruidores, mas também como uma possibilidade de tornar a guerra mais humana, não inutilizando o combatente, mas sim apenas o retirando, por um lapso de tempo mais ou menos longo, da luta. Tais possibilidades seriam apresentadas, segundo as reportagens mais recentes, pelos prováveis gases paralisantes, gases do medo ou mesmo pelos hipotéticos gases hipnotizantes. Muitos estudiosos das possibi-

lidades letais das novas armas que surgirão em um futuro conflito, esquecendo a antiga assertiva de que todos os meios são válidos, desde que se logre a vitória, não acreditam na eventualidade da utilização das armas químicas. Isso se verifica não apenas em nosso meio, mas também no seio dos cronistas militares mais categorizados das grandes potências. Sem querer dar valor à nossa modesta opinião, acreditamos, porém, pela seriedade com que tivemos oportunidade de ver os norte-americanos encararem a defesa contra um ataque QBR, não apenas no meio militar, mas também no seio da população civil, que seus mais responsáveis pensadores militares, não apenas encaram a provável utilização contra eles de um ataque químico, por um futuro agressor, como também o uso que poderão fazer, dessa forma de guerra, para a obtenção da vitória com o mínimo de baixas. Estudos que tivemos oportunidade de compulsar a respeito da economia, em vidas e em material, que seria possível obter nos sangrentos desembarques nas ilhas do Pacífico, no final da última guerra, reforçaram nossa crença de que, em futura conflagração, não desejarão eles pagar o pesado tributo que pagaram, desde que lhes seja possível obter uma vitória mais econômica.

Se bem que a guerra química, como forma organizada de luta, tenha feito seu aparecimento apenas em abril de 1914, iniciando assim a fase histórica de sua utilização, ela se fez presente em muitas outras guerras, sempre que sua utilização pudesse se beneficiar da **surpresa** sobre o adversário, rompendo uma situação equilibrada entre os contendores. Para a época, Sertório, nas suas guerras da Espanha, ao fazer sua cavalaria galopar sobre montículos de terra porosa, na qual misturara previamente cinza, antimônio e enxofre, com isso cegando e fazendo tossir as tropas inimigas, anulando-lhes a capacidade combativa, utilizou o que a técnica do seu tempo lhe permitia. Hoje, os tempos são outros, a ciência muito evoluída coloca em mãos dos militares armas mais poderosas, e sinceramente não podemos acreditar que a chance de obter vantagem sobre o inimigo, apanhando-o de surpresa e sem lhe dar oportunidade de nos contra-atacar com os mesmos meios ou equivalentes, seja de se desprezar, fazendo-nos fugir a possibilidade de obter a vitória mais rapidamente.

Principalmente, se encararmos, como modernamente se deve fazer, a guerra química, não apenas como a utilização de gases, e sim como o uso de agentes QBR, isto é, químicos, biológicos e radiológicos. Assim é que essa reunião das duas últimas formas de guerra à já provada guerra química, trouxe ao militar a possibilidade de dispor de uma forma de guerra capaz de causar o maior número possível de baixas, e com maior diversidade. Aproveitando uma classificação, feita em 1955, pelos cientistas do **Chemical Corps** do Exército norte-americano, veremos a seguir como pode um homem ser pôsto fora de ação em combate, concluindo que a única tropa capaz de utilizar todos esses métodos de eliminação ou neutralização dos combatentes, é a tropa química.

1 — MÉTODOS DE CAUSAR BAIXAS

O "Army Times" de 9 de julho de 1955 publicou um trabalho intitulado **Chem Corps could cripple Army or Civilians supporting it at home** em que foi feita referência a uma palestra pronunciada pelo Major-General William M. Creasy, do **Chemical Corps**, em que o mesmo, pela primeira vez, revelou a classificação dos métodos de causar baixas em combate, estabelecida pelos cientistas do Chemical Corps. Nessa conferência, pronunciada perante a **Manufacturing Chemists Association**, em **White Sulphur Springs, West Virginia**, o General Creasy revelou:

"Em guerra, as baixas do pessoal podem ser causadas por: (1) injúria mecânica, (2) calor, (3) envenenamento, (4) doenças, (5) radioatividade, (6) inanição e (7) distúrbio mental."

No decorrer de sua palestra mostrou êle como os meios convencionais de fazer a guerra causam baixas apenas pelos dois métodos iniciais. Já a Guerra Atômica ou Termonuclear poderá causar baixas, além dos dois primeiros métodos, também pelo mais recente, isto é, o quinto.

Finalmente o Corpo Químico, isto é, a tropa apta ao desencadeamento da guerra QBR poderá causar baixas no inimigo por todos os sete métodos acima citados. Vejamos as possibilidades dessa arma, tecendo ligeiras considerações a respeito de cada um dos métodos, ressaltando como nêle se enquadra a QBR.

a) **A injúria mecânica**

É a mais antiga forma de causar baixas, devendo ter sido a primeira a ser usada quando na primeira luta entre dois combatentes, um foi derrotado. Com o correr dos tempos, desde a clava até as últimas bombas arrasa-quarteirões, a injúria mecânica foi o método mais utilizado. Todo o armamento convencional utiliza tal método. Também o armamento nuclear o utiliza, e se observarmos as estatísticas a respeito das baixas havidas em Hiroshima e Nagasaki, constatamos que a maior percentagem foi causada por êste método. O maior número de baixas foi causado pelos efeitos mecânicos da explosão, seja diretos, seja indiretos, por meio de partículas sólidas acionadas pela mesma, principalmente vidro e material desmoronado.

Também o Corpo Químico pode provocar baixas por êste método, pois os fragmentos da munição transportadora do agente químico irão causar injúrias mecânicas no combatente encontrado dentro do seu raio de ação. No entanto, êste não é o método específico da arma química e nem seu meio preferido de ação, por trazer também como consequência a destruição material, anulando uma das principais vantagens da utilização da arma QBR que é a de destruir ou neutralizar o combatente sem ocasionar danos ao armamento ou às instalações

por êle utilizados. Uma das teses preferidas do especialista em Guerra QBR é a de que a destruição do combatente juntamente com os materiais por êle utilizados, causará a derrota do inimigo em guerra, porém, também irá causar a perda da paz. Após a luta, vêm as responsabilidades do vitorioso, na reconstrução do derrotado, e podemos apreciar, ao terminar o último conflito, as importâncias fabulosas gastas pelos Estados Unidos, na reconstrução dos países devastados pela conflagração. Atualmente a economia mundial está de tal modo entreligada que o ideal é não permitir que as nações derrotadas se arruinem, anulando o poder combativo do inimigo, causando-lhe o mínimo de danos à sua economia. O Corpo Químico se vangloria de poder usar um armamento que elimina o elemento humano, deixando os edifícios e as máquinas intactas, facilitando sobremodo a futura reconstrução. Também pode êle evitar matar o inimigo, neutralizando-o apenas, debilitando-o ou diminuindo sua capacidade combativa, de modo que tenhamos dentro de um tempo mais ou menos longo, no futuro, êsse mesmo elemento humano com capacidade para operar as máquinas que tivemos o cuidado de deixar intactas.

Vemos, portanto, que o primeiro método de causar baixas em combate, se bem que o mais generalizado, e mais utilizado até o presente, sendo comum ao armamento convencional, não é o preferido pela arma QBR, se bem que ela também possa utilizá-lo.

b) Calor

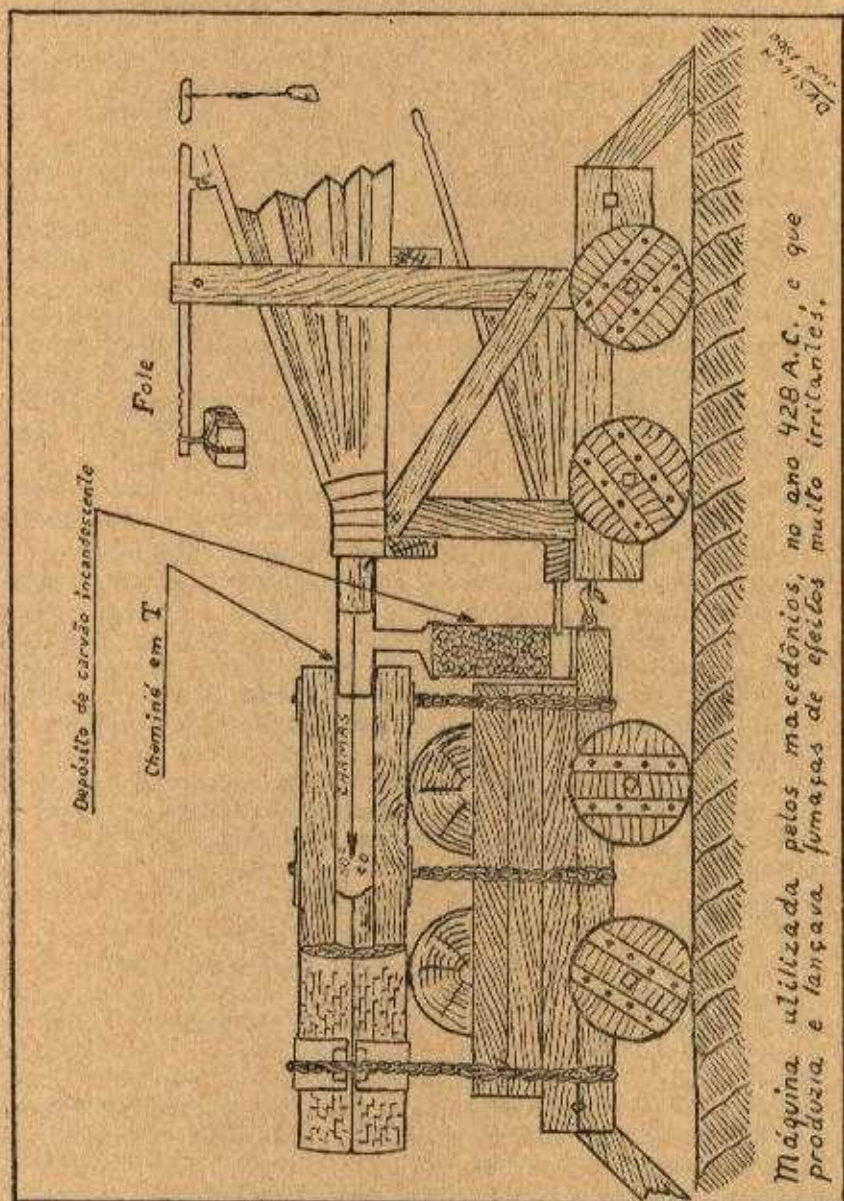
Também com sua primitiva utilização se perdendo no passado, deve ter sido um dos mais usados, desde que um dos nossos antepassados, ao lado de uma fogueira, desarmado, se muniu de um tição para atacar uma fera ou um desafeto. Seu aperfeiçoamento foi gradual e pequeno, apresentando, na última guerra, grande eficiência, facilmente lembrada por todos que apreciaram os filmes que mostravam os japoneses desalojados de suas tocas pelos norte-americanos munidos de lança-chamas. Método usado pelo armamento convencional, também o é pelo armamento atômico, e foi o segundo, em importância na relação de vítimas das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki.

O Corpo Químico também o utiliza e, além do muito usado lança-chamas, podemos citar as bombas de gasolina gelatinosa utilizadas na guerra da Coréia, bem como as Minas Químicas, ali também usadas, carregadas com o mesmo agente.

Sua desvantagem, ainda de acôrdo com a tese citada ao tratarmos do primeiro método, é a de ocasionar a destruição, não apenas do combatente, mas também das instalações e equipamentos por êle utilizados.

c) Envenenamento

Neste método, o armamento químico é praticamente insubstituível, pois a primeira idéia que temos ao falar de envenenamento em guerra



é a que nos vem à memória pela recordação das pungentes descrições dos combatentes que sofreram os efeitos dos primeiros **gases asfixiantes** na Primeira Guerra Mundial, e o pânico que inicialmente deles se apoderou, ao constatarem que o próprio ar que respiravam, era o causador da morte.

Também na utilização desse método é que a guerra química fez sua aparição na história militar, pois foi com a finalidade de envenenar ou pelo menos sufocar o inimigo, que em 428 A. C. Arquidamos, filho de Zeuxidamos, rei da Macedônia, fez construir a máquina que pode ser considerada como a precursora dos armamentos químicos, e que expelia fumaças irritantes contra a praça sitiada. Posteriormente, no cerco de Platéia, também, foram fumaças irritantes que deram a vitória, como depois, em 187 A. C. Polívio e Tito Lívio ficaram a dever à arma química a derrota dos seus inimigos.

No Século XIII, Hassan Abrammah, com ópio e arsênico sob forma gasosa lançados sobre o inimigo, também conseguiu vantagens militares. Foi ainda, com este método de causar baixas que os alemães a 22 de abril de 1915 conseguiram sua espetacular vitória sobre as tropas francesas e britânicas e que, se tivesse sido bem aproveitada, os teria levado a Calais.

Muitos colocam os efeitos radiológicos da bomba atômica como obtidos por este método, porém, na classificação que estamos seguindo, isso não é feito, pois para os mesmos há um método específico.

O método de causar baixas por **envenenamento** é o preferido pela Arma Química, e dá absoluta validade à sua tese de destruir o combatente sem ofender o material que ele usa. Essa destruição pode ser total, ou pode ser obtida apenas uma diminuição de sua capacidade combativa, com sua recuperação futura. A escolha do agente químico apropriado para cada situação, nos permite grande flexibilidade em seu emprego.

As mais recentes pesquisas sobre novos agentes químicos, bem como as suposições sobre os que já se acham estocados para utilização no provável futuro conflito, se baseiam neste método, específico da Arma Química.

d) Doenças

Selman A. Wasman, descobridor da estreptomicina considera que o conquistador Pizarro, para obter o domínio sobre os índios com o reduzido efetivo de que dispunha, provocou nos mesmos cerca de 3.000.000 de mortes por varíola, com o seu processo rudimentar de utilizar a guerra biológica, distribuindo roupas e cobertores contaminados. Foi o mesmo processo utilizado em 1763 pelo Capitão Ecuyer, em cumprimento às ordens do general inglês Amherst, governador da Nova Escócia. Foram retiradas roupas dos doentes baixados ao hospital, com varíola, em Fort Pitt, e as mesmas foram dadas aos chefes índios como presente, com o que uma vasta epidemia quase dizimou as tribos do Ohio.

Na história militar mundial são inúmeros os exemplos de emprego de doenças para, deliberadamente, provocar baixas, porém, talvez só no último conflito é que se tenha dado uma organização racional à atual Arma Biológica, enquadrada modernamente como um dos meios de desencadear a Guerra QBR. Essa organização foi recomendada ao Presidente Franklin Delano Roosevelt, pelo Secretário do Exército, e foi concretizada no verão de 1942, sob o nome de Serviço de Investigações de Guerra, sendo entregue sua chefia ao Dr. Merck. Já em abril de 1943 se iniciou a construção em Camp Detrick, perto da cidade de Frederick (Maryland), de um órgão subordinado ao Serviço de Guerra Química, com o encargo de preparar o desencadeamento da provável guerra biológica. Em junho de 1944, ainda por decisão do Presidente Roosevelt, o Serviço de Guerra Química do Exército norteamericano assumiu a total responsabilidade pelo estudo, organização e emprego da Guerra Biológica, com a cooperação da Marinha, do Serviço de Saúde Pública Federal e de várias Universidades.

Existem conjecturas a respeito de provável utilização desse método, pelas Forças da ONU, durante a guerra da Coreia, conforme já tivemos oportunidade de comentar em trabalho anterior, publicado nesta revista (1), mas parece não restar a mínima dúvida de que será utilizado em futuro conflito generalizado.

Sua vantagem principal, e que fez com que se filiasse às outras formas de guerra, a química e a radiológica, formando a moderna trílogia QBR, é a de servir à já citada tese do Serviço de Guerra Química, pois neutraliza ou elimina apenas o combatente, não ocasionando danos a materiais. É um método que ataca apenas os seres vivos, podendo, por outro lado, não sendo lançado diretamente sobre o combatente, e sim sobre os animais e vegetais, destruindo as colheitas e os rebanhos, e por conseguinte, seus meios de subsistência, provocar baixas por outro método que veremos, posteriormente, o da fome ou da inanição, ou mesmo, levar o inimigo a depor as armas, apesar de ainda forte em armamento. Além disso é um método capaz de ser desencadeado por pequenos países, e fácil de ser lançado de surpresa, apresentando ainda a grande vantagem de ser econômico.

É método de causar baixas também privativo da Guerra QBR, sob o seu aspecto biológico.

e) Radioatividade

A nuvem que se estendeu sobre Hiroshima naquela fatídica manhã de agosto de 1945 foi o início da utilização desse quinto método de causar baixas em combate, pois o mesmo nunca havia sido antes usado. No entanto, apesar de seus efeitos, os que morreram por tal método foram em pequeno número, se postos em comparação com os outros, aniquilados pelos métodos anteriormente citados, de **injúria mecânica**.

(1) "Um exercício de guerra biológica" — n. 543 (Outubro - 1959).

e calor. Assim, a radioatividade ficou sempre ligada, na mente dos que a ela se referiam, à explosão atômica, apesar de os técnicos terem imediatamente estudado a possibilidade de isolar tal método, dissociando-o da necessidade de uma explosão, por ocasião de sua utilização.

Um acidente fortuito, ocorrido por ocasião da experiência levada a efeito no Pacífico, pelos técnicos norte-americanos, em 1 de março de 1954, com a detonação da bomba **Bravo**, veio alertar o mundo para as possibilidades até então consideradas na reserva dos gabinetes. A explosão da bomba **Bravo**, equivalente à que seria produzida por 15 milhões de toneladas de TNT, deu como resultado uma nuvem que cortou o céu a uma altitude aproximada de 30 quilômetros, iniciando sua precipitação sobre a terra, à medida que se deslocava para o sul. Decorrida apenas uma hora da deflagração da bomba, já uma chuva pesada de cinza branca começava a cair cinquenta milhas ao sul, e algumas horas mais tarde, a uma centena de milhas da região da experiência. Infelizmente, essa precipitação que deveria ocorrer sobre o Pacífico, em regiões desertas, atingiu dois grupos de pessoas que se achavam ao sul. Um deles foi um grupo de 23 pescadores que se encontrava a bordo do barco pesqueiro "Lucky Dragon Number 5", e o outro foi um grupo de 239 nativos das pequenas ilhas de Rongelap, Ailinginas e Utirik, bem como 28 americanos que se encontravam guardando postos meteorológicos em Rongerik.

Depois de duas semanas, o barco pesqueiro aportou em Yazu, no Japão, cancelando o restante de sua viagem por motivo de doenças da tripulação, tendo o Dr. Ohí Toshisuke, que os socorreu, constatado ser a doença resultante da radioatividade. Dois dos homens mais atingidos foram enviados para o University Hospital, em Tóquia, e o barco, interditado, passou a ser objeto de estudos por parte dos cientistas japoneses. Não se pôde calcular com exatidão a dose de radiação recebida pelos pescadores, porém, o fato de algumas das vítimas terem tido perda total dos pêlos do corpo, ao fim de três a quatro semanas, indica que tenha sido provavelmente de 200 roentgens. Com o tratamento adequado, vinte e dois dos tripulantes puderam voltar, dentro de um ano, ao trabalho, porém, Kuboyama-san, radioperador do "Lucky Dragon" faleceu, sendo a causa-morta dada como distúrbio hepático, levantando protestos em todo o mundo.

Mas a **shi no hai** (cinzas da morte, como foram denominadas pelos japoneses) não causou apenas essa vítima, pois em um mercado de peixe, em Osaka (Japão), a 150 milhas de distância de Yaizu, onde aportara o Dragão Feliz, foi feita a descoberta de que todo o peixe trazido por inúmeros barcos pesqueiros se achava contaminado. Imediatamente cientistas da **Osaka City University** constataram alta dose de radiação na maioria do pescado obtido em tórno de milhares de milhas do local da explosão. Tal fato avolumou os protestos japoneses e do mundo.

Esse efeito, apenas da **radioatividade**, isolado dos demais encontrados na bomba atômica, assim utilizado independentemente, pode se enquadrar na tese da Guerra QBR — destruição dos seres vivos,

porém, preservação do material, equipamento e instalações — é que faz com que a Guerra Radiológica — que não deve ser confundida com a Guerra Atômica ou Termonuclear — se enquadre como uma das formas de guerra para cujo desencadeamento o Corpo Químico é especialmente apto.

Há anos atrás o problema da utilização apenas da radiação como arma de guerra foi ventilado perante o Congresso dos Estados Unidos, e mesmo na campanha presidencial de 1956, o candidato Adlai Stevenson a ele se referiu em muitos dos seus discursos. O livro do físico Ralph E. Lapp e do bioquímico Jack Shubert — **Radiation, What it is and how it affects you** — no corrente ano traduzido e publicado em português sob o título "O Perigo das Radiações", também trata do assunto. Mas seu emprêgo já se acha suficientemente estudado pelos técnicos e são imensas as possibilidades que se apresentam, principalmente se encararmos a utilização de fumaças e neblinas radioativas, ou mesmo, a confecção dos tradicionais gases asfixiantes com átomos radioativos, ou mesmo misturados com substâncias radioativas, produzindo, além dos efeitos tradicionais — sufocantes, vesicantes, tóxicos dos nervos e tóxicos do sangue — mais os efeitos radiológicos, tornando bem mais complexa a defesa e a descontaminação. Vários isótopos já se acham relacionados como sendo passíveis de utilização para tal forma de guerra, e muitos consideram que a imprópriamente chamada bomba de neutrons, ou o sempre lembrado **raio da morte**, que ultimamente voltou ao noticiário, nada mais sejam do que a arma radiológica, por meio da utilização de um fluxo de neutrons, também encontrado na explosão atômica, porém, sem os efeitos desta última, isto é, sem resultantes mecânicas ou térmicas. Por outro lado o raio da morte poderá muito bem ser a utilização dos raios gama, responsáveis pelo maior número de vítimas devido à radioatividade, no caso da bomba atômica, como um meio de causar baixas apenas pela radioatividade.

Este método de causar baixas é outro exclusivo da Arma Química, ou melhor, dentro do moderno conceito, da Arma QBR.

f) Inanição

É um método muito antigo de causar baixas em guerra, e antigamente foi intensivamente usado no sítio às cidades, ou com a destruição dos rebanhos, culturas e fontes de abastecimento. Na Bíblia, talvez Sansão possa ser considerado como um dos precursores da guerra química, utilizando incendiários para destruição das culturas dos filisteus, procurando atacá-los pela fome, quando incendiou essas culturas com os animais soltos, nos quais previamente colocou tições nas caudas

O envenenamento das fontes de abastecimento de água também durante séculos foi um meio de forçar o inimigo à rendição, privando-o de um elemento vital para a continuação da luta.

Modernamente, com a técnica da sabotagem e a descoberta de possantes venenos, a possibilidade de contaminação das fontes de abastecimento de grandes cidades é uma eventualidade que não deve ser desprezada. Na última guerra os japoneses tentaram lançar sobre os Estados Unidos balões que, soltos no Japão, e aproveitando as correntes aéreas das camadas superiores da atmosfera, iriam descer em território americano, conduzindo agentes biológicos que disseminariam pragas, não apenas nas culturas, mas também nos rebanhos. A certeza dessa possibilidade, e a consideração de que será muito mais difícil combater uma epizootia disseminada do que evitá-la, é que leva a Alfândega norte-americana a ser tão rigorosa em sua política sanitária, ao fiscalizar, quase que impedindo totalmente, a entrada em seu território de animais ou vegetais.

Este método que não pode ser usado diretamente pelo armamento convencional, que apenas poderá por outros métodos destruir as colheitas e rebanhos, apresenta muitas vantagens se for encarado sob o aspecto de emprêgo da Guerra QBR. Realmente, a forma ideal de levar a fome ao inimigo será por meio de ataques com a Arma QBR, enfraquecendo-o ou tornando-o mais vulnerável às nossas ações. Além disso, utilizando a Arma QBR em íntima ligação com a sabotagem e a guerra revolucionária, o início do ataque e da destruição do inimigo poderá mesmo preceder o início da guerra. Ainda a tese da Arma QBR será satisfeita, pois o elemento humano será destruído ou neutralizado, porém, sem a simultânea destruição do material por ele usado.

g) **Distúrbio mental**

O armamento nada pode fazer se não for movido por uma vontade bem orientada. Assim, em última análise o que irá decidir da sorte da luta será a mente do combatente, razão pela qual é de vital importância a higidez mental do soldado e sua convicção da justiça da causa pela qual se bate. Se for possível destruir ou neutralizar essa vontade, definitiva ou momentaneamente, o inimigo a nós se entregará. É essa uma das teclas prediletas dos escritores de **Science-Fiction**, e na própria vida real, os técnicos não são hostis à consideração do problema, sendo que individualmente este método de causar baixas já tem sido aplicado com sucesso pelos totalitários.

Muito se tem escrito a respeito dos processos adotados pelos nazistas na última guerra, com a finalidade de destruir a vontade dos que a eles se opunham, bem como dirigir a mente dos seus seguidores. Atualmente são bem recentes os mais modernos processos de lavagem cerebral utilizados pelos comunistas, não apenas nos países satélites europeus, como também na luta da Coreia com aviadores norte-americanos capturados. Uma das obras mais recentes e impressionantes a respeito talvez seja a do Dr. Joost A. M. Meerloo, psiquiatra holandês que conheceu, nos campos de concentração, a técnica dos nazistas, atualmente naturalizado cidadão norte-americano, lecionando na Columbia University. Seu livro, *Menticídio: "O rapto do espírito"*, mostra como os técnicos podem hoje em dia penetrar a

mente humana, deformando-a sem o menor respeito pela dignidade do homem. Mas, não apenas individualmente poderá essa técnica ser empregada, e muitos cientistas já se têm ocupado do método de, coletivamente, influir nas decisões de grande número de indivíduos, sem que estes se apercebam do que está ocorrendo. Em a "A Defesa Nacional" já tratamos da Percepção Subliminal" (2), e ela apresenta, apesar de ainda nos seus passos iniciais imensas possibilidades que não estão sendo desprezadas.

Assim, o distúrbio mental que no passado ocorria esporadicamente, como consequência da própria brutalidade da luta, passa a ser um método de causar baixas, desde que procurado deliberadamente com uma técnica de emprêgo bem estabelecida. Certos gases que estão sendo estudados, como o chamado gás do medo, nada mais almejam do que atingir os centros nervosos do combatente, neutralizando sua vontade, colocando-o inerte à mercê do atacante. Como vemos, como método de causar baixas, deliberadamente provocado, é mais um exclusivo da Arma QBR.

2 — CONCLUSÃO

No último dia 2 de junho, a União Soviética apresentou um novo plano de desarmamento, a ser completado em um período de um ano a dezoito meses, e que, em suas páginas, confirma o que afirmamos, da importância dada à Arma QBR em um futuro conflito mundial. Esse documento, em oito páginas, propõe o desarmamento mundial em três etapas, sendo que a primeira delas seria o **contrôle e a destruição dos meios de ataque com armas nucleares, biológicas e químicas**. Os foguetes intercontinentais e outros engenhos de longo alcance, caso sejam portadores de ogivas nucleares irão causar uma luta de consequências devastadoras de tal magnitude, que no final, sem vencedores nem vencidos, teremos, como declaram alguns cientistas, os insetos como herdeiros universais. No entanto, esses mesmos engenhos, se portadores de meios QBR, poderão ocasionar a destruição ou neutralização apenas dos seres vivos, talvez em poucos instantes, caso o ataque seja desfechado de surpresa, mantendo intacta toda a estrutura material do inimigo, não trazendo a necessidade de futura reconstrução.

Essa importância dada à Arma QBR é que procuramos justificar no presente trabalho, tecendo considerações sobre a classificação dada pelo **Chemical Corps** do Exército norte-americano aos métodos de causar baixas em combate. Dos sete métodos, vimos que apenas dois podem ser usados com o armamento convencional, passando a três no caso de engenhos nucleares, para atingir a totalidade, se considerarmos a Arma QBR, única apta a atingir o inimigo, externa ou internamente, material ou mentalmente.

(2) Publicado em "A Defesa Nacional" em 1958, sob o título "A Percepção Subliminal".

Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A.

M
A
R
I
P
Á

MATRIZ:

Rua dos Andradas, 172 — 1º And. — Sala 16 — Telefone 6955
Edifício Oswaldo Cruz

Enderêço Telegráfico: "Maripá" — Caixa Postal 1581
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul

FILIAL:

TOLEDO — Enderêço Telegráfico: "MARIPÁ" — Estado do Paraná

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Coordenador: Cap-Ten AYRTON BRANDÃO F.

EDUCAÇÃO FÍSICA NOS CORPOS DE TROPA

1º Ten GAY CARDOSO GALVAO

Educação é a ciência que engloba todos os anseios de atingir-se o ideal da perfeição humana através de estudos científicos, psíquicos, sociais, físicos, etc.

Educação Física é portanto um ramo da educação, que trata da obtenção da perfeição humana através da prática, principalmente, de exercícios físicos.

Montaigne escreveu: "Somos não só uma alma, nem somente um corpo; somos corpo e alma".

O ideal humano para ser atingido, devemos nos preocupar portanto, também com o corpo. Na Terminologia popular, Educação é muitas vezes confundida com seus ramos subsidiários. Ouvimos falar:

- Fulano é educado (fino, de boas maneiras);
- Sicrano é educado (culto, inteligente, viajado).

Comuníssimo, então, é a aceitação de Educação Física como exercício físico (ginástica). Exercícios físicos são um dos artifícios de que a Educação Física lança mão em seu afã de conseguir o ideal da perfeição física.

Ao lado dos exercícios físicos temos a postura, a prevenção de acidentes, saúde, atitudes ante as vitórias e derrotas, etc. Quem nos ensinará isso, será o instrutor de Educação Física que será antes de tudo um professor de Educação.

No âmbito militar cumpre-nos dizer os motivos dessa dupla interpretação da palavra Educação Física.

Nos quartéis recebemos o recruta em já avançado estado de educação, que geralmente começa dos 4 aos 7 anos. Por outro lado nossa principal missão é torná-lo apto a atender aos futuros apelos da Pátria.

— Isso, fazemo-lo de duas maneiras: — Técnica e fisicamente. Tecnicamente dando instrução básica, individual e coletiva. Fisicamente, submetendo-o à vida sedentária e de intensas atividades (marchas, manobras, jogos e competições).

Uma das principais dessas atividades físicas, é a quase diária Educação Física, que, pelo que vimos, em última análise, não se trata somente de exercícios físicos.

— Não estamos propondo mudança de denominação dessa atividade militar. Nosso objetivo é bem outro; é o de criar um ambiente psicológico de maior receptividade às coisas da Educação Física, por intermédio de superiores compreensões de seus problemas e necessidades.

ANÁLISE DA SITUAÇÃO

1º. — Não é invejável a situação do estado físico da tropa dos nossos quartéis.

2º. — Não é nem ao menos regular a compreensão da Educação Física como necessidade intrínseca de nossa formação, como elementos da sociedade em que vivemos.

Justificativa — A prática dos exercícios físicos nos quartéis, não tem surtido os efeitos desejados. Não nos cabe aqui discutir as causas. Apontamos, no entanto, superficialmente, a falta de espaço (nas cidades) e a falta de material (nas cidades e nos quartéis de interior). Contudo, não há, para o soldado, uma Meta a atingir, o qual no entanto deve permanecer no "Bom Comportamento" para o desarranhamento, para o licenciamento nas primeiras turmas, etc.

Os exames físicos previstos têm tão-somente o caráter de trabalho burocrático (algumas vezes de seleção) pois a não obtenção de índices mínimos não incluem seus autores nem nos suavíssimos "pernoites".

No entanto, a obtenção de um excepcional estado físico é uma das principais exigências para o Militar em caso de guerra. Principalmente para os menos graduados, principalmente para o Soldado.

O QUE PROPOMOS COMO SOLUÇÃO

A — Ao primeiro quesito:

Para o Núcleo Variável:

- 1 — Sejam baixadas instruções pelo EME, por proposta da EEFE, contendo índices mínimos em diferentes modalidades atléticas.

ticas, para que sejam satisfeitos pelos candidatos ao licenciamento após a prestação do Serviço Militar.

Para o Núcleo Base

- 2 — Inclusão de mais um parágrafo na LSM no artigo que trata do engajamento e reengajamento das praças e que teria a seguinte redação:

§ — Ter satisfeito os índices físicos constantes das "instruções" em vigor sobre o assunto.

- 3 — Nas promoções de praças igual rigor ou maior ainda seria exigido aos candidatos as graduações superiores.

O estado físico excelente de nossa tropa deve ser objeto de estudo imediato como o tem sido o nível intelectual através de louváveis portarias.

Os exercícios físicos, como parte integrante da Educação Física (está, por sua vez, incluída no rol das ciências que colimam a perfeição humana), devem portanto, ser incentivados e amparados.

O QUE PROPOMOS COMO SOLUÇÃO

B — Ao segundo quesito:

Criação de Centros Regionais de Educação Física:

É necessário seja dado o mais urgente possível um caráter de transmissão de conhecimento aos ensinamentos colhidos na nossa Escola Especializada, tendo em vista que é deficientíssimo o número de elementos especializados no trato das coisas referentes à Educação Física. Morrem mais pessoas afogadas do que por mordeduras de cães hidrófobos. No entanto, há Serviços e Departamentos inteiros mobilizados a espera de um possível surto de hidrofobia. Quantas instruções de "respiração artificial" presenciei em minha carreira de oficial? Nenhuma.

São essas nossas perguntas a respeito.

Ansiamos por galgar novos postos e posições no Exército de Caxias, para dar ao assunto o estudo e atenção que ele merece. Temos certeza, no entanto, que muitos o farão na nossa frente.

"A DEFESA NACIONAL"

CORPO DE REDADORES PARA 1961

REDATOR-CHEFE — Coronel Ayrton Salgueiro de Freitas

COORDENADORES:

Cel Ayrton Salgueiro de Freitas ...	Assuntos Militares
Cel-Av Délio Jardim de Matos	Aeronáutica
Ten-Cel Hugo de Andrade Abreu ..	Exército
Cmt J. A. Carneiro de Mendonça ...	Marinha
Ten-Cel Carlos de Meira Mattos ...	Guerra Revolucionária
Ten-Cel Waldyr da Costa Godolphim	Geografia
Ten-Cel J. R. Miranda Carvalho ...	História
Ten-Cel Celso dos Santos Meyer ...	Caso de Espionagem
Ten-Cel Octavio Tosta	Geopolítica
Ten-Cel Mário de Assis Nogueira ..	Psicologia e Liderança
Ten-Cel Ézio de Melo Alvim	Ciência e Técnica
Ten-Cel Danilo da Cunha e Mello ..	Candidatos à EsAO
Maj Adyr Fiuza de Castro	Engenhos-Foguetes e Satélites
Maj Amerino Raposo Filho	Doutrina Militar Brasileira
Maj Leopoldo Freire	Assuntos Diversos
Maj Germano Seidl Vidal	Candidatos à ECEME
Maj Confúcio Pamplona	Guerra Atômica
Maj Dario Ribeiro Machado	Nossas Guarnições Militares
Cap-Ten Ayrton Brandão de Freitas	Ed. Física e Desportos
Cap. Diógenes Vieira Silva	Guerra Química

HISTÓRIA

Coordenador: Mq. J. MIRANDA CARVALHO

A CONQUISTA DE MONTE CASTELO

Recordando essa efeméride, que enobrece os nossos fastos militares, A DEFESA NACIONAL publica, a seguir, parte da palestra do Major Germano Seidl Vidal, em nome da Associação de Ex-Combatentes — Seção da Bahia — no dia 21 de fevereiro de 1958, em Salvador, no auditório do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Foi em agosto de 1942 que ecoou pelo Brasil imenso e altaneiro o som rouco da inúbia a chamar seus filhos para a luta contra a traição e a insidia. O mar, que banha as praias nordestinas, tragara irmãos nossos, mortos à socapa nos torpedeamentos de nossos navios mercantes.

Era, pois, o reconhecimento do estado de guerra com os que se atreveram a manchar com sangue generoso de brasileiros as convenções e tratados diplomáticos em vigor.

Nossas Forças Armadas iniciam seus preparativos bélicos e se empenham em severa vigilância de nossas extensas costas. No Exército recrudesce a instrução; o treinamento intensivo forja vigorosos e eficientes soldados modernos; a mobilização planeja e reúne escassos recursos do país e conclama cidadãos a envergar o uniforme em defesa da Mãe-Pátria. Os dias e meses se passam e a batalha surda da frente interna, dia a dia, ganha mais uma vitória.

Em junho de 1944 chega o grande momento e o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira parte para além-mar. Outros se seguem, juntamente com os integrantes da FAB que constituem o 1º Grupo de Caça e a Esquadrilha de Ligação e Observação, apoiados por unidades de nossa Marinha de Guerra.

Em breve, a tropa brasileira é encarregada de larga zona de ação na frente italiana. As primeiras vitórias chegam céleres e as operações

na linha Gótica e no vale do Serchio dão a prova real da capacidade de nossos chefes e soldados.

O General Mark Clark, então comandante do V Exército, assim se referiu ao teste inicial da tropa brasileira, em entrevista com o então Ministro da Guerra, General Eurico Dutra:

"A sua tropa, Gen Dutra, quando veio do Brasil, foi para uma área de estacionamento, onde iria aclimatar-se e receber armamento de guerra. Passou então à fase do treinamento especial, duro e terrível, para a luta.

Um belo dia fui informado por um oficial do meu Estado-Maior sobre o alto grau de sua instrução e sobre sua eficiência. Resolvi, então, empregá-la no "front".

Constituí, para isso, um destacamento especial, cujo comando foi confiado ao General Zenóbio da Costa. Andei acertado. Eis aqui o que sua tropa fez nestes dez dias — e apontou no mapa a progressão do destacamento brasileiro, indicando quais as cidades por êle tomadas (Vale esclarecer, acrescentamos nós, que se tratava de operações ofensivas concluídas com uma progressão de 40 km e um balanço de 208 prisioneiros, 209 baixas (das quais 13 mortos), várias cidades libertadas e a captura de uma fábrica de munições e acessórios para aviões. Diante de tão promissora experiência — continuou o General Clark — resolvi dar-lhe nova missão, reforçando o Destacamento FEB com um Regimento de Artilharia inglesa e um Batalhão de Carros de Combate americano.

Já cumpriu com sucesso, e até mesmo com inesperada rapidez, essa missão. Isso firmou o conceito não só entre nós, mas também entre os alemães, soubemo-lo por inúmeros prisioneiros. É por isso, Sr. Ministro, que estamos ansiosos por mais tropas brasileiras. Mandem-nas, e o mais breve possível, terminou o Cmt do V Exército."

Era a consagração do valor profissional e moral do nosso soldado diante do inimigo experiente e aguerrido.

Posteriormente, transferindo-se para as posições do vale do Reno a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária recebe missão como Grande Unidade, sendo dispensado o período de treinamento no Teatro de Operações tendo em vista ter sido considerado satisfatório o estado de instrução e eficiência da tropa. A nossa Divisão, como um todo, combinando Armas e Serviços, passa a agir no âmbito do 4º Corpo de Exército Norte-Americano, sob a responsabilidade exclusiva de comandos brasileiros.

Segue-se longa e tenebrosa defensiva sob o rigoroso inverno europeu. O "pracinha" das primeiras linhas, vive em seu abrigo, esconde-se nos "fox-holes", como bicho perseguido e maltratado, enquanto o "super-homem" o olha dominante das alturas que se debruçam sobre a tropa brasileira: Montes Belvedere, Gorgolesco, Castello, Della Toracia, La Serra, Sopressasso e Castelnuovo.



A RUDEZA DO TERRENO DA REGIÃO DOS APENINOS PÔE A PROVA
A NOSSA BRAVA INFANTARIA

Defensivamente organizado o inimigo sobrepuja a plethora de meios dos aliados, com astúcia e preponderância de posição. Devassando com as vistas o interior de nossas posições ele ceifa diariamente jovens vidas patricias, abatidas pelas rajadas de balas traiçoeiras ou pelos estilhaços de tremendos bombardeios de morteiros. As ações na linha de contato, junto ao indômito infante, exigem o máximo de cautela e sobre-humana vontade de vencer.

Findando o período hibernal chegam alvissareiras notícias da próxima ofensiva, nas palavras dos grandes chefes, em vibrantes "Ordens do Dia", cujos tópicos mais expressivos nos permitimos repetir:

Alexander, o marechal de campo inglês, supremo Comandante aliado no Teatro de Operações do Mediterrâneo, diz:

"É agora a nossa vez de executarmos a nossa missão decisiva. Não será um passeio; um animal mortalmente ferido, ainda pode ser muito perigoso. Deveis preparar-vos para uma luta difícil; mas o fim é bastante certo e não há dúvida sobre ele. Vós, que vencestes todas as batalhas em que vos empenhastes, vencereis também esta última."

Truscott, tenente-general americano Comandante do V Exército, afirma:

"Os olhos do Mundo estão sobre nós. Que cada oficial e cada soldado cumpra o seu dever. Sede corajosos e confiai em vós próprios em vossos camaradas, em vossos chefes, em vossa superioridade sobre o inimigo. Usai vossas armas e empregai todos os meios para sobrepujar o inimigo. A velocidade é vital. Usai vossas pernas. Sede agressivos, sede duros ao golpear o inimigo; preparai-vos para manter, destruir e tomar o objetivo a todo custo. E, finalmente, mantende-vos alerta, usai vossa iniciativa, aproveitai-vos de qualquer oportunidade, não deis descanso ao inimigo, aniquilai-o... Mereçamos, mais uma vez, os agradecimentos de nossas Pátrias."

Mascarenhas de Moraes, General Comandante da FEB, também assim se dirige aos seus soldados:

"A nossa Divisão, que tem sabido cumprir com galhardia as honrosas missões impostas pelo IV Corpo, aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E, quando esta hora for indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpetos que o sentimento da honra militar incentiva, atirando-se sobre o alemão, com a vontade férrea de não o deixar mais respirar até a completa asfixia."

A 21 de fevereiro de 1945 um estremeção agita os pracinhas da "Cobra fumando". Pela quinta vez, tropas brasileiras atacariam Monte Castelo. As duas primeiras, a 24 e 25 de novembro de 1943, quando o III-6º RI integrando a Task Force 45, norte-americana, sentiu o amargo sabor do fracasso. As outras duas, a 29 de novembro (ação do I-1º RI)



AS TROPAS BRASILEIRAS ENFRENTAVAM O RIGOROSO INVERNO EUROPEU

e a 12 de dezembro (ação do II e III-1º RI), quando novo revés deu-nos a prova da obstinação do defensor. Desfrutando de excelente posição, demoradamente organizada, com casamatas e posições de metralhadoras batendo extensas zonas, protegidas por largos campos minados, Monte Castelo era um baluarte que representava importante ponto-chave para a continuidade da defesa inimiga.

Fôra ajustado nos altos comandos uma ofensiva do 4º CEx, como preliminar da Grande Ofensiva de Primavera, cabendo as ações à 1ª DIE e à 10ª Divisão de Montanha.

O baluarte de Monte Castelo era o objetivo inicial da Divisão brasileira e a 21 de fevereiro iria receber novo e violento golpe das armas de nossos patrícios.

A manobra do chefe brasileiro consistia em:

- Uma ação ofensiva principal com o 1º RI sobre Monte Castelo e La Serra;

- Uma ação secundária do II-11º RI, destinada a cobrir o flanco leste do 1º RI; e

- Uma atitude defensiva para manter as posições não interessadas na ação ofensiva no momento.

As 5,30 da manhã desembocou o ataque. A FAB, com os seus caças, havia arrasado resistências alemãs em Mazzancana, nas encostas do Gorgolesco.

As reações inimigas são as mais enérgicas que já sofrera o pracinha importado de terras longínquas, de vida pacífica e tranqüila como está habituada nossa gente. Mas a tradição guerreira, da honra e dignidade militar, da atitude varonil de nossos avoengos — fôssem eles bandeirantes ou silvícolas da época colonizadora ou veteranos soldados do Império das campanhas sulinas — está presente nas veias dos expedicionários.

O ataque brasileiro mantém a fúria e a impulsão que só aos bravos é cabível.

A precisão e violência da Artilharia se combina com a agressividade do homem que rasteja de cobertura em cobertura, de abrigo em abrigo, com a inabalável convicção de cumprir o seu dever.

As 17h,20m a defesa inimiga está em franco colapso. Duas Clas Fzo atingem o cimo do Monte Castelo, elas integravam o I e III-1º RI. Seguem-se operações de limpeza e a ocupação definitiva do baluarte conquistado.

A cidadela fantasma para tantos embates frustrados estava enfim em mãos brasileiras, que sofreriam pesado castigo do inimigo — mas não a perderiam, nem dariam tréguas ao alemão até o fim da campanha.

Hoje, quando os tempos nos afastam dos acontecimentos descritos, sentimos que a História Militar conta friamente os lances dessa vitória, senão aceitarmos devaneios interpretativos em torno do que ainda representa para nós, militares, tão fulgurante acontecimento.

Monte Castelo é a prova da **persistência** de chefes e subordinados em busca da vitória, a qualquer preço.

A **bravura**, lá exemplificada mil vezes, em atos de heroísmo individuais e coletivos, é um incentivo para as nossas gerações manterem-se no másculo propósito de defenderem, a todo custo, nosso torrão natal.

A **eficiência técnico-militar**, dos quadros e da tropa, exime nossas forças terrestres de complexos de inferioridade, igualando-se às melhores do Mundo.

A atuação dos chefes, de todos os escalões, confirmou a **capacidade de liderança e chefia**, dos nossos comandantes, sugerindo que se continue a confiar nêles.

A nossa ação independente, no âmbito de uma Grande Unidade com planejamento e execução próprios, dá-nos a alegria e prazer de



A MORTE NÃO DETÉM OS "PRACINHAS"

ver confirmada a nossa auto-suficiência no campo tático, provada na guerra de nações poderosas.

As ações das patrulhas, das Cias, dos Btl, da armas de apoio e dos serviços e da coordenação com o apoio aéreo vêm de mostrar a excelência do trabalho de equipe, que é o marco decisivo para o máximo rendimento nas ações militares.

O moral de nosso homem, lutando em terras distantes contra inimigo aclimatado e veterano de várias campanhas, é o argumento poderoso para valorizar o "pracinha", preto, branco ou caboclo.

Finalmente, o idealismo que acompanhou a FEB, indo lutar pela liberdade, quando no próprio país ela estava ausente, foi tão salutar que insinuou nossa futura redemocratização.

São, pois, devaneios, elucubrações que a História não conta, mas que está ressoando nos nossos corações pelo valor sentimental, que traduzem, pela dura e firme verdade que contêm — essa a nossa opinião.

Por tudo isso, dever inalienável nos faz reverenciar os heróis de Pistóia, aqueles que deram a vida pelos ideais que empolgavam a Pátria Brasileira há treze anos passados.

A eles, os heróis mortos, todos nós, patriotas, vivos, devemos uma retribuição, qual a de mantê-los inolvidados na tradição brasileira pela permanência daqueles ideais incólumes e, cada vez mais, afinados com os propósitos do nosso povo.

Reavivamos alguns ideais que foram a glória daqueles heróis:

— A união das Forças Armadas para completo e eficiente desempenho de suas tarefas específicas;

— A contínua preservação do nosso potencial bélico para a garantia da vida e integridade do povo brasileiro nos seus anseios de paz e concórdia, a par de seu bem-estar geral;

— A intransigente defesa de nossa soberania pelo exercício do postulado constitucional, que designa as Forças Armadas para "defender a Pátria e garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem";

— A fiança de nossa evolução político-democrática, lenta mais inexorável, prescrevendo-se o uso da espada fratricida para aplacar o incontido desejo de aperfeiçoamento moral, político e cívico de toda a nação brasileira;

— O estímulo e auxílio aos cometimentos que argamassam a infraestrutura do país, permitindo que, dia a dia, se reafirme a nossa independência econômica, particularmente nos setores da energia, dos transportes e das indústrias de base;

— A conquista do Brasil para os brasileiros, devassando-se largas áreas até então inexploradas e anexando-as, em toda sua plenitude, ao patrimônio material e espiritual do país; colaborando no ressarcimento de populações desgastadas pela ausência de recursos estatais e onde não se aventura a iniciativa particular; incorporando todos os que nasceram sob o signo do Cruzeiro a tradição de nossa fé cristã e a certeza de nosso porvir grandioso e imarcescível.

Lembremo-nos, hoje, que as cinco centenas de cruzeiras brancas, no cemitério de Pistóia, na Itália, são a muda — porém expressiva — representação do que a Pátria sacrificou em benefício de seus ideais. Lá estão, também, os que tombaram a 21 de fevereiro de 1945.

São os heróis que a Pátria venera! São os heróis de Monte Castelo! O sacrifício deles está bem a altura da grandeza do Brasil e será permanente exemplo para a luta quotidiana, a fim de tornar, o nosso país, FORTE, FELIZ E INDEPENDENTE.

L I D E R A N Ç A

DISTINÇÃO ENTRE O "LEADER" E O "COMMANDER"

Cel JOSÉ JACINTHO DE CAMERINO

O problema das relações humanas tem o máximo interesse para nós. Todavia, as naturais peculiaridades de organização militar levam-nos a declarar que estes estudos visam a colocar a questão sem pretenderem fazer escola, e alertar os leitores contra conclusões simplistas de oposição entre os princípios da liderança e o organismo militar. As ordens serão obedecidas, qualquer que seja a posição doutrinária do Chefe. Cabe a este utilizar, separada ou concomitantemente, a força autocrática ou os notáveis recursos que a técnica da liderança põe em suas mãos.

Existem entre as pessoas que mandam, aquelas que estão na categoria de ajustados e outras que pertencem à classe dos desajustados. Há os que são capazes de trabalhar com pessoas e outros que só sabem trabalhar sobre pessoas, comprimindo-as ou impulsionando-as, como simples máquinas. Estes exigem compulsoriamente que uma diretriz seja seguida enérgica, imperturbavelmente, mas também de modo destruidor para a personalidade do executante; os que trabalham ao lado das pessoas, permitem que estas conservem intacto o seu senso de iniciativa, de criação, inspirando-as a produzir.

Leis e princípios existem que não podem morrer, não devem ser descurados, não podem ser olvidados, porque dêsses princípios, dessas leis, nasce o êxito.

Uma diretriz estaria quebrada se determinada ordem não fôsse cumprida. Ai está o característico que faz divergir a política do COMMANDER da política do LEADER. Este, embora mantendo o seu obje-

tivo de modo inquebrantável, deixa u'a margem flexível no que respeita a lidar com os indivíduos para que estes ocorram àquelas diretrizes por **motu proprio**, por sua **compreensão**, por uma espécie de sintonia com o moral do "leader", e não por uma compreensão rígida e destruidora.

Vejamos um resumo comparativo das duas maneiras de agir — do "leader" e do "commander", isto é, do democrata e do autocrata.

LEADER

1. Exerce a chefia ao lado dos seus subordinados, trabalha com pessoas.

2. Procura-se igualmente com o processo pelo qual o resultado é obtido.

3. Envida esforços em todos os sentidos para que o bem-estar da organização e seus membros sejam uma e mesma coisa.

4. Conduz os auxiliares, inspirando-os a uma formação altruística, de modo que, participando da formação, das finalidades, também possam participar de suas realizações.

5. Alimenta uma grande fé na natureza humana.

6. Alicerça suas relações com os subordinados numa profundidade de entendimentos e numa comunhão de idéias.

COMMANDER

1. Exerce a chefia sobre os seus subordinados, trabalha sobre pessoas.

2. Interessa-se apenas pelo resultado.

3. Coloca facilmente o bem-estar da organização à frente do bem-estar dos seus membros, dando prioridade sempre e exclusivamente aos objetivos materiais.

4. Dirige a organização subordinando os indivíduos a fins materiais previamente determinados.

5. Demonstra uma desconfiança intrínseca nos subordinados.

6. O "commander" preocupa-se em impor a vontade aos subordinados ao invés de inspirá-los, conduzi-los por caminhos sutis, dirigi-los, pois limita-se a usá-los como meros instrumentos. Somente sabe pensar em termos das relações usuais entre senhor e servidores.

LEADER

7. Procura o "leader" apoio para dirigir, principalmente na formação e desenvolvimento do moral do grupo.

8. A autoridade de "leader" apóia-se na aptidão e habilidade que tem de aliar, articular, entrosar a cooperação voluntária com a simpatia.

9. O "leader" inspira seus auxiliares, cria protótipos ideais, modelos a serem seguidos, êmulos que constituem reptos discretos. Educa e estimula os subordinados.

10. O "leader" está sempre disposto a explicar seus atos, porque sabe que esta explicação atende aos interesses dos subordinados e da causa comum. O chefe "leader" busca, pois, uma obediência consentida.

11. O chefe "leader" procura libertar e dirigir a energia humana a serviço e no sentido de um objetivo comum.

12. O chefe "leader" é sobretudo humano em sua concepção de disciplina, seja individual ou do grupo, pois deseja que esta seja aceita voluntariamente, sabe influenciar e inspirar seus seguidores e auxiliares a aceitar as regras de conduta e interpreta seus regulamentos sem rigidez traumatizante.

COMMANDER

7. Adota o "commander" como instrumento essencial e predominante de chefia, a coação e a disciplina, traduzidas em regras arbitrariamente estabelecidas e reforçadas.

8. A autoridade do "commander" apóia-se na capacidade de compelir à obediência pela coação.

9. O "commander" apenas comanda, manipula e manobra os seus subordinados.

10. O "commander" insiste na obediência cega, como completa subordinação à vontade própria; qualquer crítica ou indagação lhe pareceria insolente e perigosa. O chefe "commander" busca a obediência imposta.

11. O chefe "commander" transforma as pessoas em simples peças de rotina sujeitas a um sistema de controle qualquer.

12. O chefe "commander" limita a liberdade de ação dos subordinados por meio de regras rígidas e minuciosas e insiste constantemente no sentido de que os regulamentos sejam interpretados sem exceções, ao pé da letra.

LEADER

13. A personalidade de "leader" faz com que êle sem sentir concorrentes dirija seus subordinados de modo a que êstes se desenvolvam ao máximo de suas capacidades, para o que empresta sua ajuda.

14. O "leader" encara o grupo que constitui a empresa ou a organização como um organismo no qual um ideal comum constitui a base da atividade do grupo. O grupo é um todo articulado e entrosado entre si.

15. O chefe "leader" facilita por todos os meios sua aproximação com seus auxiliares e subordinados.

16. Promove a criação de uma comunidade de objetivos, tendo como resultado a cooperação e a integração progressiva.

17. O chefe "leader" antes inspira seus subordinados a alcançarem um objetivo, criando para isto um protótipo ou modelo.

18. O executivo "leader" possui linguagem ou dialética que o facilita expressar seus pontos de vista respeitando e resguardando os pontos de vista dos seguidores.

COMMANDER

13. Preocupa-se o "commander" apenas com o necessário. Procura manter os subordinados numa dependência constante, pois o seu posto somente estará garantido na proporção em que puder subjugar os outros à sua vontade.

14. O chefe "commander" encara a empresa ou organização como uma série de indivíduos e setores inteiramente separados que representam entre si compartimentos estanques.

15. O chefe "commander" julga erroneamente que a aproximação cordial com os subordinados lhe diminui a autoridade.

16. Promove um ajustamento arbitrário de interesses muitas vezes antagônicos, baseando-se na importância social que cada indivíduo ou grupo social consegue alcançar e, em consequência, tendo como resultado a intriga, acomodações e conchavos.

17. O chefe "commander" impõe uma meta a ser alcançada e um correspondente padrão de personalidade.

18. O chefe "commander" expressa os seus pontos de vista de modo direto e dogmático.

LEADER

19. O chefe "leader" considera seus auxiliares e seguidores como pessoas humanas que pertencem concomitantemente à empresa, à família, à sociedade e a outras instituições e concilia os interesses dos mesmos em face de seus problemas diversos.

20. O chefe "leader" incorpora em sua organização auxiliares e seguidores que correspondem, sob o ponto-de-vista étnico e social, a uma fiel amostra do ambiente humano em que funciona.

21. O executivo "leader" considera sobretudo a multiplicidade de personalidades humanas e, conseqüentemente, a capacidade diversa de seus subordinados e, baseado nesse fato, proporciona tarefas e atividades diversas a seus subordinados.

22. O executivo "leader" procura fazer com que seus seguidores ou subordinados queiram executar suas tarefas, inspirando-se com entusiasmo e persistência, de modo a que eles se integrem e se consolidem no grupo.

23. O executivo "leader" através da técnica executiva, do estudo da administração científica, do conhecimento da ciência das relações humanas, empresta todos os seus esforços para que seus auxiliares estejam satisfeitos com as respectivas condições de trabalho que lhe são dadas.

COMMANDER

19. O chefe "commander" considera o auxiliar e seguidor apenas como "peça" de sua empresa.

20. O chefe "commander" faz distinção de raças, de castas, etc.

21. O executivo "commander", por força de sua personalidade, não considera as particularidades individuais, preocupando-se apenas em distribuir indistintamente tarefas, exigindo-lhe o cumprimento.

22. O executivo "commander" não considera o interesse que a execução das tarefas possa despertar em seus executores.

23. O executivo "commander" desinteressa-se pelo fato dos subordinados estarem ou não satisfeitos com as condições de trabalho, salário, equipamento, ferramenta, horário, etc.

LEADER

24. O executivo "leader" em sua procura de apoio ao seu programa de ação, baseia-se principalmente no fato de que outros o compreendam e o julguem desejável.

25. O chefe "leader" considera de preferência o êxito futuro que possa atender aos interesses gerais.

26. O executivo "leader" cria "egos ideais", personifica o ideal de seus seguidores e estende seu poder gradativamente na medida em que estimula e consegue o apoio alheio.

27. O executivo "leader" faz com que a atividade alheia se beneficie de sua experiência e conhecimento, proporcionando-lhe um proveitoso acervo de informações.

28. O executivo "leader" busca uma autoridade real, em bases que não impedem e que pelo contrário permitem a aproximação dos subordinados com a verdade dos fatos.

29. O "leader" está interessado no método que consegue o resultado.

30. Os chefes "leaders" procuram conduzir e desenvolver os indivíduos de maneira que eles possam compartilhar dos bens da organização, moral e materialmente.

COMMANDER

24. O executivo "commander" procura conquistar adesões para seu programa de ação, por quaisquer meios, recorrendo, se necessário, à força e a coação.

25. O chefe "commander" considera predominantemente o alto interesse e prefere sempre o êxito imediato.

26. O executivo "commander" personifica egolsticamente um ideal próprio e procura aumentar o seu poder, dividindo para conquistar.

27. O executivo "commander" jamais externa tudo que sabe e pretende, pois o elemento principal de sua eficiência reside no mistério, no segredo, no misticismo e no monopólio de informações.

28. O executivo "commander" busca a autoridade, o prestígio, nas aparências, mesmo que se baseie em informações cujo objetivo seja encobrir a verdade.

29. O "commander" está interessado no resultado.

30. Os "commanders" dirigem organizações e os indivíduos vêm a ser subordinados aos objetivos da empresa.



Coordenador: Eng ADYLTON BRANDÃO F.

O PRIMEIRO CÉREBRO ELETRÔNICO DA AMÉRICA LATINA

Eng ADYLTON BRANDÃO F.

O primeiro cérebro eletrônico a ser instalado numa universidade da América Latina, o "205" funciona na PUC é do tipo digital, isto é, destinado a resolver problemas comerciais e científicos, e com capacidade de multiplicar 120 números de 10 dígitos (algarismos) em 1 segundo. A capacidade de memória do seu tambor situa-se acima de 40 mil algarismos. As memórias auxiliares, utilizando fita magnética, apresentam capacidade acima de 8 milhões de algarismos. Para o seu transporte foi necessário adaptar especialmente um avião cargueiro.

Foi adquirido pela Pontifícia Universidade Católica, tendo como co-tistas o Ministério da Guerra, a Companhia Siderúrgica Nacional, o Conselho Nacional de Pesquisas, a Comissão Nacional de Energia Nuclear e a Escola Politécnica da PUC. As equipes para sua manutenção e programação já estão organizadas.

Os serviços que o computador da PUC pode prestar, cobrem vastíssimo campo de atividades. Na CNEN existem problemas que estão

parados há dois anos, aguardando auxílio de um computador. O CNPq, no campo da matemática, irá beneficiar-se extraordinariamente. E a Companhia Siderúrgica Nacional já programou um estudo de reavaliação dos seus altos-fornos, utilizando o computador. As indústrias privadas, entre as quais têm prioridade as filiadas da SCEPT, poderão alugar os serviços do computador, a preço que inicialmente oscilará entre 30 e 40 mil cruzeiros por hora. Naturalmente, é muito difícil gastar toda uma hora com o computador, pois muitos problemas são resolvidos em poucos minutos e às vezes em menos de um só minuto. As questões levadas ao computador para resposta imediata encontram-se neste caso. Os problemas que exigem tratamento matemático antecipado, a fim de ser escolhida a fórmula a ser proposta ao computador, naturalmente tomarão mais tempo.

Pesquisas de mercado, problemas contábeis, fôlhas de pagamento, pesquisas operacionais na biologia e meteorologia, inventários, problemas de engenharia e química, planos de fabricação, controles de estoques, controles de sistemas — para quase tudo, enfim, o computador representa uma solução. Nas pesquisas técnicas e científicas de envergadura, nos cálculos de alta matemática, onde ele pode indicar qual a equação mais adequada ou a operação que proporcionará melhor rendimento, a sua contribuição é inestimável.

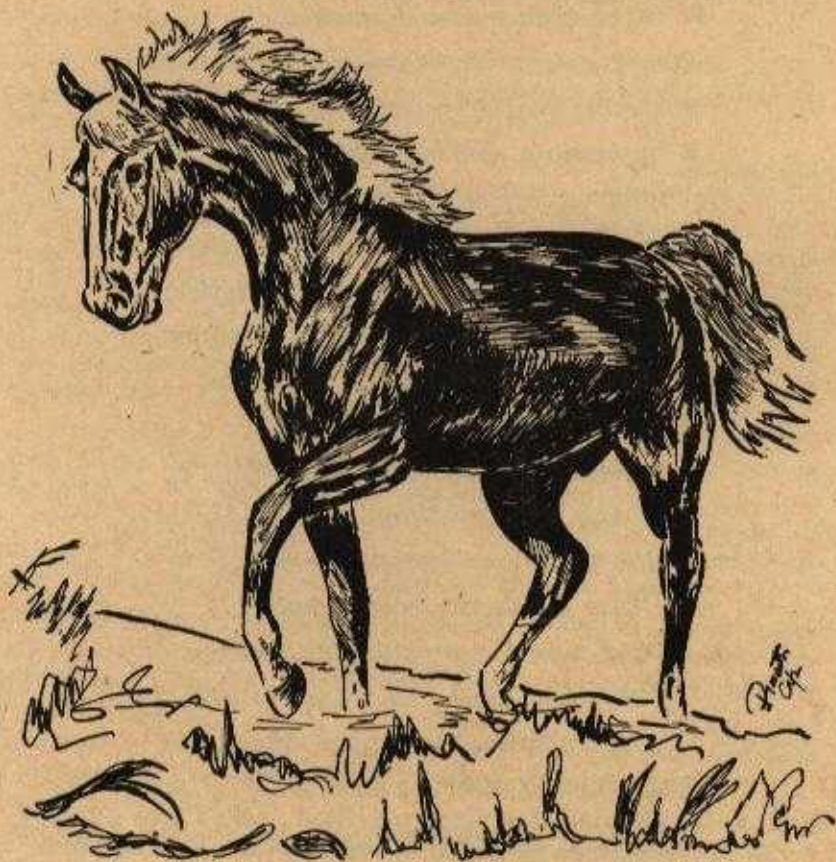
A presença de um computador na Universidade introduz profundas modificações curriculares, e isso também acontecerá na PUC. Além de conhecer novas técnicas de cálculos e seus respectivos efeitos nos métodos científicos, administrativos, industriais e tecnológicos, o estudante aprenderá a desenvolver outras técnicas de planejar e projetar. O engenheiro da era moderna deve estar habilitado para colaborar com o matemático, fornecendo informações que permitam aos computadores solucionar problemas de limitação na maquinaria e equipamento. Para que isto aconteça, impõe-se o conhecimento íntimo do computador eletrônico, seu comportamento e suas técnicas de trabalho.

A Pontifícia Universidade Católica colocou-se em situação privilegiada com a instalação de um cérebro eletrônico, ao mesmo tempo que se habilitou a prestar inestimáveis serviços à indústria e ao próprio Governo. Basta dizer que até hoje a formação de pessoal tinha de ser feita no exterior, dada a inexistência de um computador em nossas universidades, onde as entidades interessadas pudessem formar pessoal tecnicamente habilitado.

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Homenagem ao Sesquicentenário

HISTÓRICO DO CURSO DE CAVALARIA, DA SEÇÃO
DE EQUITACÃO E DO BATALHÃO DE COMANDO
E SERVIÇOS



ESSE AMIGO

ÊSSE AMIGO

*Esse que avança, sob balas, destemido
Levando ao dorso fardo assaz pesado,
E que estanca no curso de uma carga,
Se vê no chão o amo desmontado;
Esse que leva, cauteloso, um corpo inerte,
Sôbre êle abatido na refrega,
E burlando a sanha do inimigo
A retaguarda, em segurança, o entrega
Esse que em renhidas lutas desportivas,
Ao cavaleiro cede a palma das vitórias,
Dando-lhe ainda, com todo o seu esforço,
Os aplausos, os prêmios e as glórias;
Esse que se mostra agradecido,
Se um afago carinhoso o acalenta,
Mas que sente mais que um ser humano,
Se lhe fazem reprimenda violenta;
Esse o valoroso companheiro,
Que mesmo a própria vida, se exigida,
Ninguém pode negar para salvá-lo
Esse colosso, êsse bravo, êsse herói
Esse o amigo, Êsse o CAVALO...*

(Ten-Cel DILERMANDO GOMES MONTEIRO)

CURSO DE CAVALARIA

SINOPSE CRONOLÓGICA REFERENTE AO CURSO DE CAVALARIA

4 Dez 1810 — Criação da Real Academia Militar.

22 Out 1833 — Foi a Academia Militar da Córte separada da Academia da Marinha e criados os cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia com a duração de 5 anos para a Cavalaria.

3 Fev 1834 — O curso da Academia Militar passa a ser feito em 8 anos, sendo o último dedicado somente ao estudo da História Militar.

22 Fev 1839 — É mudada a denominação da Academia para Escola Militar da Córte.

20 Set 1851 — Por Decreto n. 634 é criado na Província de São Pedro, Estado do Rio Grande do Sul o curso de Infantaria e Cavalaria composto das mesmas matérias da Escola Militar da Córte.

23 Jan 1855 — Foi criado no Rio, a Escola Militar e de Aplicação com sede na Praia Vermelha destinada ao ensino teórico e prático das disciplinas militares para oficiais e praças de pré das diferentes armas do Exército e Escola Militar Preparatória (transformação do antigo curso de Infantaria e Cavalaria da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Nesta data, outrossim, foi transformada a Escola Militar da Córte em Escola Central. Na Escola Militar e de Aplicação havia alta dosagem de exercícios práticos, como marchas, acampamentos, equitação, etc.

1 Mar 1858 — O Curso de Infantaria e Cavalaria existente na Província de São Pedro passa a denominar-se Escola Militar da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (Decreto n. 2.116).

O Curso de Infantaria e Cavalaria constava de 1 ano na Escola Militar e de Aplicações, 1 ano do curso de matemática, ciências físicas e naturais da Escola Central com um ano letivo de 10 meses.

22 Abr 1863 — Segundo o regulamento de 1863, dentre os alunos que concluíram o curso de Cavalaria e Infantaria seriam propostos anualmente pelo Conselho de instrução da Escola e seriam matriculados no Curso de Artilharia.

1866-1870 — As aulas foram paralisadas e os exercícios suspensos em consequência da GUERRA DO PARAGUAI.

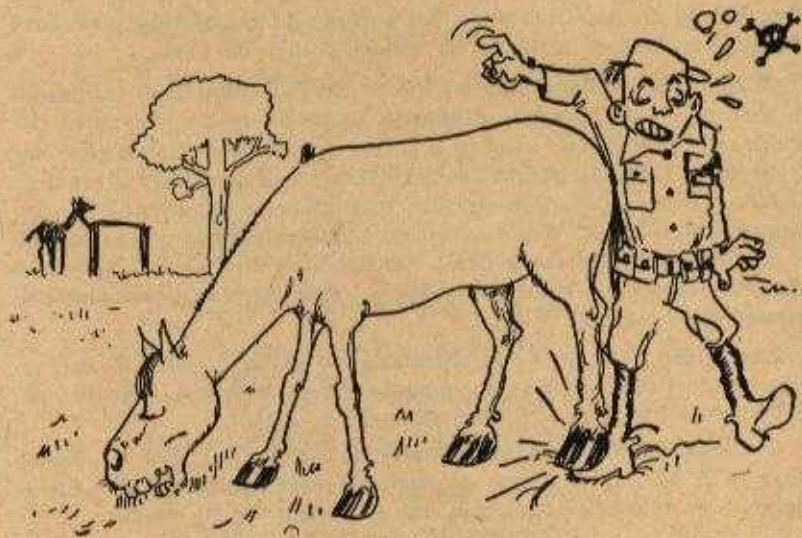
17 Jan 1874 — Pelo Decreto n. 5.529 a Escola Preparatória seria destinada ao Ensino das doutrinas preparatórias exigidas para os cursos militares e a instrução elementar das diferentes armas (3 anos). Na Escola Militar seriam dados conhecimentos especiais às 3 armas. Nesta Escola os estudos tinham a duração de 5 anos, havendo 4 cursos: Infantaria e Cavalaria, Artilharia, Estado-Maior de 1ª Classe, Engenharia Militar. A instrução prática regulava-se por programas especiais.

30 — Jul 1881 — A Escola de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul passa a denominar-se Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul (Decreto n. 9.805).

9 Mar 1889 — A formação do Oficial do Exército passa a ser feita em 3 "Escolas Militares": uma da Córte outra em Pôrto Alegre e a outra em Fortaleza cada uma com 2 cursos:

- Preparatória;
- Infantaria e Cavalaria.

A aprovação no curso preparatório e o "plenamente" no curso de Infantaria e Cavalaria davam direito à matrícula nos cursos superiores (Artilharia, Estado-Maior e Engenharia Militar (Decreto n. 10.203).

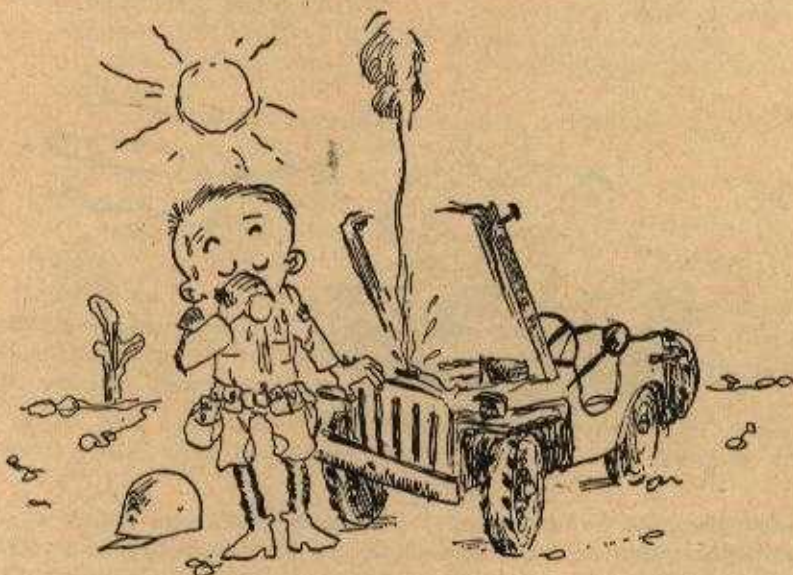


12 Abr 1890 — O Decreto n. 330, de 12 de abril de 1890, regulou o ensino nas Escolas Militares da seguinte maneira: As Escolas Militares da Capital Federal e Rio Grande do Sul compreenderiam 3 cursos: o preparatório, o geral e o das três armas. A do Ceará só teria o curso preparatório. O "Curso preparatório" teria a duração de 3 anos e o "Geral" extenso e essencialmente teórico e destituído de cunho militar em todo o seu desenvolvimento (Duração 4 anos). O curso das Armas teria a duração de 1 ano e comportaria 8 seções: Instrução de Infantaria, Instrução de Cavalaria, Instrução de Artilharia, Escrituração Militar — Descrição e uso dos instrumentos de Topografia levantamento, Construção de entrincheiramentos, Esgrima de espada e florete, Ginástica e Natação.

18 Abr 1898 — Por Decreto n. 2.881, são extintas as Escolas do Ceará e Pôrto Alegre. Nesta data foram criadas 3 Escolas:

- Escola Militar do Brasil;
- Escola Preparatória e de Tática (Realengo);
- Escola de Rio Pardo.

As duas últimas ministravam o ensino teórico e prático exigido para matrícula no 1º ano da Escola Militar do Brasil. Nas Escolas Preparatórias se ensinava além do ensino teórico, prática de tiro, instrução prática das três armas, equitação, ginástica, esgrima e natação. Esta é a primeira referência que se faz à instrução de equitação.



19 Abr 1898 — A aprovação plena de tôdas as matérias de 2 anos do curso geral, dava direito ao título de alferes-aluno. A relação dos candidatos a este título era submetida à aprovação do governo. O alferes-aluno tinha preferência sobre as praças de pré com o mesmo curso para os preenchimentos das vagas de alferes de Cavalaria e contavam antiguidade desde a data de sua nomeação e percebiam vencimentos do primeiro posto de oficial.

14 Nov 1904 — Eclosão do movimento sedicioso político-militar contra a vacina no qual o curso de Cavalaria toma parte.

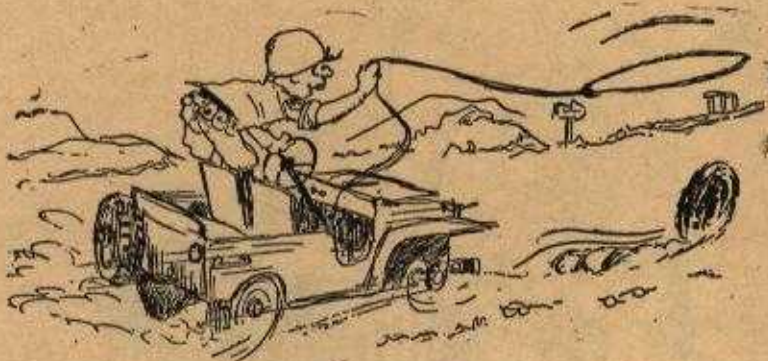
16 Nov 1904 — A Escola Militar do Brasil (Praia Vermelha) é fechada até ulterior deliberação.

2 Out 1905 — Por Decreto n. 5.698, fica extinta a Escola Militar do Brasil e criou a Escola de Guerra com sede em Pôrto Alegre. O curso da Escola de Guerra habilitava o aluno à matrícula na Escola

de Aplicações e Infantaria na Escola de Aplicações de Infantaria e Cavalaria com sede em Rio Pardo, Rio Grande do Sul. O mesmo decreto criou o posto de Aspirante.

Mai 1908 — Ecos da observação aérea — Tenente Juvenino da Fonseca, do 9º RC em frente à Escola Militar em Realengo faleceu numa demonstração realizada num balão de 250 m³ que depois de elevar-se a 1.500 metros, assistido pelo Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra, caiu vertiginosamente num local chamado PEDRA DO CARANGUEJO.

13 Abr 1911 — A Escola de Guerra de Pôrto Alegre é transferida para Realengo ficando anexa à Escola de Artilharia e Engenharia sob o comando único.



30 Abr 1913 — Estabeleceu-se a Denominação Escola Militar para o Estabelecimento de formação de Oficiais. O curso da Escola Militar abrangerá a partir desta data 5 cursos:

- fundamental, com a duração de 2 anos, e comum à Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia;
- das armas com 4 anos de duração, inerentes a cada arma.

O currículo para a Cavalaria constava principalmente de organização e emprêgo da Cavalaria, emprêgo de unidades elementares, etc.

O mesmo decreto criou também a Escola Prática do Exército. Ambas as escolas tinham sede.

24 Abr 1918 — O Decreto n. 12.977, extingue a Escola Prática.

O curso de Infantaria e Cavalaria passa a ser feito em um ano. A instrução prática toma formas semelhantes as atuais, incluindo: Organização da Cavalaria, Administração e Serviços nos corpos de tropa, Escrituração Militar, etc.

1919 — Profundas modificações foram introduzidas na Escola Militar em geral e em consequência no Curso de Cavalaria. Entre essas modificações:

- Substituição total dos oficiais;
- Reforma nas instalações;
- Aumento do número de animais no Esquadrão;
- Intensificação notável da equitação e instrução equestre em geral;
- Maior rigor na disciplina;
- Maior objetividade na instrução.

No Curso de Cavalaria foram responsáveis pela nova orientação os seguintes oficiais (Missão indígena):

- Tenente ALFREDO PAIVA;
- Tenente EUCLIDES FIGUEIREDO mais tarde chefe do movimento revolucionário de 1932 e deputado federal na Constituinte de 1946;
- Tenente RENATO PAQUET mais tarde comandante como General da Escola Militar de Realengo;
- Tenente ARISTÓTELES DE SOUZA DANTAS que em 1946 comandou a Escola Militar de Resende;
- Tenente MILTON DE FREITAS ALMEIDA;
- Tenente OROZIMBO.

1 Mar 1920 — O Boletim Escolar n. 177, estabelece novo plano de uniformes para a Escola Militar o qual prevê como uniforme de parada para a Cavalaria (2º uniforme) a túnica azul e característico capacete com penacho branco, tipo chorão.

5 Jul 1922 — Alunos da Escola tomam parte no movimento revolucionário tendo sido o Edifício da Escola ocupado por dois batalhões do 1º RI.

22 Jul 1922 — Em consequência do movimento revolucionário são desligados da Escola 256 alunos, presos em unidades do Rio, 333 e 58 permaneceram em liberdade.

Set 1922 — O Esqd da Escola se destaca na Escolta que fez ao Rei ALBERTO da Bélgica.

19 Fev 1925 — Por Aviso Ministerial n. 110 desta data é instituído o prêmio General Marinho, a ser concedido ao Cadete de Cavalaria que terminasse o Curso com melhores notas.

13 Out 1928 — Foi inaugurado no Alojamento do Esquadrão uma placa em homenagem à memória do inolvidável herói ANTONIO JOÃO.

25 Abr 1929 — O Decreto n. 18.713 desta data modifica a dosagem de tempo para 1 ano no curso fundamental e 2 anos nas armas.

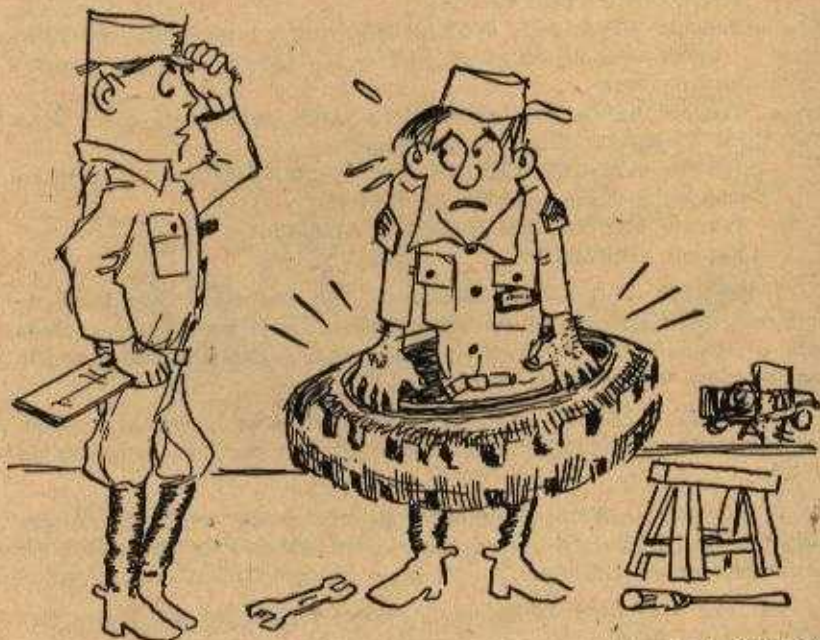
1 Fev 1930 — Foi recebido pela Escola, destinado ao Curso de Cavalaria o Escudo em bronze, relativo ao Prêmio General Marinho. Esta placa que se achava no 2º RC, ocupa atualmente uma das dependências do PC do Curso de Cavalaria.

29 Jan 1931 — É criado, por Aviso n. 3, de 21 Jan 31, o Esquadrão de Cavalaria do Corpo de Alunos.

6 Mai 1931 — Foram construídas novas baias para o Curso de Cavalaria graças à dotação de substancial verba para este fim.

3 Jul 1933 — O Boletim Escolar n. 127, cria a Seção de Equitação e publica normas para o seu funcionamento.

13 Mar 1934 — O Decreto n. 23.994 altera o curso da Escola Militar para 4 anos sendo um fundamental e 3 nas armas. A equitação seria praticada pela Cavalaria no 3º ano (equitação secundária) e 4º ano (equitação de aplicação). A Seção 7 de Equitação passa à subordinação do Instrutor-Chefe de Cavalaria.



Mai 1935 — O Esquadrão recebe em Buenos Aires uma lança regulamentar do Exército Argentino a qual foi oferecida pelo Esquadrão de Cavalaria do Colégio Militar SAN MARTIN durante a estada da Escola Militar Brasileira naquela cidade.

13 Set 1935 — Seguiu para Porto Alegre um Pelotão de Cavalaria do Curso de Cavalaria para tomar parte nas comemorações da Proclamação da República de PIRATINI.

6 Fev 1936 — Criada no Curso de Cavalaria e em outras armas a Biblioteca.

4 Mar 1942 — O Decreto n. 8.918 altera o curso da Escola para 3 anos, sendo 1 fundamental e 2 nas armas.

6 Mar 1943 — O Curso de Cavalaria assim como os demais é transferido para Resende.

3 Jan 1945 — O primeiro Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria da Escola Militar de Resende, foi o Major MILTON BARBOSA GUIMARAES.

22 Jan 1945 — Por terem se apresentado seus instrutores, foi instalado o CURSO DE CAVALARIA.

11 Agô 1945 — A primeira escolta oficial feita na Escola Militar de Resende, ao Excelentíssimo Senhor Doutor GETÚLIO DORNELES VARGAS, Presidente da República, levou-o da Ponte NILO PEÇANHA (Ponte Velha) até o Conjunto Principal.

25 Jan 1946 — A Escola Militar manda uma representação à Itália nas cerimônias durante as quais foi entronado no Papa Pio XII. Coube à Cavalaria a participação de 10 cadetes.

4 Mar 1946 — Numa enchente do rio Alambarizinho, inundou os Parques (as águas atingiram a altura de 1 metro e meio no local), obrigando a retirada dos cavalos para as elevações vizinhas.

1950 — Concluída a Pista de obstáculos ANTONIO JOÃO pelo próprio Curso de Cavalaria.

6 Agô 1950 — Terminam as manobras de fim de ano realizadas na Região de ITAVERÁ, Estado do Rio de Janeiro. Estas manobras destacaram a capacidade de deslocamento e atuação da Cavalaria pois a marcha para a região do Exercício, os diversos deslocamentos táticos e o retorno à EM fizeram um total de 160 Km que foram cobertos em 6 dias.

6 Fev 1953 — Em Portaria Secreta n. 21-B, de 6 Fev 53, foi aprovada a dotação de um Pel Rec Mec completo para o Curso de

31 Out 1953 — Realiza-se, pela primeira vez na Academia a solenidade de escolha de Armas realizada no Pátio do Conjunto Principal.

1954 — Feita a experiência da divisão do ano letivo em 2 períodos: um destinado ao Ensino Teórico e outro dedicado à Instrução Militar.

19 Fev 1954 — Inicia-se o esforço para a dotação ao Curso de Cavalaria do seu Parque definitivo com a solicitação pelo Cmt da AMAN em Ofício n. 45 ST/G18, de 19 Fev 54, ao Exmo. Sr. Gen Diretor-Geral de Ensino da construção de 2 pavilhões. O Curso de Cavalaria dispunha nesta data de seu PC e 6 pavilhões de baias, ocupando o parque de Engenharia para a guarda do seu material.

10 Out 1954 — Repercutiu profunda e favoravelmente no C CAV o Decreto n. 36.448, de 10 Out que restaurou o uso da bota em trânsito e em solenidades.

11 Out 1954 — Inicia-se o movimento para a vinda de material Moto-Mec para o Curso e adoção da instrução de emprêgo tático deste material. Em longa exposição de motivos (Of n. 75-S-Reservado de 11 Out 54) do Cmt da AMAN ao Exmo. Sr. Gen Diretor de Instrução.

O Comando da AMAN pede o fornecimento ao Curso de Cavalaria das viaturas correspondentes a um Pel Rec Mec destinadas à instrução. A dotação deste material visava atender aos reclamos que a organização mista da Cavalaria Brasileira impunha.

12 Nov 1954 — O Curso recebeu da Comissão Mista Militar Brasil-Estados Unidos, através da Secretaria-Geral do Ministério da Guerra, 2 salas completas destinadas a estudo e experiências visando à melhoria do nosso arreamento.

1955 — Início das obras do Parque do Curso.

Foram plantadas 80 mudas de cinamomo em redor dos Pavilhões de baías.

15 Fev 1955 — Foi conferido o Prêmio General MARINHO ao Aspirante a Oficial de Cavalaria JOSÉ LUIZ LOPES DA SILVA.

15 Agô 1955 — O Instrutor-Chefe do C de Cavalaria LUIZ FELIPE DE AZAMBUJA dá prosseguimento à idéia do seu antecessor Major JOSÉ FRAGOMENI de construir uma represa no Rio Alambari nos fundos do Parque do Curso destinada à instrução técnica de transposição de curso d'água. Uma barragem anterior construída com os próprios meios do Curso de Cavalaria não resistiu à pressão das águas tendo ruído. O assunto tratado na Parte n. 178-C, de 14 Agô 55, do curso foi exposto à Diretoria de Obras e Fortificações do Exército em 8 Set 55 com a apresentação de um minucioso projeto da construção.

1957 — Recebidas as viaturas do Pel Rec Mec e remodelada, com recursos fornecidos pela AMAN, a pista ANTONIO JOÃO.

1958 — Ocupados definitivamente os 2 pavilhões destinados ao Curso.

1960 — Realiza-se pela primeira vez o Estágio de Aspirante na AMAN com a duração de 2 meses e com instrução militar em regime de tempo integral de 2^a a 6^a feira.

SEÇÃO DE EQUITACÃO

1. Histórico

— 4 de dezembro de 1810: fundação da REAL ACADEMIA.

— 22 de outubro de 1833: criação da ARMA DE CAVALARIA.

— 18 de abril de 1898: com a reforma do ensino, é regulamentada a instrução de equitação nas armas de INFANTARIA, CAVALARIA e ARTILHARIA, mas afeta aos cursos respectivos.

— 3 de junho de 1933: o Boletim Escola de n. 127 cria a SEÇÃO DE EQUITACÃO, publicando as normas para seu funcionamento.

— 13 de março de 1934: aprovado novo regulamento da Escola Militar do Realengo art. 42, a SEÇÃO DE EQUITACÃO ficava subordinada ao Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria. A instrução de Equitação, ministrada pela Seção, sofreu várias mudanças, ficando assim regulamentada: INFANTARIA E AVIAÇÃO: equitação elementar (3^o e 4^o anos).

Engenharia: elementar (2º e 3º anos) secundário (4º ano).

CAVALARIA E ARTILHARIA: elementar (2º ano) secundária (3º ano) aplicada (4º ano).

— 4 de março de 1942: Novo regulamento para a ESCOLA MILITAR, que em sua 1ª parte estabelecia a equitação elementar para o 1º ano, ministrada obrigatoriamente pela Seção.

— 12 de janeiro de 1944: Com a nova organização do Comando da Escola Militar em Resende, a Seção passou a denominar-se "DEPARTAMENTO DE EQUITACÃO", subordinada ao Corpo de Cadetes.

— 16 de junho de 1950: Morre "CASSEMIRO" uma das maiores glórias do hipismo nacional, sendo enterrado ao lado do Departamento de Equitação.

— 4 de novembro de 1952: Com a presença do Cmt da Academia, são realizadas as solenidades no Departamento de Equitação, inaugurando melhoramentos e obras. Entre eles o término das obras de terraplenagem do Campo de Pólo e o Monumento ao cavalo "CASSEMIRO".

— 24 de agosto de 1955: A pista do Departamento passou a ser chamada "PISTA CAP ALCIDES AZEVEDO", devido aos inestimáveis serviços prestados à mocidade militar, às qualidades de cavaleiro de escol e os excelentes dotes morais revelados pelo falecido MAJOR DE CAVALARIA ALCIDES AZEVEDO.

— 26 de novembro de 1957: O Boletim Escolar n. 233 relaciona as provas da Temporada Hípica do Corpo de Cadetes, a serem realizadas em Calendário afeto ao Departamento de Equitação.

— 14 de fevereiro de 1958: Portaria Ministerial aprovando o novo regulamento R-70, no qual transformava o DEPARTAMENTO em SEÇÃO DE EQUITACÃO — SEÇÃO J.

— 9 de abril de 1959: Modificações no R-70, transformam a SEÇÃO DE EQUITACÃO de Seção J para Seção 9.

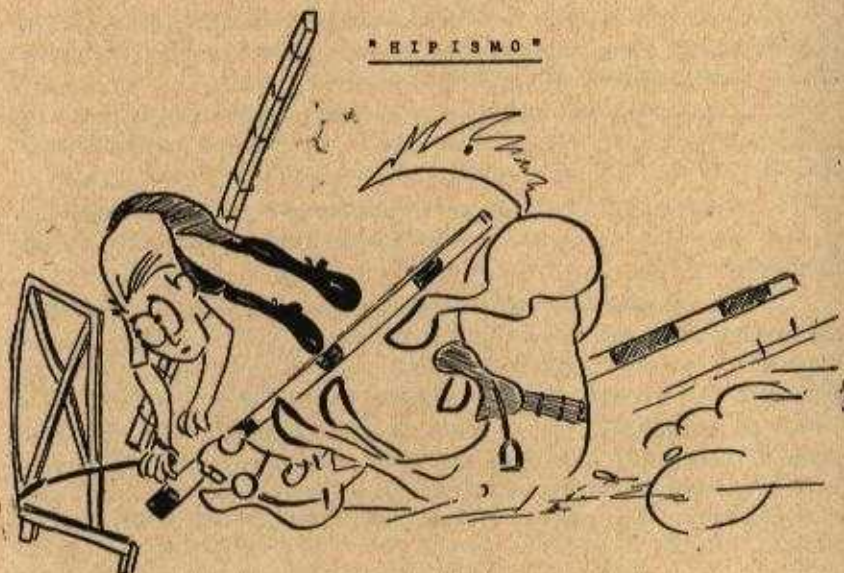
A equitação ministrada pela SEÇÃO DE EQUITACÃO passa a ser apenas para: INFANTARIA — INTENDÊNCIA — CAVALARIA E ARTILHARIA.

— 12 de agosto de 1960: Com o MAJOR NEWTON PIBERNAT JACQUES na chefia da Seção de Equitação é inaugurada uma nova casa para o JURI, no centro da pista.

Os canteiros da pista CAP ALCIDES AZEVEDO são modificados, visando-se um maior aproveitamento da carreira.

— 28 de outubro de 1960: Inauguração à frente da Seção de Equitação a "RELIQUIA EQUESTRE", constando de uma magnífica cabeça de cavalo com chicotes nas laterais. Oferta do Cmt da Escola de Equitação do Exército, Cel ELOI DE OLIVEIRA MENEZES, aquela cabeça pertenceu ao antigo picadeiro da Escola Militar do Realengo, hoje fazendo parte daquela Escola de Equitação acima referida.

"HIPISMO"



2. Visitas Efetuadas ou recebidas

A) Visitas recebidas:

— 3 de junho de 1939: Missão militar norte-americana, chefiada pelo GENERAL GEORGE MARSHALL.

— 12 de julho de 1940: Visita dos adidos militares do PARAGUAI, INGLATERRA, BOLIVIA, ARGENTINA, JAPÃO, PERU, CHILE, ESTADOS UNIDOS E DO URUGUAI.

— 23 de dezembro de 1943: Visita do Exmo. Sr. Gen Divisão JOSÉ PESSÔA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE, Inspetor da Arma de Cavalaria, ex-Cmt da Escola, idealizador e fundador do Corpo de Cadetes.

— 7 de agosto de 1946: Visita do General DWIGHT EISENHOWER, grande herói da II Grande Guerra Mundial, Cmt em Chefe dos Exércitos aliados.

— 12 de setembro de 1951: Visita do Gen Divisão ARISTÓTELES DE SOUZA DANTAS.

— 30 de setembro de 1954: Visita das delegações desportivas, concorrente ao V PENTATLON MILITAR SUL-AMERICANO.

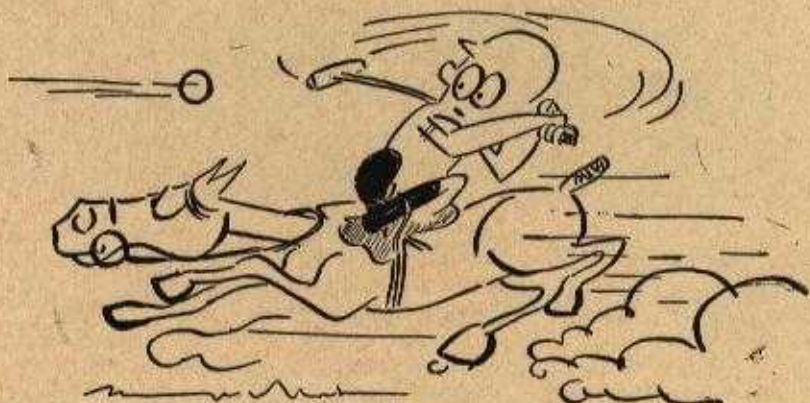
— 18 de junho de 1959: Visita de inspeção do Exmo. Sr. Gen Divisão NILO HORÁCIO SUCUPIRA, diretor da DGEE.

— 1 de agosto de 1959: Visita à Seção de Equitação da delegação da FUPE, vindo à ACADEMIA MILITAR para uma série de competições com os cadetes, constando entre outras de uma prova hípica.

— 14 de junho de 1960: Visita de inspeção do Exmo. Sr. Gen Divisão HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, diretor da DEF.

— 26 de setembro de 1960: Visita de adidos militares estrangeiros.

"PÓLO"



B) Visitas efetuadas:

— 1942: É de se ressaltar a presença em Santiago do Chile de uma delegação da Escola Militar para a realização de um CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL, representado por oficiais da SEÇÃO DE EQUITACÃO e do CURSO DE CAVALARIA.

Os resultados obtidos foram magníficos, destacando-se sobremaneira, a atuação do cavalo "CASSEMIRO". Obtivemos o melhor resultado entre as equipes militares estrangeiras que lá se fizeram representar.

— 1950: Por ocasião da Parada Militar de 7 de setembro, aproveitando a visita a unidades de Cavalaria no Rio e à Sociedade Hípica Brasileira, a ACADEMIA se faz representar no CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL, realizado na pista da SHBO. O BRASIL obteve o 1º lugar.

— 1960: Uma delegação de oficiais da Seção de Equitação e do Curso de Cavalaria, foram à ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS em Três Corações, abrilhantar as solenidades comemorativas de Aniversário daquela Escola. Foram realizadas partidas amistosas de pólo.



O salto de obstáculos, um dos esportes hípicos mais necessários ao desenvolvimento da mentalidade de competição são e basta em todo cavalheiro.

3. Realização de competições

A) Pólo:

Grandes glórias colheu a Escola Militar através os oficiais que, servindo no Departamento de Equitação, integravam a Equipe de pólo da Academia.

— Torneio Militar de Pólo: Instituído pela LIGA DE ESPORTES DO EXÉRCITO.

— A Escola Militar foi campeã durante os anos de 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938 e 1942; voltando a ser realizado em 1957 a Academia obteve o 2º lugar, perdendo em jogo final para o 1º RC Guardas.

— Outros Títulos:

1936: Campeão da 1ª Região Militar.

1937: Campeão da "Taça Escola de Cavalaria".

1942: Campeão da "Taça Ministério da Guerra".

Destacaram-se neste setor os seguintes oficiais:

CAPITÃES: STA ROSA, TAVARES DO CARMO, FRANCO PONTES, O'REILLY, BRITO NETO, SARAIVA, MAURO COSTA, MAURO PORTO e MEDEIROS PONTES.

TENENTES: RENATO PESSOA, ALÍPIO COSTA, PORTINHO, CORRÊA, CASTRO PINTO, ALCIDES AZEVEDO E GAHYVA.

Através torneios internos, campeonatos realizados no Rio e em São Paulo, tem o pólo ganho incremento cada vez maior entre os esportes

hípicos. Os Oficiais da Seção de Equitação aliados aos do Curso de Cavalaria têm brilhado intensamente em tôdas estas competições.

Títulos têm sido constantemente levantados e nossos oficiais sido convocados para formação de "scratches" militares e nacionais.

Ainda recentemente são dignos de nota ressaltar:

1952: "Campeão do Torneio Militar".

1957: CDE — Torneio Misto — 1º lugar.

1957: CDE — Torneio de Seniors — 1º lugar.

1959: CDE — Campeão do Torneio Militar.

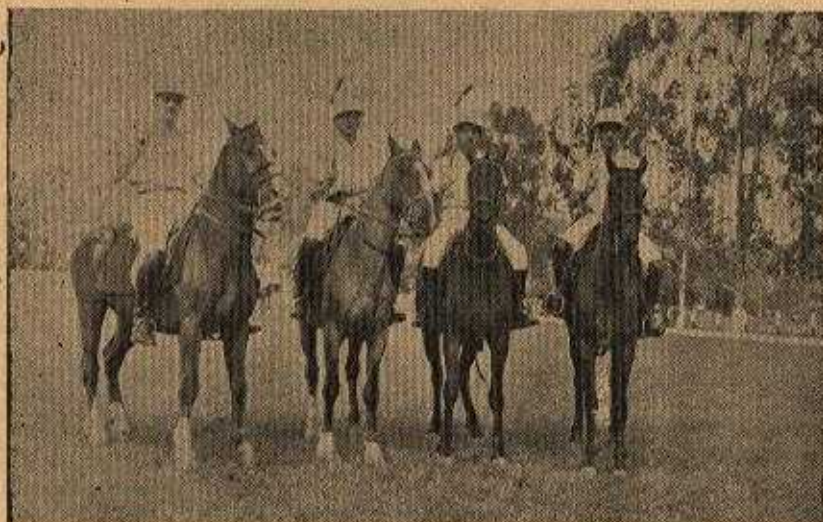
Destacaram-se nestes torneios os seguintes oficiais:

— Majores Ênio Gouveia dos Santos e Bica; Capitães Belford, Sampaio, Ramiro, Santa Cruz, Bins, Kruei, Demócrito, Paiva Chaves, Fidélis, Fonseca e Barcelos.

— Em 1960 a Academia Militar participou de um torneio eliminatório para seleção de jogadores e equipes para o Campeonato Brasileiro, e, embora o torneio não chegasse a seu término, a Academia manteve o 1º posto dividido.

Foram selecionados o Major NEWTON PIBERNAT JACQUES, atual chefe da Seção de Equitação e o Ten MARIO GONZALEZ do Curso de Cavalaria, para futura formação de equipes na disputa do Campeonato Brasileiro.

Ainda recentemente o time "OSORIO" levantou o "Torneio Cassio Muniz", dêle fazendo parte os dois oficiais acima referidos.



Equipe de pólo da AMAN que esteve na ESA em 1960 para as comemorações de aniversário desta Escola

Da esquerda para a direita: Capitães Cirilo, Medeiros, Cabral e Pimenta

3. Realização de competições

B) Hipismo:

— Ao se falar em Hipismo, jamais poderia ser esquecido o nome de "CASSEMIRO", uma das maiores glórias do hipismo nacional, vencedor emérito não só no BRASIL como em terras estrangeiras.

Chegou a somar um total de pontos, talvez só igualado pelo não menos famoso "BIGUÁ" do Cel ELOI M. O. DE MENEZES.

Em 1942 esteve com a equipe da Escola Militar no Chile, onde levantou inúmeras provas e obteve colocações diversas.

Lá obtivemos:

"PRÊMIO MINISTÉRIO DA GUERRA "DEL EJÉRCITO ARGENTINO" Obtivemos o 1º lugar.

"PRUEBA EJÉRCITOS ESTRANJEROS" 2º lugar: CAP CONTINENTINO com CASSEMIRO; 3º lugar: CAP FRANCO PONTES com ARARI.

"PRÊMIO FÁBRICA MATERIAL DE GUERRA" Obtivemos 1º e 2º lugares.

"PRÊMIO SANTIAGO PAPERCHASE CLUBE" Obtivemos o 1º lugar.

"PRUEBA EQUIPOS MISTOS" 1º lugar: 1º Ten CASTRO PINTO com XOREU, 1º Ten POTIGUARA com EBRO.

AMIGO, TUPI, URAL e CACIQUE são outros animais que também devem ser lembrados.

CACIQUE foi Vice-Campeão nacional de Cavalo D'Armas em 1934;

TUPI foi Vice-Campeão nacional de saltos em 1936;

URAL, montado pelo CAP ALCIDES AZEVEDO, foi:

1942 — 1º lugar na Prova de Resistência;

1942 — 2º lugar no nacional de Cavalo D'armas;

1943 — 1º lugar no Campeonato de Cavalo D'armas.

Com a inauguração da "carrière" à frente da Seção de Equitação, mais tarde "PISTA CAP ALCIDES AZEVEDO", o hipismo ganhou maior impulso na Academia, notadamente entre os cadetes.

Para isso muito tem contribuído as temporadas constantes com entidades e universidades congêneres e sociedades Hípicas.

A DGRV, procurando manter o incentivo pelo esporte equestre na Academia, instituiu a Prova "MELHOR CAVALEIRO", disputada anualmente entre cadetes das armas montadas, que vem sendo realizada, sempre com brilhantismo.

O Calendário Anual de provas hípicas da Academia, dividido em 3 partes, apresenta provas para Subtenentes e Sargentos, provas para cadetes e provas para oficiais.

Além disso, estando filiado ao CDE e à SHB, tem sido constante a disputa de provas no RIO e em RESENDE.

4. As idéias predominantes em cada época, da importância do curso na formação do oficial

A equitação é uma verdadeira arte, exatamente como a pintura ou a escultura. Como tôdas as outras artes, possui hoje um esqueleto científico, baseado sobretudo nas leis da mecânica, da fisiologia e da psicologia; como tôdas as outras artes, possui igualmente uma fraseologia própria, utilizando expressões que muitas vêzes não estão de acôrdo com os princípios científicos e que não são irrepreensíveis aos olhos dos puristas da língua, pois emprega termos pouco protocolares, o conhecido calão técnico que freqüentemente dá coices na gramática.

É uma arte em que nunca se atinge a perfeição e na ânsia dela reside o seu maior encanto. Em que só aquêle que senão contenta com progressos superficiais e esporádicos, e que nunca perdeu a faculdade de aprender, consegue alcançar resultados brilhantes.

Outrora, a equitação estava quase em absoluto subordinada a regras variáveis e contraditórias, completamente a mercê da fantasia, do sentimento pessoal do cavaleiro e até mesmo da moda.

Devendo adaptar-se ao gênero de utilização do cavalo próprio de cada época e de cada país, a arte equestre tem evoluído e progredido com a civilização e modernamente com os processos científicos.

A vinda da Missão Militar Francesa foi benéfica sôbre todos os aspectos, principalmente no setor da equitação, marcando uma nova época para o ensino desta arte entre nós.

A seguir, a Escola Italiana, com a já famosa posição avançada, fêz nome no mundo. Como não poderia deixar de ser ganhamos muito com êstes aperfeiçoamentos, vendo, tratando e observando quantos aqui viessem para nos mostrar progressos, e mais ainda, demonstrá-los praticamente.

As épocas se sucediam. Novos aperfeiçoamentos iam se fazendo sentir com progressos evidentes não apenas nos esportes hípico, mas também no ensino aos recrutas. Foram deixados de lado os antigos métodos da brutalidade e do cair obrigatório para aprender-se a montar; novos regulamento surgiram, criando uma nova era para a equitação.

O hipismo, sejam quais forem as suas modalidades, constitui a melhor escola para o desenvolvimento do verdadeiro espírito cavaleiro, de que a cavalaria tem absoluta necessidade. Só na prática e no hábito das lutas desportivas se formam homens capazes de amar e de procurar o perigo, de conservar a serenidade e o sangue frio na velocidade. O desporto hípico é, sem dúvida, a melhor escola de audácia para o cavaleiro militar.

A treinamento de cavalos para os diferentes esportes hípicos e a prática dêstes, ao mesmo tempo que nos obrigam a manter em condição o nosso vigor físico, que nos identificam com o cavalo, formam cavaleiros de exterior enérgicos, decididos, desembaraçados, com sangue frio e golpe de vista.

É evidente que o oficial de cavalaria não pode limitar-se a ser um desportista; mas não é menos evidente, todavia, que o seu primeiro dever é ser um cavaleiro consumado, é conhecer em todos os seus

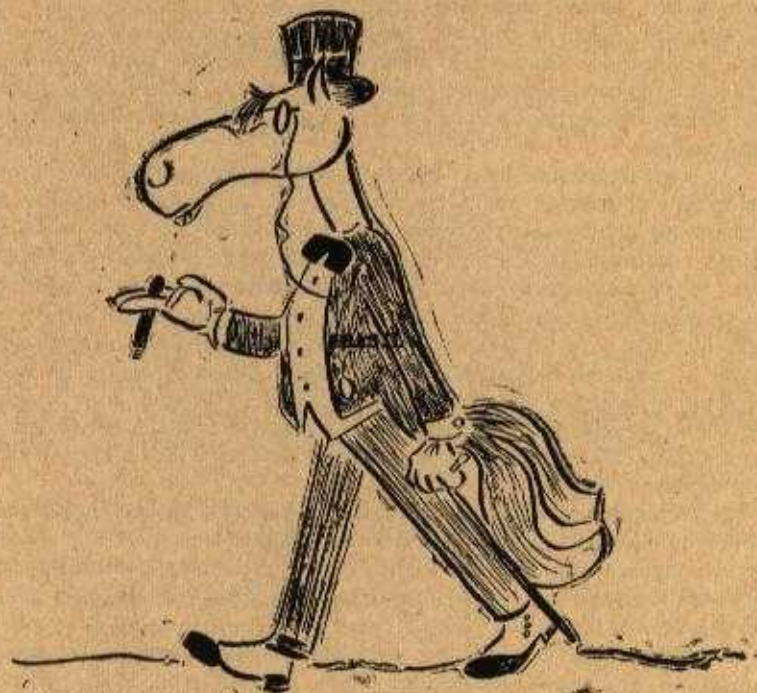
pormenores a sua primeira arma, que é o cavalo. A sua superioridade equestre dá-lhe sempre enorme prestígio, que muito contribui para fortalecer a sua autoridade sobre os subordinados.

É, pois, necessário educar o cavaleiro no culto do amor pelo cavalo, porque o cavalo é o seu melhor amigo, um companheiro, instrumento desportivo, meio de educação e arma. Eduque-se o cavaleiro no entusiasmo pela prática da equitação larga; fomenta-se o desenvolvimento do hipismo como medida de grande alcance para a cavalaria, e até para toda a mocidade; exalte-se entre os novos a paixão pelo cavalo, porque ela é a fonte do espírito combativo, do espírito de iniciativa, da virilidade, do gosto pela aventura e pelo perigo.

O hipismo constitui para o oficial de cavalaria, não um fim mas um meio para adquirir qualidades físicas, morais e profissionais que o calorizam como defensor da Pátria, como educador e como condutor de homens.

O hipismo constitui para a cavalaria a sua melhor escola de perigo e de intrepidez; é a fonte criadora do "espírito cavaleiro", da mística indispensável à formação espiritual da arma.

1942 — CASSEMIRO



No Chile, após uma de suas brilhantes vitórias!

BATALHÃO DE COMANDO E SERVIÇOS

O Batalhão de Comando e Serviços, foi criado pelo Decreto número 28.356, de 10 de julho de 1950, que alterou a segunda parte do Regulamento da Escola Militar de Resende, sendo organizado com os elementos das antigas Companhias Extranumerárias do Corpo de Cadetes e Companhia de Guardas.

Pelo Boletim Escolar n. 192, de 25 de agosto de 1950, foram tomadas as providências iniciais, tendo a nova organização iniciado suas atividades a 1 de outubro do mesmo ano.

Foram organizadas três companhias: Companhia de Guardas, Companhia Auxiliar do Corpo de Cadetes e a Companhia de Comando e Serviços, sendo considerado como Unidade incorporada e subordinada ao Subcomandante da Escola.

O efetivo foi aprovado pela Portaria Ministerial Reservada 42-43, de 9 de outubro de 1950.

Foi o Batalhão autorizado a fazer o seu próprio expediente, tendo sido organizadas uma Casa das Ordens e uma Secretaria sob a direção de um Capitão-Ajudante Secretário.

Foi seu primeiro comandante o então Capitão de Infantaria Hélio de Carvalho Barbosa, tendo em seu efetivo o total de nove oficiais e 967 praças.

Foram ocupadas as antigas instalações das companhias extintas, sendo o da antiga Companhia Extra em alvenaria e a da Companhia de Guardas em galpões de madeira.

Em 1951.

Neste ano foram ultimadas a construção de um pavilhão de alvenaria para a Companhia de Guardas, sendo construído ainda um xadrez e dependências do Corpo da Guarda, com água, luz e esgoto. Foram adaptados no Conjunto Principal do Quartel o Gabinete do Comandante da Companhia de Comando e Serviços, a Secretaria e a Casa das Ordens do Batalhão, um posto de saúde, com sala de curativos, gabinete dentário e sala do médico, um refeitório de sargentos com alojamento e sala de recreação, tanto para oficial de dia e para sargento adjunto.

Nos pavilhões de madeira, foram construídos uma sala de recreação para soldados, reservas para a Companhia Auxiliar do Corpo de Cadetes, Companhia de Comando e Serviços, Barbearia, Carpintaria e Sapataria. Foram ainda, construídos galpões cobertos para recreação de soldados.

Em 1953.

Foram instaladas sete caixas d'água com capacidade de mil litros cada uma, para permitir o asseio matinal das praças. Foram ainda

melhorados o Pósto de Saúde, os banheiros e a sala de instrução, sendo construídos 40 mesas e 50 bancos.

Foi ainda reconstruído um pavilhão de madeira cujas paredes laterais estavam em mau estado.

Em 1954.

A 12 de fevereiro, foi organizado o Serviço de Polícia da Academia (SPA) chefiado pelo Comandante da Companhia de Guardas do Batalhão de Comando e Serviços, auxiliado pelos seu subalternos e tendo como elementos de execução os integrantes de subunidades.

Houve uma Seção de Investigação Criminal e de Transgressão constituída por uma Seção de Polícia e uma de Tráfego.

Foram construídos um galpão para depósito de rancho e um fogão a lenha para emergências.

Em 1958.

Neste ano, face autorização Ministerial e novo Regulamento da Academia Militar das Agulhas Negras R/70, que previu um desdobramento das Companhias e o aumento de efetivo no QO do ano próximo, passou a existir as funções de Subcomandante e S/2, S/3 funções essas de Major.

Em 1959.

A 27 de janeiro, face ao novo Regulamento da AMAN (R/70) e ao QO aprovado pela Port Res n. 159, de 28 Nov 58, foi ampliado o efetivo do BCS de três para sete Subunidades, tendo sido extintas as Cia de Comando e Serviços e Cia Auq do Corpo de Cadetes.

Foi criada a função de S/4 e desdobrada a função de Ajudante para as de S/1 e Ajudante Secretário.

Com esta nova organização, procurou-se atender às necessidades da Academia, ficando as novas subunidades com as missões seguintes:

Cia de Guardas — Policiamento e segurança da Cidade Acadêmica, sendo a única subunidade que o Comando da AMAN pode contar para emprêgo, formando esta Cia reservistas de 1ª Categoria. Pertence a esta Cia a Banda de Música que muito tem se distinguido em todas as solenidades da Academia;

Cia de Comando — Onde estão previstos os diversos Sargentos, Cabos e Soldados que prestam serviços ao Comando da Academia e Comando do BCS;

Cia de Serviços — Apóia em pessoal as diversas Repartições da AMAN, sendo também pertencentes a esta Subunidade os diversos especialistas, tais como os de Saúde, Veterinária, Radiotelegrafistas, etc.;

1ª Cia Aux CC — Nesta Cia, ficam as praças do Curso de Infantaria, Cavalaria e Artilharia;

2ª Cia Aux CC — Elementos dos Cursos de Engenharia, Intendência, Comunicações, Básico, Téc Industrial, Geodésia e Topografia e Comando do Corpo de Cadetes;

Cia Aux Ensino — Apóia em praças a Divisão de Ensino, as Seções de Educação Física e Equitação;

Cia de Manutenção — Com os elementos de Motomecanização e Reparação de Armamento.

Ficou o BCS, pelo novo QO, com efetivo previsto de 25 oficiais e 1.492 praças.

Em 20 de junho, o BCS foi visitado pelo Exmo. Sr. Gen-Div Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, Diretor-Geral do Ensino no Exército.

No dia 10 de julho, o Batalhão comemorou o seu nono ano de existência.

O programa constou de:

1 — Sessão de Cinema para os oficiais e praças do BCS no Cinema Acadêmico.

2 — Alvorada festiva.

3 — Formatura Geral do BCS com leitura do Boletim Interno.

4 — Atividades recreativo-esportivas, culminando com um jogo de futebol entre as equipes do BCS e 1º BIB, terminando o jogo empatado por 1 x 1, tendo entretanto o comandante do BCS oferecido gratuitamente a taça disputada ao Cmt do 1º BIB.

5 — Almôço melhorado para os cabos e soldados.

6 — Inauguração da exposição sobre as atividades do BCS, montada no Hall do Cinema Acadêmico, com duração de cinco dias, causando muito boa impressão à Cidade Acadêmica. Esta exposição já vem se tornando uma tradição no seio da AMAN, constituindo todos os anos um motivo de orgulho para o BCS e uma prova cabal da coesão e manutenção do espírito de corpo existente na unidade.

7 — Artigos sobre o histórico do BCS publicados, em anexo, no Alambari, durante três dias.

Em 2 de novembro, foi inaugurado e ocupado o novo Pavilhão construído para abrigar duas Cias, Gabinetes do Cmt, Subcmt e Estado-Maior, Posto de Saúde, Rancho dos Oficiais e Alojamento dos Sargentos.

No dia 7 de dezembro, foi inaugurado o novo Pavilhão destinado a instalar a Cia de Guardas.

No dia 25 de dezembro, foi realizada uma festa de conagração pelo Dia de Natal, com distribuição de brinquedos aos filhos de oficiais e praças, patrocinada pelo Serviço Social do BCS.

Foi iniciado por elementos do BCS, no fim do ano de 1959, um serviço de terraplenagem no terreno fronteiro ao novo Pavilhão, com a finalidade de abrir uma estrada de melhor acesso ao Batalhão.

Em 1960.

No dia 6 de julho, foram iniciadas as comemorações do 10º aniversário do BCS (10 de julho), hospedando um conjunto de 22 (vinte e duas) moças e 8 (oito) rapazes integrantes da Orquestra Brasileira de Harmônicas (São Paulo), que vieram a esta cidade dar um "Show" para os Oficiais e Sargentos do BCS e respectivas famílias. Na oportunidade, houve um "Show" no Cinema da Academia, para os cadetes e posteriormente um Concerto da Banda da Academia e a apresentação da Orquestra Brasileira de Harmônicas para os Oficiais, Sargentos e famílias.

Dia 8, Sessão de Cinema para Cabos e Soldados no Cinema da Academia.

Dia 9, 08,30 hs — Demonstração de Ordem Unida, pelos Soldados do Curso de Formação de Cabos.

09,00 hs — Jogo de Futebol entre Equipes de Futebol de Cabos e Soldados do BCS e 1º BIB, terminando empatado em 3 x 3. A Taça ficou para posterior disputa, de comum acordo.

20,30 hs — Jantar Americano para Oficiais e famílias no CIMAN;

— Baile oferecido pelo CSSFAN, em sua sede social, para os Sargentos e famílias.

Dia 10, 06,00 hs — Alvorada Festiva.

08,00 hs — Cultos religiosos.

6 09,00 hs — Formatura geral e apresentação da Bandeira aos recrutas.

10,00 hs — Partida de Futebol, entre as equipes de Sargentos do BCS e GUEs, saindo vencedor o BCS pelo escore de 9 x 1.

12,30 hs — Feijoada para Oficiais, Sargentos e famílias, no Bosque do BCS.

Em outubro foi iniciada a reforma da cozinha do Batalhão, com remodelação dos pisos, pintura em geral e ainda reparos nas caldeiras e fogões.

Em 24 de dezembro, houve a realização da "Festa de Natal" dos filhos dos Oficiais e Sargentos, com distribuição de brinquedos à gurizada pelo Serviço Social do BCS.



DÉCIMA PARTE

I — DEMOCRACIA VERSUS COMUNISMO

Até recentemente as conquistas se faziam pela força das armas. Assim foi com Alexandre, Júlio César, Carlos Magno e Napoleão. Agora, entretanto, as armas são outras. Hitler, que em 1933 se tornou ditador da Alemanha, deu início a um processo de propaganda combinada com Forças Armadas, na esperança de conquistar a Europa e a África. Mas, mesmo antes da época de Hitler, Lenine e os bolchevistas haviam desencadeado um plano que se destinava à "revolução mundial" a fim de dar aos comunistas o controle de todo o mundo. Assim como o esquema de Hitler, o plano dos comunistas para a conquista do mundo combina propaganda tendenciosa e subversão com guerra e violência.

O Comunismo é uma filosofia de vida que glorifica a violência. Marx e Engels procuraram interpretar toda a História como a "Luta de Classes". Afirmaram que os progressos da civilização só foram possíveis através da violência. Lenine concordou com a idéia, tanto que em 1918 declarou a um Congresso do Partido Comunista, em Moscou:

"Atualmente não vivemos em um único estado, mas em um conjunto de estados. É inadmissível, assim, a existência da República Soviética, lado a lado com estados imperialistas, durante muito tempo. No final deve aparecer um único vencedor. Mas antes que o final se aproxime, será inevitável que surja uma série de coalizões entre a República Soviética e os estados burgueses".

Novamente, em 1920, Lenine profetizou:

"Enquanto o capitalismo e o socialismo existirem, não poderemos viver em paz. Um canto fúnebre terá que se

fazer ouvir sobre a República Soviética ou sobre o Mundo Capitalista."

Stalin fazia eco a Lenine, sobre a inevitabilidade da guerra. Entretanto, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a URSS praticamente dependia do suprimento bélico do Ocidente, para repelir a invasão nazista, Stalin fez constar que abandonara aquela doutrina. Mas, quando a guerra acabou, e com ela tais suprimentos, o ditador novamente declarou ao povo soviético que a guerra era inevitável.

Os sucessores de Stalin continuaram com a mesma doutrina. Em 1956, durante o XX Congresso da Juventude do Partido Comunista, quando Krushchov desencadeou sua nova campanha de propaganda pela "coexistência pacífica", o mundo se surpreendeu com suas afirmativas de que não acreditava que a guerra fosse necessariamente inevitável.

Mas, houve um ponto, em suas palavras, que muitas pessoas não interpretaram corretamente, principalmente as que não eram comunistas. Foi a referência feita de que a guerra e a violência interna só poderiam ser evitadas se a "Democracia Burguesa" se rendesse ao controle do Partido Comunista. Se tal não acontecesse, a guerra e as violências seriam, então, inevitáveis. Meses mais tarde, num discurso ante o Corpo Diplomático estrangeiro, no Kremlin, Krushchov pôs de lado, definitivamente, o distorcer com que abordava esse problema da inevitabilidade da guerra. Denunciando todas as potências ocidentais declarou:

"A História está do nosso lado. Nós enterraremos todos vocês".

No presente artigo, a comissão de oficiais do Exército Brasileiro encarregada de preparar a matéria para a série de artigos que estamos publicando, procurará definir:

- O significado, para os comunistas, de "revolução mundial" e "inevitabilidade da guerra";
- Como os comunistas se preparam para a "revolução mundial";
- Como os Partidos Comunistas, nos países democráticos, procuram destruir os governos constitucionais;
- O imperialismo soviético nos dias atuais.

10ª PARTE — O COMUNISMO AVANÇA

A — PLANOS DO COMUNISMO PARA O CONTRÔLE DO MUNDO

1 — O Plano-Base de Lenine

Enquanto Marx e Engels permaneceram no plano teórico do Comunismo, Lenine mostrou-se inteiramente prático, estabelecendo um esque-

ma aplicável a cada fase do Comunismo, não só no que se refere à revolução russa, como à revolução mundial. Esse plano ou esquema incluía:

- incitar a luta civil entre os empregados e patrões de todos os países do mundo;
- iniciar guerras civis nos países coloniais e atrasados, incitando às mesmas os grupos nacionais e as minorias raciais, sociais e religiosas;
- criar Partidos Comunistas em todos os países, para preparar a revolução por meio de atividades secretas, agitação e propaganda;
- unificar todos os partidos comunistas, sob a liderança da União Soviética;
- disseminar agentes secretos nas organizações sindicais, nos círculos estudantis e jornalísticos e outras instituições democráticas;
- destruir os governos constitucionais pela propaganda e pelas atividades "Subterrâneas", através dos Partidos Comunistas e dos agentes secretos.

Lenine foi um planejador tão notável, que todos seus itens para a revolução mundial vigoram até hoje, quarenta e poucos anos depois da revolução bolchevista de 1917.

2 — Guerra Imperialista e Guerra civil

Como já vimos num dos artigos anteriores, Lenine, ao se iniciar a primeira Guerra Mundial, em 1914, propôs que os comunistas se unissem, para transformar em guerra civil o que ele denominava de "guerra imperialista". A idéia obteve êxito na Rússia, em 1917, quando eclodiu a guerra civil. A expectativa de sucesso, na Alemanha e na Áustria-Hungria, entretanto, não se concretizou. Como podemos nos lembrar, a revolução comunista de 1918, na Alemanha, foi esmagada pelo Governo Social Democrático. Também a revolução comunista, tentada por Bela Kun, na Hungria, não conseguiu sair vitoriosa. Lenine admoestou, com severidade, todos os socialistas alemães, acusando-os de haverem "traído" a revolução.

3 — Lutas civis nos países atrasados e coloniais

Após o fracasso das revoluções comunistas na Europa, Lenine voltou suas atenções para a Ásia. Agentes foram instruídos para incitar à revolução as populações da China, da Coreia, da Indochina, da Índia, da Birmânia, das Índias Orientais Holandesas e de outros países asiáticos. Seguindo os conselhos de seu principal agente asiático, Veltmann Paolovick, Lenine criou, em Moscou, a universidade dos Povos Orientais, destinada a treinar asiáticos nas Táticas revolucionárias. Procurava, assim, utilizar-se das aspirações dos povos da Ásia para destruir a influência ocidental e trazê-los à órbita do controle comunista.

Em 1920, sob a inspiração de Lenine, o II Congresso Mundial do Comunismo Internacional adotou um programa destinado a lançar na guerra civil todos os países coloniais, bem como todas as nações da Ásia. Como resultado dessa política, houve uma série de guerras civis na Ásia que culminaram com a conquista da China pelo comunismo, em 1949, o ataque

à Coréia do Sul em 1950, e a conquista do Vietnã do Norte por Ho-chiminh, em 1954. Estas vitórias colocaram 700 milhões de asiáticos sob o tãço comunista.

A fórmula de iniciar guerras civis foi aplicada em outros países, buscando atrair os grupos nacionais e as minorias. Alguns desses grupos não gozavam de direitos políticos, enquanto outros sofriam discriminação nos empregos ou nas escolas. O II Congresso Mundial do Comintern, realizado em 1920, fez um apêlo específico aos comunistas, para que incitasse os irlandeses a desencadear uma guerra civil contra a Grã-Bretanha, e os negros americanos contra o Governo dos EUA. O Partido Comunista Americano chegou mesmo a tentar o estabelecimento de um Estado Comunista Negro na parte sul daquele país, o qual deveria, inclusive, tornar-se independente.

O que os comunistas nunca confessaram a essas minorias foi a brutalidade com que os grupos minoritários eram tratados na União Soviética, mesmo porque seu interesse principal não eram as minorias, propriamente, mas a agitação.

4 — Os Partidos Comunistas em vários países

Logo após a revolução bolchevista de 1917, agentes de Lenine ajudaram a criação de partidos comunistas em quase todos os países da Europa. Os esforços para destruir o comunismo na Alemanha, em 1919, fracassaram e, com a assistência do Kremlin, o partido comunista alemão continuou a crescer, a ponto de, eventualmente, eleger cem representantes para o Legislativo, o que contribuiu para a confusão no país, e sua divisão interna, dando a Hitler, líder do Partido Nacional Socialista (Partido Nazista), a oportunidade de se tornar ditador.

Uma das primeiras medidas do ditador nazista, uma vez no poder, foi procurar esmagar o partido comunista na Alemanha. Os bolchevistas, calmamente, se constituíram em movimento subterrâneo. O modo pelo qual Hitler encarou o comunismo foi uma das razões que levou Stalin a modificar sua política externa, procurando formar uma "frente comum" com todos os partidos comunistas e socialistas da França e outros países, a fim de se opor ao fascismo e ao nazismo.

Já vimos, anteriormente, como agentes soviéticos organizaram o Partido Comunista, na China. Similarmente foram organizados partidos no restante da Ásia e aqui mesmo, no Continente Americano.

Em 1958 havia partidos comunistas locais em mais de oitenta países. Muitos deles não são chamados "Partido Comunista", disfarçando-se sob outras discriminações, como "Partido dos Trabalhadores Húngaros", "Partido dos Trabalhadores Romenos", "Partido de Unidade Socialista", em Berlim, "Partido Socialista Popular", de Cuba, "Partido Socialista", da Nicarágua, "Partido Socialista Revolucionário", da Índia, etc. Conquanto o número de membros de muitos desses partidos seja relativamente pequeno, sua influência, no entanto, é muito grande.

5 — Contrôlê Geral dos Partidos Comunistas

Em 1919, Lenine adotou uma série de medidas destinadas a permitir um contrólê central sôbre os partidos comunistas de todo o mundo. Para obter êsse contrólê instalou-se em Moscou o Comintern do Comunismo Internacional. Partidos comunistas de tôdas as partes do mundo foram convidados a enviar representantes ao I Congresso Mundial dessa nova Internacional. De início Lenine deu a impressão de que o Comunismo seria democrático, representando um "movimento espontâneo das massas". Além disso, afirmava Lenine, o Comunismo seria regido pelo voto majoritário dos Partidos Comunistas locais. O secretariado do Comintern se instalaria em Londres ou Paris e, não em Moscou. Mas logo se verificou, que Lenine esperava controlar o Comintern. O Secretariado instalou-se, mesmo, em Moscou, e um bolchevista, Zinoviev, se tornou seu chefe permanente.

Entre 1919 e 1943 realizaram-se sete congressos mundiais, aos quais compareceram delegados dos partidos comunistas de todos os países. Teoricamente cada partido comunista local era considerado uma seção do Comintern, e era representado pelo Comitê Executivo dessa organização, em Moscou. Depois de 1930, entretanto, os congressos mundiais nada mais significavam senão um meio de que o Kremlin lançava mão para pôr os Partidos Comunistas de todo o mundo em mais estreito contato com a União Soviética.

O Comintern atraiu as suspeitas dos governos democráticos que o condenaram como uma conspiração destinada a solapar as democracias de todo o mundo. É óbvio que Lenine e Stalin declaravam, freqüentemente, que o Governo Soviético não controlava o Comintern, mas isso não era verdadeiro, pois, conquanto separado do Governo, eram os mesmos homens, no Politburo, que controlavam ambos o Comintern e o Governo. De fato, o Gabinete de Zinoviev, do Comintern, estava situado no mesmo corredor onde se localizava o de Lenine e, posteriormente, o de Stalin.

Em 1943, quando os exércitos alemães haviam se apoderado de grande parte de território soviético, e os comunistas necessitavam urgentemente de meios financeiros e material bélico, Stalin dissolveu o Comintern, declarando que os povos livres e os soviéticos, podiam viver juntos pacificamente. Essa mudança da "linha do partido", ou "linha justa", causou uma impressão favorável nas democracias. Potências ocidentais, como os EUA e a Grã-Bretanha concederam créditos à URSS, de 11 e 3 bilhões de dólares, respectivamente. Terminada a guerra, já com os exércitos alemães fora do território soviético, Stalin deu meia volta, declarando novamente a inevitabilidade da guerra como "linha do partido".

Os exemplos que procuramos citar, através dêste e dos artigos precedentes, já devem ter deixado claro que mudanças na linha partidária nunca indicam qualquer modificação real no plano comunista de dominação mundial. Lenine recomendava aos comunistas o uso constante de novos estratagemas e dissimulações. A palavra de ordem é tergiversar manobras, saltar de uma opinião para outra, tendo no interesse de conseguir a revolução mundial.

6 — Moscou e os Partidos Comunistas

Após a Segunda Guerra Mundial havia pouca necessidade de uma Internacional Comunista. Partidos comunistas tinham sido organizados, praticamente, em todo o mundo, e seus líderes haviam sido treinados para seguir a "linha justa" de Moscou. O Presidium enviou agentes para todos os países e, com frequência ainda maior, líderes comunistas locais visitaram Moscou, tendo em vista a difusão de ordens.

Mas a estratégia de ambos, Lenine e Stalin, não se limitava ao envio de ordens através de agentes soviéticos ou de visitas de comunistas estrangeiros a Moscou. Foram além, pois conseguiram que os Partidos Comunistas locais se convencessem, com raras exceções, que não deveriam contar com ajuda financeira ou militar da União Soviética. Ao contrário, eram eles que deveriam auxiliar a URSS, como líder ou revolução mundial. Deviam, ainda mais, seguir as diretrizes da política exterior do Kremlin e procurar fazer com que seus respectivos governos também a seguissem.

Por exemplo, durante a guerra civil espanhola, de 1936 e 1939, muitos comunistas, de várias nacionalidades, acorreram à Espanha para lutar sob as ordens de Stalin. Em 1948, quando Stalin se opôs ao auxílio financeiro dos EUA à Europa Ocidental, de acordo com o Plano Marshall, os partidos comunistas da França, da Itália, da Bélgica e de outros países, aderiram imediatamente à linha de Moscou. Para isso apresentaram denúncias nos respectivos parlamentos, organizaram greves e movimentos subversivos destinados a evitar a descarga dos navios que transportavam maquinaria e equipamento para o reerguimento industrial do ocidente europeu.

A política de Stalin levou à formação, em 1947, do Cominform, ou Bureau Comunista de Informações. Alegava-se que essa organização representava os Partidos Comunistas da Rússia Soviética, da Bulgária, da Tcheco-Eslováquia, da França, da Hungria, da Polônia, da Itália, da Romênia e da Iugoslávia. Na realidade, entretanto, o Cominform era controlado pelo Kremlin. A utilidade principal do Cominform, para os soviéticos, é lógico, era a difusão da linha do partido aos comunistas de todo o mundo. Como, fora da URSS, apenas um pequeno número de comunistas eram capazes de ler o Pravda, impresso em russo, o Cominform difundiu as diretrizes do Partido por meio de vários periódicos impressos em inglês, francês e outras línguas.

Em 1936 os contatos entre o Kremlin e os partidos comunistas dos outros países se desenvolveram tanto, que o Cominform foi dissolvido. Atualmente, a "linha do partido", ou "linha justa", determinada pelo discurso de Krushchov ou de outros líderes comunistas é imediatamente transmitida para todo o mundo pelo telégrafo ou pelo rádio, através da agência TASS, da URSS. A "linha do partido" é então publicada nos jornais Comunistas locais. Além disso, instruções secretas, quando necessário, são expedidas por meio das malas diplomáticas, que gozam de imunidade, não podendo ser revistas pelos órgãos dos governos locais.

7 — Infiltração nos Sindicatos

Logo após a revolução bolchevista de 1917, Lenine determinou aos comunistas de todo o mundo que se infiltrassem nos sindicatos trabalhistas, procurando assumir o controle dessas organizações. Como ponto de partida foram montadas células, isto é, pequenas unidades de cinco a dez comunistas, em muitas das uniões trabalhistas. Grande número dessas células conseguiram atingir o objetivo visado, assumindo o controle das organizações onde se infiltravam. Com isso difundiu-se a propaganda pela revolução mundial, ao mesmo tempo que foi possível aos comunistas se colocarem em posições-chave de controle das indústrias, dos transportes, das comunicações radiotelegráficas, etc. Quando, então, os comunistas decidissem ter chegado a ocasião de derrubar um governo, estavam em condições de paralisar as atividades relacionadas com aqueles pontos-chave, deflagrando greves e movimentos subversivos.

As uniões ou sindicatos, controlados pelos comunistas, deveriam seguir a linha do partido e apoiar a política externa soviética. Por exemplo, em 1939, Stalin e Hitler concertaram entre si a divisão da Polônia, mas a Grã-Bretanha e a França eram aliadas da Polônia e, assim, quando as forças nazistas atacaram este país, em 1939, aquelas duas potências declararam guerra à Alemanha. Stalin procurou ajudar Hitler, dando ordens imediatas a todos os sindicatos e uniões de trabalhadores, controlados, em todo mundo, pelos comunistas, para se engajarem em ações de sabotagem e deflagrarem greves em todas as fábricas de munições e equipamento bélico destinados à França e à Grã-Bretanha. Como resultado, os comunistas franceses, empregados nas fábricas de aviões, receberam ordens de produzir aparelhos defeituosos, o que ocasionou a morte de muitos aviadores; nos EUA os comunistas obtiveram algum sucesso, deflagrando greves na Allis Chalmers de Milwaukee, e na North America Aircraft, de Inglewood, ambas fábricas empenhadas na produção de guerra em auxiliar à França e à Grã-Bretanha na luta contra Hitler. Este ditador, entretanto, em junho de 1941, traluz, subitamente, seus compromissos com Stalin, e invadiu a União Soviética. Imediatamente foi modificada a linha do partido, tendo os trabalhadores comunistas recebido ordem de cessar suas atividades de sabotagem e de incitação às greves e incentivados a ajudar à URSS, tanto quanto à França e à Grã-Bretanha.

8 — O controle comunista em outros setores

Os comunistas se infiltram calmamente nas escolas e universidades de muitos países. Células comunistas, organizadas entre os professores procuram captar as idéias dos estudantes. Células foram montadas nos órgãos da imprensa, com instruções de trocar as notícias, de modo a favorecer a URSS. Apareceram células, também, nos organismos empenhados em pesquisas e difusões de estatísticas.

Até nas forças armadas de vários países, inclusive o nosso, conseguiram os comunistas se infiltrar. Células comunistas operavam nos exércitos franceses e belgas quando da invasão hitlerista em 1940. No ano seguinte, entretanto, quando a linha do partido passou a condenar Hitler,

os comunistas passaram a combater os alemães, como movimento subterrâneo. Os líderes dos "maquis" franceses eram comunistas. No Brasil, em 1935, os comunistas infiltrados nas forças armadas tentaram, como já nos referimos, anteriormente, subverter a ordem pública, deflagrando um movimento armado que, felizmente, pôde ser esmagado quase de imediato.

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial os comunistas têm obtido êxito em se infiltrar nos órgãos dos governos de tais países. Tão logo um deles consegue um posto na administração pública, envida seus esforços para guindar seus "camaradas" a posições também destacadas e assim sucessivamente, até conseguirem minar completamente a instituição. Isso ocorreu na Hungria e na Tcheco-Eslováquia, onde os comunistas já haviam penetrado no governo, solapando-o de tal forma que, após poucos meses, os agentes soviéticos não tiveram quase trabalho em tomar o governo.

9 — Tentativas de destruição dos governos constitucionais

Vale a pena lembrar que os comunistas jamais se instalaram no Governo de qualquer país por meio de eleições livres ou mesmo algum outro meio pacífico. Lenine, frequentemente, incitava os partidos comunistas a "destruir os estados burgueses". Seus sucessores continuaram a perseguir esse objetivo. O país cujo Governo estiver na mira dos soviéticos para ser derrubado, o processo começa pela agitação e pela propaganda, sem falar, é claro, nas infiltrações continuas nos Sindicatos, Fábricas, Escolas e Universidades, a que já nos referimos. Planos são estabelecidos para que se apossam, no momento oportuno, dos edifícios da administração pública, das indústrias estratégicas e dos meios de transporte.

Nos parlamentos, os representantes comunistas, eleitos pelo partido, onde este exista legalmente, ou por outros partidos, onde conseguem se infiltrar, se batem por "frentes unidas", aliando-se aos socialistas ou outros partidos da esquerda. Se a "frente unida" ganha uma eleição, os líderes comunistas concordam em formar um gabinete com seus aliados do movimento. Mas o objetivo das "frentes unidas" é a obtenção dos postos-chave do Governo, insistindo os comunistas no controle dos ministérios que melhor se adaptam aos seus propósitos, ou seja, aqueles que influem na segurança interna, nos transportes, nas comunicações ou que possuam "informações interessantes". Após esses passos iniciais, os comunistas estão em condições de desencadear uma série de ações violentas que lhes permita, finalmente, o controle completo e absoluto do Governo. Foi o que ocorreu na Hungria em 1947 e na Tcheco-Eslováquia em 1949.

A "Supressão dos Estados Burgueses" não significa, para os comunistas, a destruição total de todo o mecanismo burocrático do "Governo Burguês". Conquanto alguns órgãos desapareçam, a maioria deles, no entanto, passa, simplesmente a ser dirigida pelos comunistas enquanto outros são criados, como os da Polícia, os do Exército e os das escolas.

B — OS PARTIDOS COMUNISTAS NOS PARLAMENTOS DEMOCRÁTICOS

1 — As reformas democráticas

Lenine compreendeu, astutamente, que qualquer reforma que ensajasse melhores condições de vida às classes trabalhadoras de um país, seria um argumento a menos para uma revolução comunista local. Por isso, tachou de "oportunistas" os socialistas e outros partidos que alegavam ser os representantes dos trabalhadores, e que insistiam em reformas de caráter social. Tais elementos, alegava Lenine, estavam se afastando dos objetivos longínquos em troca de pequenas vantagens imediatas. Acreditava ele que, com esse argumento, os socialistas e os outros, a quem acusava, se convencessem da necessidade da revolução mundial.

Lenine determinou aos comunistas de todo o mundo que procurassem obter assentos nos parlamentos. Se necessário, deveriam fingir estar trabalhando por reformas ou prontos a transigir com os outros partidos esquerdistas. Por meio de tais táticas os comunistas poderiam firmar-se cada vez mais no controle das legislaturas nacionais e, oportunamente realizar aquilo que o comunismo rotulou de "destruição dos parlamentos". Na Alemanha Ocidental, entretando, nas eleições de 1953, os alemães provaram não haver esquecido como os comunistas haviam indiretamente, ajudado a ascensão de Hitler ao poder, e não acreditar mais em suas promessas. Nenhum comunista conseguiu se fazer eleito para o Parlamento da Alemanha Ocidental.

2 — Enfraquecimento dos governos

Antes de De Gaulle conseguir a estabilidade do Governo da França, quando assumiu o posto supremo em 1958, freqüentes trocas de gabinete atrapalhavam grandemente a administração do país. Não é o fato, unicamente, de haver muitos partidos políticos na França, que acarretava tantos e tão freqüentes quedas de gabinetes. A maior razão reside no volume, relativamente grande, do Partido Comunista local. Por quê?

A explicação não é difícil. Nas eleições de 1956, na França, os comunistas elegeram 149 representantes, ou seja, quase uma quarta parte da representação total na Assembléia Nacional Francesa. Esses comunistas, entretanto, recusaram-se a aceitar qualquer posto no Gabinete ou na Administração, o que estava muito de acordo com a política normalmente seguida pelos bolchevistas de nunca fazer parte de um Gabinete salvo se este fosse controlado pelo comunismo. Passou então essa minoria organizada a interferir e bloquear o que o Gabinete ou a Administração pretendesse fazer. O resultado foi o que queriam os comunistas — indecisão, confusão, divisão e inação.

Pode sentir-se, assim, o grande perigo que representa para um país ter um partido político de volume ponderável recebendo ordens diretas de Moscou. Aliás, os líderes do Partido Comunista Francês, Srs. Thorez e Duclos, viajavam com freqüência à capital soviética, possivelmente para receber ordens diretas e pessoais dos ditadores da URSS. Por meio dessas ordens o Presidium do Partido em Moscou, procurava controlar ou

influenciar na política nacional do Governo Francês. Trabalhando em comum acôrdo com outros partidos esquerdistas da França, conseguiram os comunistas retardar ao máximo a admissão da Alemanha Oriental na OTAN; opôs-se à participação francesa no Plano Marshall e em diversos planos econômicos em proveito da Europa Ocidental.

Na Itália, a situação não foi muito diferente. Nas eleições de 1958 os comunistas obtiveram 140 das 596 cadeiras da Câmara dos Deputados. Ai, também, os comunistas contribuíram para a instabilidade do Governo, por votos freqüentes e sistemáticos, contra os gabinetes constituídos.

3 — Cabeça-de-ponte na América Latina

A Guatemala pode servir de exemplo de como os comunistas agem para se apossar de um país pequeno, por meio de uma "frente unida". Em 1932 o Partido Comunista foi considerado ilegal na Guatemala. Entretanto, os comunistas, que haviam conservado em segredo suas identidades, se uniram a outros grupos revolucionários para formar o Partido Trabalhista Guatemalteco. O Politburo do novo partido era controlado pelo Kremlin. Os comunistas continuaram a se infiltrar nas uniões de trabalhadores, nas escolas e na imprensa. Conseguiram assumir o controle de uma grande parte do Exército e dos sindicatos. Associando-se a outros partidos esquerdistas, sob o nome de "Frente Democrática", os comunistas, em 1950, conseguiram eleger Jacob Arbenz à Presidência da República. Após as eleições o Partido Comunista arrancou a máscara e apareceu ostensivamente com esse nome.

Em 1954, a Organização dos Estados Americanos (OEA), representando as 21 repúblicas das Américas, condenou o reino do terror comunista na Guatemala. A OEA repudiou fortemente a extensão do movimento comunista internacional a qualquer país americano. Essas declarações serviram de incentivo ao Coronel Castillo Armas, do Exército Guatemalteco, que organizou uma força, com seus compatriotas refugiados nas Honduras, país vizinho à Guatemala. Essa força cruzou a fronteira e marchou até a capital, derrubando os comunistas. O presidente Arbenz fugiu para a Polônia, enquanto a Guatemala recuperava sua liberdade.

Os comunistas se organizaram então, como movimento subterrâneo, havendo indícios de que Moscou pretendia usar a Guatemala como base de operações para a expansão do Comunismo na América Latina.

4 — Revivescência da Tática de "frente unida"

Já vimos anteriormente que Krushchov, quando do XX Congresso dos Partidos Comunistas, em 1956, recomendou aos representantes comunistas que se aliassem aos socialistas e outros partidos da esquerda para formarem "frentes unidas" em todos os parlamentos democráticos. Afirmou-lhes que essa seria a maneira mais fácil de assumir o controle das legislaturas de muitos países, pavimentando, assim, o caminho para o comunismo. O Presidium do Soviete esperava que essa união aos partidos socialistas e o lema de "coexistência pacífica" trouxessem esses par-

tidos mais para perto do comunismo e acelerassem desta forma, a conquista do seu objetivo — a revolução mundial.

Uma delegação do Partido Socialista da França chegou, mesmo, a aceitar um convite do Kremlin, visitando Moscou para discutir os termos de uma frente unida. Mas, finalmente, os socialistas não caíram na armadilha.

A maior parte dos partidos socialistas têm suas dúvidas a respeito da sinceridade soviética. As brutalidades de Stalin, desvendadas por Krushchov no XX Congresso dos Partidos Comunistas, os estarreciu. Em março de 1956, as delegações socialistas de 17 países se reuniram em Zurique, na Suíça e decidiram recusar o convite de Krushchov para a formação de uma frente unida. Na Ásia, entretanto, essa manobra produziu resultados. No Ceilão, o Partido Comunista ajudou a criação da "Frente Unida Popular" que, em abril de 1956, ganhou as eleições, tendo os comunistas assumido o controle de dois ministérios.

A falta de êxito na Europa, entretanto, não serviu para desanimar os comunistas quanto à aplicação da tática de "frente unida".

C — O IMPERIALISMO SOVIÉTICO

1 — Imperialismo ou Colonialismo

Os comunistas dizem que os países capitalistas procuram controlar as nações menores. Acusam esses países capitalistas de "imperialistas" e "colonialistas". *Imperialismo* é a subordinação ou controle de uma nação a um outro país. *Colonialismo* é usado para expressar a subordinação à terra natal, dos naturais de um país, que imigraram, e exploram as terras onde se encontram. As duas palavras, com o tempo, têm tendido a significar a mesma coisa. Lenine era de opinião que o imperialismo representava o último estágio do Capitalismo. Era inevitável, afirmava ele, que no fim desse estágio o sistema capitalista sofreria um colapso. Revoluções, então, ocorreriam, entrando-se no período a que os comunistas denominam Socialismo, o qual, por sua vez, prepararia o cenário mundial para a apoteose comunista.

Há, evidentemente, muitas razões para que se condene o imperialismo. No passado, países mais fracos de povos mais atrasados, foram com frequência, rápida e implacavelmente subjugados. Os dominadores se tornavam arrogantes e, normalmente, negavam aos nativos qualquer participação no Governo, a não ser nos postos mais baixos. O pior de tudo é que o domínio de um povo por outro pode assumir a forma de verdadeira escravidão, pela violação dos princípios democráticos de liberdade e autodeterminação. Há, também, a tendência a que o país dominante enriqueça às custas de suas colônias, esgotando seus recursos em terras e mão-de-obra. Por estas razões, é claro que os povos dominados por países estrangeiros prefeririam governar-se a si próprios.

Há entretanto outras facetas no problema. Sem querer preconizar um sistema que, deve reconhecer-se, já se torna decadente, forçoso é admitir-se que, em muitos casos, o colonialismo foi benéfico, levando a muitas regiões a estabilidade política e econômica que, de outra forma,

muito dificilmente obteriam. Além disso, os grandes impérios formados pela Grã-Bretanha, pela França, pela Espanha, por Portugal e pela Holanda, têm suas raízes, nos séculos XVI e XVII, quando a Democracia era, ainda, desconhecida.

De qualquer forma, o que se nota hoje no mundo é um movimento generalizado pela autodeterminação, nos países até então vinculados politicamente a outros. É o caso das recém-independentes repúblicas em surgimento na Ásia e na África, sem nos referirmos ao período que se seguiu de imediato à Primeira Guerra Mundial, quando a Tcheco-Eslováquia, a Polónia, a Áustria, a Hungria, a Finlândia, a Estónia, a Letónia e a Lituânia despontaram como nações independentes.

2 — Os comunistas e o imperialismo

Seria de supor, tanto exploram o assunto, que os comunistas respeitassem, realmente, a liberdade dos povos. Realmente, com ou sem oportunidade, os comunistas matraqueiam sobre o imperialismo que os países capitalistas pretendem exercer sobre as nações mais fracas, particularizando os EUA, a Grã-Bretanha e a França em primeiro plano, a Bélgica e a Holanda, em seguida. O auxílio económico à Europa Ocidental, após a Segunda Guerra, é rotulado de imperialismo. A assistência técnica e económica à América Latina é denominada como imperialismo, da mesma forma que o apoio a alguns países asiáticos.

Enquanto acusam os países capitalistas, o que têm feito os comunistas? Olhando para o mapa-mundi lá encontraremos, desde logo, parte da resposta. A Estónia, a Letónia e a Lituânia são "repúblicas", componentes da URSS. A Polónia, a Tcheco-Eslováquia e a Hungria tiveram efêmera duração como países livres; se há dúvida, basta lembrar como foi esmagada a revolução húngara contra o comunismo, em 1956. A Roménia, a Bulgária e a Albânia estão vinculadas ao Kremlin que, inclusive, dispõe de grandes bases navais neste último país.

No que se relaciona a auxílio económico e assistência militar, aí estão os exemplos da Coreia do Norte e do Vietnam do Norte, na Ásia, da RAU e do Iraque, no Oriente Médio, de Cuba e de inúmeras repúblicas recém-surgidas, na África. A todas a URSS e seus satélites vêm inundando com técnicos, que o são também em assuntos políticos, como engenheiros, professores, economistas, etc, além de material bélico de toda a natureza, emergindo das águas com os submarinos, passando à terra com armas, equipamento e carros de combate e subindo aos céus com o que há de moderno em aviões a jato.

Na realidade, enquanto se encolhem os impérios europeus, que vão aos poucos desaparecendo, na maioria das vezes com a aquiescência e o apoio do até então Governo dominante, um novo e gigantesco império vai se ampliando, à força, com o sacrifício de vidas e da liberdade de milhares de seres humanos.

O novo império soviético, abrange, então, como vimos a Europa Oriental, a China Vermelha, a Coreia do Norte e o Vietnam do Norte. Além disso, procuram os comunistas estender suas asas sobre os países neutralistas, isto é, aqueles que têm como política internacional básica

a não adesão a alianças militares com qualquer dos blocos, como é o caso da Índia e da Indonésia. Ultimamente, diante de nossos olhos estarecidos, dominou a República de Cuba.

3 — A Ásia e a expansão comunista

Na conferência de Bandung, em 1955, ergueram-se vozes veementes contra o imperialismo soviético. Tendo persuadido 29 estados africanos e asiáticos de enviarem representantes à Conferência, o "Premier" Nehru, não obstante, falhou em suas tentativas de convencê-los a abandonar suas alianças com os países ocidentais e passar a apoiar a China Vermelha.

Muitos dos países neutralistas não se deixaram iludir pela propaganda comunista, tendo alguns deles protestado contra o imperialismo soviético. O delegado iraquiano denunciou o comunismo como uma "religião subversiva" declarando que os comunistas estavam fazendo com que "o mundo se confrontasse com uma nova forma de imperialismo, muito mais perigosa do que a antiga". O delegado do Iran condenou a Rússia Soviética e a China Vermelha como agressores, que estavam "re-inventando" o imperialismo. O delegado do Ceilão, que era o próprio chefe do Governo do país, manifestou-se contra o colonialismo soviético, afirmando que, se os estados comunistas "fôsem sinceros no seu desejo de coexistência pacífica, era de supor que eles nos procurassem convencer de sua boa fé, dissolvendo os partidos comunistas de todos os países da região afro-asiática".

4 — O Plano Comunista para a conquista da Coreia

O cinema soviético dá ao povo russo a impressão de que foi o Exército Vermelho quem ganhou a Segunda Guerra Mundial, o que está muito longe da verdade. A União Soviética não declarou guerra ao Japão quando os aliados o fizeram. Stalin só entrou em guerra com o Japão a 3 de agosto de 1945, três dias depois do lançamento em Hiroshima da primeira bomba atômica, a qual, praticamente, pôs fim à luta no Pacífico. Concordaram então os EUA e a URSS que esse último país deveria receber rendição dos exércitos japoneses ao norte do paralelo 38, na Coreia, enquanto o primeiro aceitaria a rendição ao sul desse paralelo.

Mais tarde, em dezembro do mesmo ano, os dois países concordaram em auxiliar o povo coreano no estabelecimento de um governo coreano único, para toda a Coreia, cuja legislatura conteria representações de "todos os elementos democráticos". No ano seguinte, quando foi apresentado pelos EUA, como sugestão, um plano para o estabelecimento de tal governo, com a legislatura respectiva composta por elementos de todos os partidos, a URSS rejeitou-o, alegando que democráticos eram tão-somente os partidos coreanos que haviam adotado a linha comunista. Tornou-se então, óbvio, que a URSS pretendia tornar a Coreia do Norte num estado completamente comunista. Quando a questão foi levada à ONU, a URSS desdenhou de todas as tentativas dessa organização internacional para unificar a Coreia.

Em 1948, os EUA e a URSS retiraram, ambos, suas forças da Coreia, cedendo lugar a representantes da ONU, sob cujos auspícios deve-

riam ser realizadas eleições, para a escolha do Governo do país. Na Coreia do Sul, o pleito supervisionado pela ONU, resultou na eleição de um Governo para a República da Coreia sob uma Constituição modelada na das democracias ocidentais. Na Coreia do Norte, entretanto, os comunistas não permitiram a entrada de delegados da ONU. Sob orientação exclusivamente comunista estabeleceu-se, para a Coreia do Norte, um sistema de Governo dentro dos moldes soviéticos. A Coreia do Sul, sob o Governo eleito de Syngman Rhee, foi, para resguardo da paz recusados auxílios em armamento e equipamento bélico como proteção contra possíveis agressões comunistas da Coreia do Norte, a qual no entanto, foi equipada e treinada pelos soviéticos.

5 — A Guerra da Coreia, teste do imperialismo soviético

Durante alguns anos, oficiais da URSS prepararam o exército norte-coreano para um ataque à Coreia do Sul. Faziam os soviéticos, com os norte-coreanos, o que o macaco da fábula fez com o gato, isto é, convenciam-nos a tirar do brasileiro as castanhas que comeriam, enquanto os norte-coreanos é que ficavam com as mãos queimadas. É a tática que, desde então, vem sendo conhecida como "guerra por procuração".

Já em 1950 Lenine afirmava que "os Comunistas devem jogar os países uns contra os outros". Stalin preparava a oportunidade para lançar a Coreia do Norte contra a Coreia do Sul e, logo que o exército norte-coreano foi julgado em condições, o ditador soviético deu ordem de ataque. A 25 de junho de 1950, o exército norte-coreano cruzou o paralelo 38 e marchou sobre Seul, capital da República da Coreia. A guerra coreana havia começado.

6 — A força da ONU em combate aos comunistas

Vinte Países membros da organização atenderam ao apêlo do Conselho de Segurança quanto ao envio de tropas para integrarem a força. A República da China ofereceu-se para a contribuição de tropas, mas o oferecimento não foi aceito. Outros países, entre eles a Grã-Bretanha e a França contribuíram apenas simbolicamente (a França tinha na época, cerca de 250.000 homens no Vietnã, lutando contra o comunismo). Alguns países pequenos como a Pérsia, a Turquia e a Austrália, enviaram tropas em número relativamente grande. Da América do Sul seguiu um Batalhão da Colômbia. A Coreia do Sul mobilizou um exército de 250.000 homens. O peso da contribuição, entretanto, coube aos EUA, que, ao fim da guerra, em 1953, tinham na Coreia cerca de 480.000 homens, lado a lado com 270.000 coreanos do Sul e 50.000 de outros países, num total de 800.000 homens. Do outro lado havia 1.130.000 homens entre norte-coreanos e comunistas chineses, estes últimos enviados à luta por decisão do Governo da China Vermelha que, em 1950, declarou desejar contribuir com um milhão de "voluntários".

A URSS, em agosto de 1950, fez sua representação voltar à ONU, onde procurou bloquear, de todas as formas, as medidas de proteção à Coreia do Sul.

II — ODISSEIA ATRÁS DA CORTINA DE FERRO

Mary Allison, viúva de um diplomata húngaro que ante a pressão dos "libertadores" soviéticos "havia se suicidado", resolveu empreender uma viagem à Europa para procurar o túmulo de seu marido e honrar sua memória. Viajou para a Áustria, mas quando se encontrava num hotel, em Viena, foi seqüestrada pela polícia secreta soviética e levada para Budapeste, onde, após inúmeros interrogatórios que duraram nada menos que dezito meses, foi internada num hospital, gravemente enferma.

Para que nossos leitores tomem conhecimento dos sofrimentos por que passou Mary Allison, condensamos seu livro no artigo que se segue.

I — Levada para o Ártico

Desde o dia que me disseram que estava prestes a morrer, comecei a sentir sensíveis melhoras. Havia jurado, comigo mesma, que não deixaria que meu corpo fosse sepultado em terras russas e embora o médico me houvesse alertado que "voltaria a ver a Inglaterra, mas olhando-a de além", procurava, por todos os meios, dar um pouco de vida a meu organismo combalido.

Ajoelhada perto ao miserável leito de minha prisão, em Lwow, eu rezava constantemente implorando que as horas, os dias e os meses passassem o mais rapidamente possível.

Certo dia aproximou-se de mim um velho prisioneiro, tendo à altura do peito seu chapéu de palha e disse-me em tom respeitoso: — "Baronesa de Miske? — Este era meu nome — "sou um prisioneiro como V. S. mas há tempos passados tive a honra de trabalhar para seu marido, como jardineiro", e tirando algo de dentro do chapéu, — "Se V. S. quiser aceitar isto, é tudo o que posso oferecer-lhe, mas ficaria satisfeíssimo se V. S. o considerasse como se fôsse um ramalhete de rosas" ... Dizendo isto apresentou-me um punhado de rabanetes. Mordi os lábios para evitar as lágrimas ante meu benfeitor e respondi:

"— Muito agradecida pelas formosas rosas, vou colocá-las, agora mesmo num jarro! ...

Quantas recordações vieram trazer-me aquêles rabanetes! Rememorei os dias passados, antes da guerra, na Hungria, quando podia colher, em meu jardim, as mais lindas rosas que já havia visto em tôda minha vida. Relembrei-me, também, de outras rosas, as que eu queria colocar sobre o túmulo de meu marido, rosas que não consegui, sequer, colher,

pois fui presa pelos russos que acusaram-me de espionagem, antes mesmo que eu pudesse encontrar a sepultura de meu adorado Eugênio.

Os viveres escasseavam, estava quase a ponto de morrer de fome, mas conservei aqueles rabanetes até que os mesmos fôssem reduzidos a pó. Como poderia eu, comer um ramo de tão adoráveis rosas?

Ainda no hospital tive outra agradável surpresa.

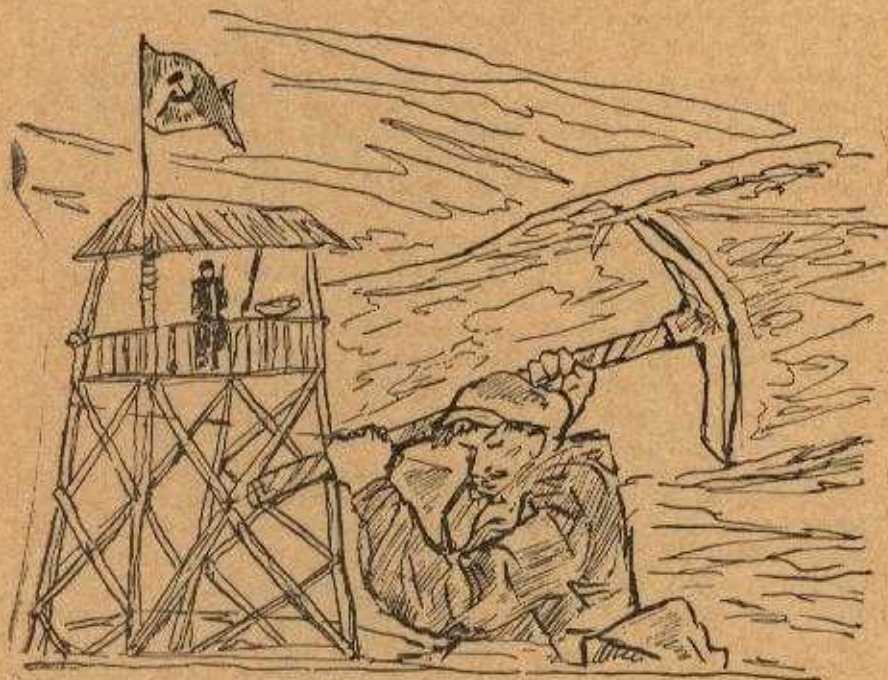
Geno, filho adotivo de meu marido, encontrava-se preso. Estivera com tifo, mas já estava em convalescença. Não sabia de que o acusavam, mas tinha certeza de que, de um momento para outro, seria enviado para o norte da Rússia a fim de "congelar" na Sibéria. Foram poucas as vezes que consegui falar com Geno, mas ele para mim representava o único elo que ainda me prendia ao passado. Após alguns dias, não consegui saber nem para onde haviam enviado meu amigo, que desapareceu completamente da minha vida.

Era obrigada, diariamente, a presenciar um quadro dantesco, que muito serviu para endurecer meu coração. Constantemente passavam junto a meu leito os cadáveres que eram levados ao crematório. Quando um doente falecia, os enfermeiros despiam o cadáver e colocavam o corpo no chão, atravessado no corredor. Amarravam, ao polegar do pé direito, uma ficha de papelão e ali ficava aquele corpo exposto às moscas durante várias horas, até que fôsse recolhido por uma carreta e levado ao forno crematório, colocado próximo à enfermaria. Muitas vezes ficava de minha cama a contemplar aqueles corpos rígidos, a procura de algum conhecido, mas felizmente nunca encontrei.

Quando me consideraram curada, transferiram-me, ainda fraca e gripada, para outro alojamento onde as mulheres dormiam como sardinhas em lata. Cada janela era protegida por fortes barras de ferro; a porta era fechada por um grosso ferrêlho e ali vivíamos, na maior promiscuidade, servindo-nos, todas de uma grande lata colocada em um dos ângulos da prisão. Chamavam a este de salão de "Convalescença" e ali passei várias semanas, esperando não sei o quê.

Certa tarde um guarda abriu a porta da prisão e pronunciou meu nome, ordenando que me vestisse rapidamente e o acompanhasse. Junto com outras desventuradas fui conduzida à estação e embarcada num vagão de carga, completamente fechado onde, para respirar tínhamos que empregar toda as forças de nossos pulmões. Viajei várias horas, sem saber para onde era levada, até que recebemos ordem de desembarcar.

Passamos cinco dias em Kiev, em um campo de trânsito. Não desejo relembrar nossa odisséia. Prefiro não recordar os episódios de violência que sofriam aquelas mulheres indefesas e o desprezo que demonstravam os russos pelos sentimentos daquelas infelizes. Mãe e filha abraçadas, chorando, após saber que no dia seguinte iriam seguir destinos diferentes; uma menina de quinze anos arrebatada, durante a noite, do leito comum, por três guardas embriagados que não davam a menor importância aos gritos e protestos das demais mulheres; é melhor esquecer tudo isto...



De Kiev nos levaram a Leningrado, onde fomos colocadas em prisões mais confortáveis, juntamente com outras mulheres, vindas de todas as regiões da URSS.

O paraíso de Leningrado durou poucos dias. Fui chamada por um guarda que me ordenou que o acompanhasse. Perguntei para onde seria levada e ele respondeu-me, sécamente:

— Ao norte!... Lá você poderá contemplar a beleza da terra coberta de neve...

Subimos para outro vagão de carga, eu e muitas mulheres vindas de outros pátios. O vagão era quente, quase sem respiradouro, mas assim foi melhor, pois nêles passamos dias e dias, semanas e semanas, enquanto o trem relava rumo ao norte...

Certa manhã, às 04,00 horas, o trem parou bruscamente. Eu e mais duas mulheres fomos empurradas brutalmente para fora do vagão por um guarda corpulento e rolamos sobre a neve, onde ficamos meio desacordadas. Quando recuperei os sentidos vi passar perto de mim o tal guarda corpulento e sem titubear dei-lhe um forte golpe com minha muleta, deixando, naquele momento, transbordar toda a fúria de que estava possuída e que fôra acumulada durante os 18 meses que passara desde minha saída do hospital. O soldado gritou de dor e avançou para mim, sendo agarrado então por um oficial que estava nas proximidades.

Eu, Natacha e Olga, reconfortadas com aquela desforra, começamos a rir até que as lágrimas chegassem a nossos olhos.

A localidade onde fomos deixadas chamava-se Virchow-Wislana. Aí permanecemos por alguns dias num campo de trânsito sendo depois levadas, juntamente com outras mulheres, para um campo de prisioneiros distante alguns quilômetros. Neste campo estavam concentrados 2.000 prisioneiros, mas somente 200 eram prisioneiros "políticos". Os demais estavam detidos por crimes comuns, como furto, assassinato, prostituição, etc. . .

O campo estava situado na república de Komi, perto do círculo polar ártico. Os habitantes de Komi são muito ligados aos esquimau e odeiam os russos. Vestem-se de peles e em pouco tempo compreendi a razão. Em nenhuma parte do mundo poderá fazer mais frio que naquela região. Deram-me um capote grosso, forrado de algodão, um pouco de roupa branca de algodão azul e verde, uma colher de madeira e uma pequena caixa de ferro.

Consegui obter uma "dieta especial" e isto significava que cada manhã tinha direito a um copo de leite de rena, ao meio dia uma sopa aquosa com folhas de couve e uma colher de "kasha", cevada e aveia fervida e à tarde uma mistura da mesma sopa do almoço com uma espécie de farinha de mandioca. Dormíamos em estrados de madeira e eu conseguia cobrir-me com uma manta que trazia comigo desde que fora prês. Uma noite roubaram-me a manta. Queixei-me ao médico de serviço e êle fez anunciar que não atenderia a ninguém se minha manta não fôsse devolvida. Meia hora depois a manta aparecia milagrosamente, sem ninguém saber de onde havia vindo.

2 — Uma história terrível

As amigas chegavam e partiam continuamente. Os russos transferiam seus prisioneiros para um e outro lado sem nenhuma advertência. Uma mulher que se tornou grande amiga minha, era uma assassina mas, quase todos os dias conseguia roubar alguma coisa na cozinha e não é difícil compreender que, naquela vida de misérias, mesmo um pedaço de osso coberto com alguma carne constituía motivo de grande festa para nós, tão parcamente alimentadas. Outra mulher que se tornou minha companheira foi Maria, uma Húngara, filha de um rico fabricante de vinhos. Certa noite dez soldados russos comandados por um oficial bateram à porta do negociante pedindo as chaves da adega. Quando estavam já completamente bêbados exigiram Maria. Toda a família estava trancada em um quarto mas os russos fizeram a fechadura saltar a tiros e arrastaram Maria, que foi violentada por diversas vezes. Pai e irmão não presenciaram a cena pois jaziam mortos no corredor. Depois de sorrir todos os vexames, Maria conseguiu apossar-se da pistola de um dos soldados e descarregar a arma sobre seus algozes. Um tiro foi ter ao pescoço do oficial e outro alojou-se na cabeça de um dos soldados. Ambos morreram e Maria foi condenada a dez anos de trabalhos forçados:

— "Os russos asseveram que sou uma "terrorista"... Perguntavam-me Maria, "você acredita que eu seja uma "terrorista"?"



Outra grande amiga era "Klaxa" uma gatinha branca e preta que havia se internado no acampamento por livre e espontânea vontade. Comecei a dar-lhe um pouco de leite de rena tôdas as manhãs e ficamos, logo, muito amigas. Certo dia Klaxa teve quatro gatinhos. A alegria provocada pelo grande acontecimento serviu para amenizar, um pouco, a desolação em que vivíamos naquele horrível campo de concentração.

Reinava entre aquelas imundas barracas de madeira a mesma ânsia que dizem existir nas prisões mistas. Mulheres e homens se buscavam continuamente correndo vários riscos em troca de alguns minutos de satisfação sexual. Os banheiros de nosso campo estavam situados nas proximidades dos banheiros do campo masculino e os homens, enfrentando todos os perigos, vinham se encontrar com as mulheres que, via de regra, cooperavam voluntariamente.

As mulheres mais jovens e atraentes eram seduzidas pelos guardas que, por vêzes as tomavam como amantes dando-lhes mais algum conforto e regalias. Certa vez, um vigia resolveu trocar sua amante, de alguns meses, por outra que acabara de chegar. A mulher desprezada aguardou calmamente uma oportunidade para vingar-se. Passados alguns dias foram as duas enviadas ao campo em busca de lenha. Só voltou a amante antiga, trazendo no ombro o machado, à guisa de fuzil e na mão a cabeça da rival que jogou sobre a mesa do homem que a havia desprezado. Por tal crime a mulher teve sua pena aumentada de três anos. Evidentemente era menos perigoso ser assassina que "política".

Anualmente, nos dias 9, 10 e 11 de novembro, no campo de concentração se festejava a vitória da revolução russa. Cada prisioneira recebia duas onças de lúpulo fermentado, um pouco de açúcar e três pedaços de bôlo. Eu misturava o açúcar com o lúpulo e derramava aquele melado sobre os insípidos pedaços de bôlo, comendo tudo, de uma só vez. A 1 de maio, festejávamos o "Dia do Trabalhador" e recebíamos, como regalia, um prato de sementes de girassol. As festas de Natal, todavia, passavam despercebidas e sem nenhuma distribuição de rações extras.

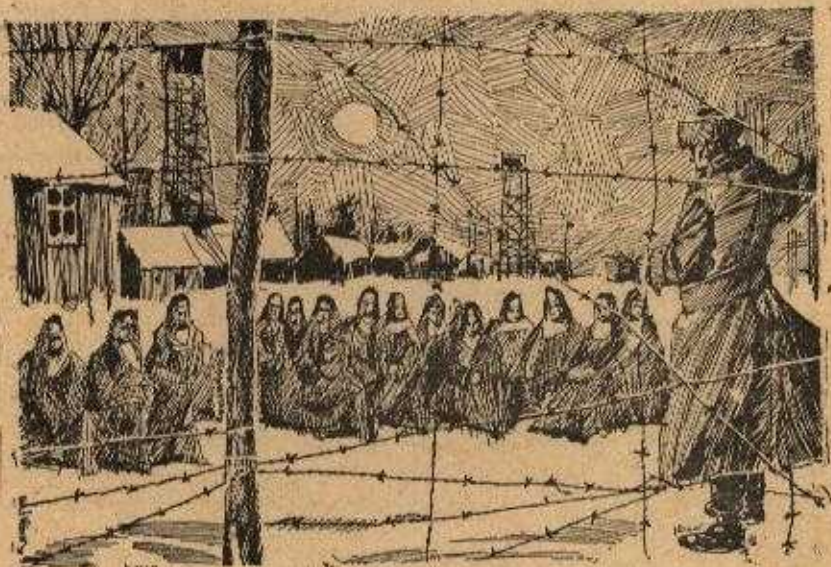
3 — Contrôlo geral

Certo dia fui chamada ao gabinete do comandante do campo de concentração. Sai com minhas muletas, através da neve, acompanhada por Klaxa. No gabinete já se encontrava minha amiga Maria e três prisioneiros alemães. O comandante insistiu para que nos sentássemos. Ofereceu-nos cigarros e disse-nos com voz solene:

— "Tenho boas notícias para vocês! Vão todos ser repatriados"... Tal afirmativa nos causou verdadeiro pânico, mas um sorriso de dúvida parece que assomou a nossos lábios, tanto assim que o comandante acrescentou:

— "Dou-lhes minha palavra de honra e lhes aperto as mãos!"

Um por um nos levantamos para apertar a mão do comandante e saímos do gabinete, pensando, ainda, que estivéssemos sonhando.



No dia seguinte fui chamada para ir ao dentista, passar por um "contrôle geral". Uma mulher, também prisioneira, examinou-me a boca e disse com certo espanto:

— Que interessante encontrar neste campo uma prisioneira com uma ponte de ouro como a sua"...

Naquela mesma noite, enquanto eu dormia, colocaram uma pesada manta sobre minha cabeça ao mesmo tempo que braços atléticos me imobilizavam. Tateando por sobre a manta a mão do assaltante penetrou na minha boca arrancando, com toda a brutalidade, a minha ponte de ouro.

Com a boca sangrando fui à barraca da "dentista" mas o único auxílio que pôde prestar-me foi dar-me um pouco de água quente para lavar a boca e dizer-me:

— "Fatos como êste são muito comuns. Trate de esquecer e recorde-se de que está prestes a voltar para casa.

O pensamento de voltar para casa consolou-me, um pouco, mas tive ainda que esperar quatro longos meses, pois só em abril de 1950 disse-ram, como de costume na última hora, que me vestisse e preparasse minhas coisas para viajar. Foi com o coração cheio de alegria que me dirigi ao caminhão que devia levar-me à estação. Lá, subi para um vagão de carga todo sujo de carvão. Mas tal imundície não mais me preocupava. Ia para casa!...

O trem movia-se com muita lentidão mas enquanto êle andava eu ia verificando que a paisagem mudava completamente. As árvores iam ficando cada vez mais raras, a neve aumentava consideravelmente e a

temperatura tornava-se cada vez mais baixa. Pouco a pouco um terrível pressentimento foi tomando conta de mim até que, depois de alguns dias, percebi que meu sonho havia, de todo, terminado. Meu antigo comandante havia mentido com o maior cinismo!... Estávamos sendo enviados para o norte. O trem ia a caminho do Ártico. Minha saída da Rússia tornava-se cada vez mais difícil. Somente um milagre podia salvar-me daquela região de frio e morte...

Vieram depois as séries intermináveis de campos de concentração. Por horas e horas o trem acompanhava as cercas de arame farpado, interrompidas, de quando em quando, pelas torres de observação, onde soldados armados e seus inseparáveis cães pastores, montavam guarda dia e noite.

Mesmo naquele momento desesperador ainda tive ânimo de lembrar-me da decisão que havia tomado — não permitiria que me sepultassem em terra russa.

A 2 de maio de 1950 obrigaram-me a desembarcar. O nome da estação era ABEZ e o conjunto de campos de concentração da região eram conhecidos pelo significativo nome de "Inferno Branco". Todos eles eram destinados a mulheres. Milhares e milhares de sofredoras ali viviam sob aquele frio implacável. Logo ao saltar senti a sensação de quem caminha para a morte, mas, mesmo debaixo daquela tensão pude recordar-me daquela data:

— "Dois de maio! que falta de sorte! Cheguei um dia atrasada para receber minha ração de sementes de girassol!"

Fui escalada para ocupar a barraca número 2. Desde que havia sido raptada havia assistido a cenas dantescas e visto coisas que revoltavam as mais santas criaturas, mas nunca havia vivido uma situação como aquela, que se me apresentavam. O chão da barraca era um verdadeiro local cheio de imundices. Ali é que devíamos dormir, procurando uma aquecer a outra, com o calor de seu próprio corpo. Incapaz de sentir qualquer sensação recostei-me junto a duas lituanas que, sem olhar para cima afastaram-se complacentemente. Aconcheguei-me entre elas e adormeci, vencida pelo cansaço.

4 — ABEZ — O Inferno Branco

Éramos três mil mulheres concentradas naquele campo e pela falta de higiene de toda ordem devíamos suportar os sofrimentos mais humilhantes.

Imediatamente após a minha chegada, as permissões para ir à "privada", que eram de quatro por dia, foram reduzidas para três, sendo duas de dia e uma durante a noite. Devíamos aprender a reduzir o consumo de água e tínhamos que esperar a hora que fôsse permitido ir ao "lavatório" (bicas situadas no meio do campo) para tomar um pouco de água ou lavar as mãos e tais permissões tinham sempre que coincidir com as três concedidas para irmos às "privadas". Para agravar mais a situação, os buracos feitos na terra e chamados eufemisticamente de "latrinas", estavam situados o mais longe possível de nossas barracas e para

chegar a êles, nas noites de inverno ártico, com a temperatura dezenas de graus abaixo de zero, já era em si, um ato de heroísmo.

Durante os cinco anos que passei naquele inferno, foram inúmeros os casos de doenças infecciosas adquiridas pelas mulheres.

As prisioneiras, em sua maioria camponesas ucranianas, eram incrivelmente ignorantes. Pensavam que no mundo só existia a Rússia e não podiam compreender como existiam pessoas que falassem outras línguas. Aquelas que não falavam russo eram chamadas de "fascistas" e cada "fascista" era um inimigo, único culpado pela situação em que vivíamos.

Só depois de algum tempo é que consegui fazer algumas amizades em ABEZ, pois, pondo de parte a ignorância da maioria, tôdas as mulheres que ali viviam tinham um ponto comum: o ódio aos guardas.

Muitas prisioneiras se tornavam hábeis bordadeiras. Desfiávamos o algodão de nossos andrajos e com o fio bordávamos sobre pedaços de remendos, usando como agulha espinhas de peixe que, de quando em quando encontrávamos na sopa. Ainda possuo um lenço feito por mim em ABEZ.

Recordo-me de um dia em que estava bordando quando a porta da nossa barraca foi aberta violentamente. Um guarda penetrou no recinto arrastando uma irmã de caridade ucraniana que mais parecia um esqueleto coberto de pele esverdeada. O médico, prisioneiro que nos assistia, pediu à irmã que se deitasse para repousar, mas a pobre senhora parecia não ouvir uma só palavra. Foi necessário pegá-la à força para retirar a roupa podre e fétida que lhe cobria o corpo. Completamente nua sentou-se sobre um banco e não houve forças humanas que a afastasse daquele local. Procurando aliviar a situação daquela pobre infeliz conseguimos segurá-la, enquanto um prisioneiro cortava-lhe os cabelos imundos. Parecerá incrível, mas quando sua cabeleira caiu ao solo, começou a mover-se, levada pela grande quantidade de piolhos que continha.

Olhei fascinada para aquêle espetáculo. Sim, somente fascinada, pois já estava o suficientemente acostumada para sentir náuseas ante um simples punhado de piolhos. A irmã de caridade continuou sentada, sempre nua, e assim permaneceu por mais dois dias, até que foi levada para a "enfermaria" onde faleceu no dia seguinte.

Agora os piolhos eram parte de minha vida. Estudando-os com mais cuidado descobri que em nosso acampamento havia três tipos: piolhos de corpo, piolhos das roupas e piolhos de cabelo. Diferem completamente um do outro e o mais interessante é que raramente um piolho abandona a região que lhe corresponde.

Para nos libertarmos dos piolhos empregávamos diversas horas por semana e em cada dez dias, um era dedicado à revisão geral e corte de cabelo. Cada uma de nós ia para cima de um caixote colocado no centro da barraca onde todos os pelos de nosso corpo eram cortados. A primeira vez que tive de suportar a operação fiquei aterrorizada, mas algum tempo depois passei a considerar o acontecimento com agrado, pois aquilo nos aliviava dos incômodos insetos.

Nossas equipagens eram constantemente submetidas a operações periódicas de verificação, em horas que menos esperávamos. Algumas ucr-

nianas que ainda conservavam livros religiosos passavam por grandes sustos naquelas ocasiões e ficavam desesperadas quando os guardas descobriam seus livros e os reduziam a pedaços. Recordo-me que em certa ocasião, um sargento mais odiado que os outros, resolveu indagar-me o que eu escondia dentro de minha muleta. Respondi-lhe que ali guardava a bomba atômica e tôdas as mulheres se puseram a rir. O sargento, furioso partiu minha muleta em vários pedaços. Fui, cocheando, queixar-me ao comandante que mandou imediatamente consertar minha muleta, mas o sargento, desde aquêlê dia, não me deixou mais em paz.

Três meses depois da minha chegada a ABEZ travei amizade com Alice. Era uma jovem americana, filha de um comunista e que havia sido levada para Moscou por seu pai, quando tinha apenas 16 anos. Enamorou-se de um jornalista americano e por êsse crime foi enviada para ABEZ, condenada a 15 anos de trabalhos forçados.

Uma noite estávamos conversando e Alice contava que tinha uma companheira de escola que constantemente a beliscava e que chamava-se Mary. Daí haver criado ódio ao nome. Dei uma gargalhada e disse a Alice que me chamasse pelo nome que desejasse e ela passou a chamar-me por May. Cinco anos mais tarde o nome de May iria contribuir para libertar-me, daquela situação horrível em que me encontrava.

Passaram-se muitos meses antes que eu descobrisse que não era a única Inglêsa em ABEZ. Havia outra e sua história havia começado vinte anos antes, numa rua da Inglaterra. Beril passeava calmamente quando um repentino temporal fêz com que buscasse abrigo em uma casa, onde estava sendo realizada uma reunião pública. Um homem pronunciava uma conferência sobre a gloriosa União Soviética. Beril começou a interessar-se pelo assunto e terminada a conferência apresentou-se ao orador declarando que ali havia entrado por casualidade. Saíram juntos. Beril enamorou-se de seu companheiro e passou a marcar encontros com êle. Passados alguns meses casaram-se.

Seguiram para Leningrado em lua de mel, mas ao chegar em território russo Beril descobriu que seu marido era casado e tinha duas filhas.

Tentou voltar para a Inglaterra, mas, sem dinheiro, resolveu lecionar inglês em uma escola, mas, algumas semanas depois foi aprisionada pela MVD e acusada de haver feito comentários desairosos a vultos históricos da Rússia. Recordava-se, como confirmou perante o delegado, de haver dito em aula que a locomotiva havia sido inventada pelo inglês Robert Stephenson. Este era seu crime e por êle havia sido condenada a dez anos de trabalhos forçados em ABEZ. Sendo uma comunista convencida continuava na prisão a pregar a doutrina, pois julgava que o único regime que se podia aceitar no mundo atual, era aquêlê. Recusava falar comigo em inglês e continuava em suas pregações, falando sempre em russo. Embora condenada a dez anos já se encontrava a vinte naquele destêrro.

Três anos já eram passados e eu permanecia em ABEZ, acostumada àquela vida atroz no — Inferno Branco — de onde era impossível sair, pois quem se arriscasse a fugir morreria gelada no campo, ao fim de

algumas horas. Assim continuei a viver como um animal que se nega a morrer. Não podia esquecer de minha promessa — não dar satisfação a meus inimigos de me sepultarem em terra russa.

Recordo-me que durante aqueles anos um dos fatos que mais me impressionou foi o relativo às monjas católicas que haviam sido levadas para ABEZ. Jamais poderei esquecer a abnegação e a coragem daquelas 180 mulheres, que desafiavam os russos, não cumpriam suas ordens e só faziam o que a superiora determinava. Quando seus hábitos, cheios de piolhos, foram despidos para a desinfecção, as monjas se negaram a vesti-los novamente e se reuniram completamente nuas sobre a neve. Só depois de muito custo e de se haver prometido que suas vestimentas não seriam mais retiradas é que elas resolveram voltar à barraca. De outra vez resolveram quebrar o alto-falante que desde a madrugada, até altas horas da noite, pregava a doutrina comunista. O comandante mandou colocar o aparelho mais alto, de modo que elas não o alcançassem e as monjas voltaram a sentar-se na neve, em sinal de revolta, cantando hinos sacros. Dois dias depois o alto-falante deixou de funcionar e daí por diante só era utilizado para transmitir ordens.

Uma noite, em março de 1953, o alto-falante funcionou outra vez anunciando propaganda comunista. Fomos deitar e o doutrinamento continuava, ainda. Tínhamos a impressão que alguma coisa estava para acontecer ou tinha acontecido. No dia seguinte, às quatro horas da manhã o rádio já estava em funcionamento. Transmitia músicas e discursos, mas, de repente, interrompeu a transmissão e passou a produzir um som contínuo e monótono. O aparelho foi desligado, mas no campo todos pareciam estar sob forte tensão nervosa. À meia-noite eu ainda estava desperta e voltei a ouvir o ruído através do rádio. O barulho continuou pela noite como se fôsse um cântico fúnebre ou um lamento de muitas vozes. Só no outro dia é que fomos saber que Stalin havia morrido.

Depois da morte de Stalin, as mulheres receberam permissão para desprender o número de matrícula que estava cozido na roupa. Foi com a mais viva emoção que retirei, com toda a paciência o "G1.150" de todos os farrapos que possuía. De agora em diante passaria a ser chamada outra vez, por meu próprio nome, ou melhor meu novo nome, "Senhorita May".

Passamos a ter permissão de escrever uma carta por mês, em lugar de uma por ano e fomos autorizadas a receber embrulhos que viessem da Alemanha ou da Áustria. Todas as latas que chegavam até nós, vindas daqueles países tinham escritas, em inglês, "ao povo russo, valoroso aliado".

Eram aprovisionamentos que haviam sido enviados para a Rússia durante a guerra, mas o governo russo nunca os tinha distribuído entre seus soldados. Havia vendido aquelas latas na Áustria e em outros lugares, a preços fabulosos.

Nossa felicidade durou pouco. Alguns dias após a morte de Stalin o campo voltou à sua atividade normal, os alto-falantes entraram de novo em funcionamento e a propaganda tornou-se mais intensa.

Parecia que não havia possibilidade de uma pessoa livrar-se daquele inferno. Não era, pois, de se estranhar que, por vezes, algumas de nossas companheiras pensassem em terminar, de uma vez, com aquêlê sofrimento. No inverno, a neve subia a mais de dois metros de altura e a temperatura descia abaixo de 40 graus centígrados. Terminar com o suplício era muito simples. Bastava afastar-se um pouco das barracas e deitar sôbre a neve. Quinze minutos depois estaria desmaiada e meia hora mais tarde dormiria para sempre. Muitas mulheres do campo de concentração elegeram êste processo silencioso de evasão da miséria e da degradação moral em que viviam. Se nevava, no momento em que elas se deitavam na terra, seus corpos prontamente eram sepultados sob a mortalha branca e não era encontrado senão na primavera seguinte. Quando a neve começava a derreter era comum encontrarem-se diversos cadáveres, e nós, por diversas vezes, presenciámos a cena com emoção pois os corpos de nossas companheiras desaparecidas apresentavam-se intactos, depois de tantos meses de sepultura.

Outras prisioneiras seguiam métodos diferentes de "evasão". Quando as luzes se apagavam, no interior das barracas, algumas cortavam os pulsos com um pedaço de vidro e pela manhã eram encontradas mortas, sob os farrapos cheios de manchas escuras de sangue.

5 — As "Afortunadas"

ABEZ era uma região tão selvagem e tão afastada da civilização que, para seus campos de concentração só iam guardas e oficiais cujo comportamento, em outros lugares, não estava bem de acôrdo com os regulamentos. Assim, parecia a nós que todos ali éramos castigados — nós e nossos guardiões. Talvez êste estado de coisas servisse para explicar porque, via de regra, os guardas não eram tão brutos e por vezes mostravam-se tolerantes e até gentis, para com as prisioneiras.

O regulamento do campo proibia que os guardas ou oficiais se juntassem com as prisioneiras, mas muitos dêles tomavam as mais jovens como amantes ou passavam algumas horas com as mais simpáticas, pois, naquela situação não era difícil encontrar mulheres que se vendessem por um tablete de chocolate ou uma roupa branca. Por outro lado, o romance servia para quebrar um pouco a nostalgia daquela vida, levando alguma excitação à vida daquelas infelizes. Não havia perigo de engravidar, já que a maioria das mulheres de ABEZ se tornavam estéreis, após algumas semanas de permanência naquele inferno. Caso ficassem grávidas, seria motivo de grande júbilo, pois durante o período de gestação eram afastadas do campo e levadas para um hospital, onde recebiam alimentação farta e tôda a assistência necessária. Os filhos, logo que nascem são separados das mães, para serem educados como bons cidadãos soviéticos, mas a maioria das mulheres de ABEZ trocariam a dor de perder seu próprio filho pelas vantagens que podiam encontrar em nove meses de repouso absoluto, longe daquela vida miserável. Estas eram consideradas "as afortunadas", mães que viviam sem seus filhos, mas mulheres que trocavam, por esta desgraça, alguns meses de vida melhor.

A maior parte dos homens e das mulheres que se destinavam aos campos do Ártico, jamais podiam regressar daquela região, mesmo depois de haverem cumprido a pena que lhes havia sido imposta; eram obrigados a viver nas proximidades do campo, pois não lhes forneciam passagem de regresso. Ali viviam mais homens que mulheres e cada vez que uma prisioneira saía de ABEZ a notícia de sua liberdade era difundida antes que "a afortunada" sáísse da prisão. Quando ultrapassava a cêrca do campo a mulher encontrava vários homens à sua espera. Eram ex-detidos, obrigados a viver na região e que sentiam necessidade de ter uma espôsa, não só por impulso natural, como também para ter alguém que cuidasse da cozinha.

Para as mulheres era ainda mais difícil viver sôzinhas e assim, o homem que mais vantagens oferecia — e sabe Deus o pouco que êles tinham para repartir — conquistava a companheira.

6 — A partida

Assim iam se passando as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos e eu continuava ignorando que a história da "Senhorita May", como me haviam batizado, havia chegado até à embaixada britânica em Moscou. Agora é que compreendo a felicidade de haver recebido aquêlê nome, que tão bem se adaptou à minha pessoa. As prisioneiras de ABEZ se divertiam em repeti-lo, talvez porque o vocábulo "Miss" tivesse um som irônico; para mim foi uma felicidade que tal acontecesse e "Miss" foi tantas vêzes repetido em ABEZ que o embaixador inglês se interessou por meu caso.

Soube, realmente, após minha libertação, que nosso embaixador, ao saber que existia em ABEZ uma "Miss May" quis saber de quem se tratava e disse a um diplomata soviético:

— "Desejamos que esta mulher seja libertada e lhe pedimos que trate do caso com urgência".

Imaginem meu espanto quando, nas primeiras horas do dia 4 de novembro de 1955, fui despertada por um guarda dizendo que eu devia apresentar-me no gabinete do comandante. Ali, um oficial recebeu-me com certo sorriso indagando se eu era a "Senhorita May". Ante minha resposta afirmativa, deu-me a notícia que, naquela mesma noite eu deveria embarcar rumo à Inglaterra. Durante cinco anos esperei por aquelas palavras e agora, que as ouvia, não podia acreditar no que diziam. Sem reparar no que dizia respondi ao oficial:

— "Esta noite é de todo impossível embarcar. Giselia, minha amiga, acaba de receber uma lata de leite condensado e dá hoje uma festa de aniversário. Prometi comparecer à festa e assim não posso partir para a Inglaterra como é de seu desejo"...

Enquanto falava assim dei conta do absurdo de minhas palavras e a voz embargou-me a garganta.

Deixei o gabinete do comandante, completamente tonta.

Não seria outro engano cruel? Como da outra vez, prometeram repatriar-me e vim acabar em ABEZ? Não, não podia ser verdade!

Naturalmente estavam me enviando para aquele estabelecimento quí-mico de Ciemiarev, nos Urais, onde, se dizia, que os prisioneiros permaneciam até à morte. Por horas e horas fiquei sentada em minha barraca, pensando.

Mais tarde fui chamada, outra vez, na comandância, onde recebi um par de meias de algodão e nova muda de roupa. Minhas esperanças aumentaram. Alguns dias depois o próprio comandante mandou chamar-me. Fêz um breve discurso enquanto preparava um cigarro que me ofereceu, ainda úmido de saliva e ficou espantado quando recusei o presente. As-severou-me que seria levada a Moscou e depois à Hungria. Poucas horas depois, ao cair da tarde, saí do campo de prisioneiras de ABEZ. Envôlta em um capote novo, gritei para minhas companheiras o meu último adeus.

Continuei gritando, enquanto embarcava em um trenó que devia me conduzir à estação. Mas três horas depois estava, novamente, de volta ao campo de ABEZ, pois o trem em que eu devia viajar chegara cheio de homens destinados ao campo de Vorkuta. Assim, devia eu esperar nova condução. Outros trens foram se sucedendo, sempre cheios e os três dias que passei esperando e vindo constantemente à estação, pareciam, para mim, dias intermináveis, mais difíceis de suportar do que os cinco anos que eu havia vivido naquele campo de concentração. Na quarta noite, por fim, encontrei um lugar e durante cinco dias o trem arrastou-se lentamente através da região mais estéril do mundo. A princípio cantávamos, os outros prisioneiros e eu, mas depois fomos invadidos por um profundo cansaço e a viagem se tornou uma verdadeira odisséia. Ao sexto dia, nosso vagão, destinado ao transporte de gado, foi separado do resto da composição e ficamos esperando em um desvio. É que estávamos perto da estação de destino e alguém falou o nome mágico de — Moscou.

Ao desembarcarmos fomos levados para uma prisão de nome "Krasni Pless", mas na manhã seguinte, subimos a outro trem viajando durante dois dias, mais para o sul até chegarmos a uma localidade de nome Potjma. Ali existia um pequeno campo de concentração, a meio caminho da liberdade. Comparando-o com ABEZ, aquilo parecia um hotel de primeira ordem. Fui recebida por um húngaro que me conduziu a uma sala onde havia água quente, sabão e toalha. Lavei-me e tornei a lavar-me, ensaboando-me dos pés a cabeça e era uma grande delícia ver-me tóda coberta de espuma e deixando a água quente correr por todo meu corpo. Depois fui conduzida ao refeitório onde me aguardava uma mesa pronta para a refeição, com garfo e faca ao lado dos pratos que eu, sim, eu mesma, podia utilizar. Apanhei-os com as mãos trêmulas, sem saber se ainda era capaz de usá-los. Estava, de novo, aprendendo a viver. Meus companheiros de mesa sorriram ante minha excitação, mas fui aos poucos adquirindo confiança em mim mesma.

O Cozinheiro do campo era um especialista em massas. Em pouco tempo recuperei as forças e comecei a engordar. Durante os três meses que passei em Potjma, melhorei bastante o físico e tornei-me mais branda no tratar, pois os russos daquele campo quase que não interferiam

em nossa vida. Um dia, com a costumeira rapidez, ordenaram que eu ar-
rumasse minhas malas pois devia partir imediatamente. Um jovem te-
nente avisou-me que havia recebido ordens de conduzir-me a Moscou.
Quando chegamos à capital deu-me ordem de ficar esperando na estação.
Perguntei-lhe se podia dar umas voltas pelas proximidades. Consentiu,
contanto que regressasse dentro de meia hora. Estranhei tal consenti-
mento e perguntei-lhe se não tinha medo que eu fugisse. Respondeu-me:

— "De nada adiantaria sua fuga, pois a senhorita não possui do-
cumento e sem eles, em Moscou, uma pessoa não consegue ir muito longe".

7 — A viagem de retorno

Alguns amigos em Potjma haviam me dado algum dinheiro. Fui ao
bar da estação e pedi um bôlo. Paguei e recebi o troço sem ninguém es-
pantar-se da operação que eu estava efetuando. Para mim, todavia, aquê-
le momento foi de grande emoção pois, desde há muito não lidava com
dinheiro nem comprava nada no comércio. Passada a meia hora voltei ao
lugar marcado pelo tenente e fui embarcada em outro trem que nos con-
duziu a uma grande prisão. Fiquei sobressaltada. Será que havia sido
enganada mais uma vez?

Soube, mais tarde, tratar-se da prisão de Lubianka, a maior prisão
do mundo e também, segundo afirmam, a mais moderna. Fui obrigada
a despir-me completamente na presença das autoridades e tôdas as peças
de meu vestuário foram examinadas em todos os seus detalhes. Depois
fizeram-me deitar sobre uma mesa e uma doutora realizou a mais hu-
milhante busca que eu já havia sofrido em tôda a minha vida.

O pavilhão de Lubianka, onde fui alojada, na realidade, não tinha
aparência nenhuma com prisão. Tudo era incrivelmente limpo. Em minha
sela cômoda eu morava sôzinha. Podia comer quanto quisesse e na hora
que desejasse, pois a mesa estava sempre pronta a receber-me.

A alimentação era excelente, particularmente o peixe frito. Todavia
a vigilância era constante. Quando desejava qualquer coisa bastava que
me aproximasse da porta para logo aparecer um guarda. Recebi vários
livros de literatura e consegui permissão de ir ao terraço da prisão apa-
nhar um pouco de sol e admirar o panorama de Moscou. Quatro dias
após estar em Lubianka, fui apresentada ao General comandante da pri-
são. Era um velho oficial, muito cortês. Depois de conversar comigo du-
rante algum tempo, levou-me em seu próprio automóvel, para Bikova,
centro muito parecido com Potjma. Ali fiquei "hospedada" por mais uma
semana. O general voltou a procurar-me e deu-me dinheiro para com-
prar vestidos e outras peças de roupa que necessitasse. Levou-me pelas
ruas de Moscou, mostrando-me seus lindos edifícios. O tratamento que
me dispensavam era tão cativante que um dia perguntei ao general:

— "Como posso comparar tôdas estas gentilezas com os horrores que
passei nas barracas de ABEZ?"

— "Tôdas as pessoas de bem podem gozar das delícias de Moscou,
respondeu-me. Para ABEZ só são levados os inimigos do povo".

— "Mas, general, como descobriram que eu sou inimiga do povo?"

— “Espero que a senhorita não volte mais a falar sobre ABEZ, contestou-me, em tom solene. Mesmo quando já esteja fora da Rússia, tenha todo cuidado. Devo recordar-lhe, por outro lado, que o braço do Exército Vermelho é muito longo e alcança longe”...

No dia seguinte veio à estação para despedir-se de mim. Durante cinco dias viajei, junto com outros prisioneiros, sob a guarda de um único oficial, até a fronteira húngara. Finalmente chegamos a Csop onde fomos levados para um trem húngaro.

Em Budapeste grande multidão nos esperava. Todos estavam ansiosos por notícias de seus parentes, presos nos campos de concentração da Rússia. Recordo-me que alguns húngaros, ao saltarem do trem, abaixaram-se e beijaram a terra, chorando, em sinal de gratidão.

O resto da viagem correu rapidamente. De fato a legação britânica, em Budapeste, havia se preocupado comigo e mandou conduzir-me para Londres, por via aérea.

E agora aqui estou. Vivendo tranquilamente, esperando encontrar alguns pequenos prazeres nos anos de vida que me restam, a fim de recobrar o tempo que passei apodrecendo nos campos de concentração da URSS. Conteí esta história por acreditar que todos devem saber com quanta facilidade uma mulher inocente pode ser aprisionada pelos russos e atirada nas mais aviltantes situações, tudo, por causa desta ideologia pagã, que se chama Comunismo.

Não tenho medo em afirmar e repetir tudo o que acabei de relatar. O braço do Exército Vermelho pode ser muito longo, como dizia o simpático general, mas o braço da Justiça e da Verdade é muito mais longo...

MARY ALLISON

CONCLUINDO

Em toda esta série de artigos procuramos mostrar, comprovadamente, citando fatos indiscutíveis e testemunhas pessoais de homens e mulheres que viveram na URSS, ou a visitaram, ou conhecem de alguma forma as idéias professadas atrás da cortina de ferro e dos demais países sob controle do comunismo, que os comunistas se identificam no seu objetivo de conseguir que o mundo inteiro caia sob seu controle. Vimos também que, para consegui-lo, nada os deterá. Seu método é lançar irmãos contra irmãos, vizinhos contra vizinhos, classes contra classes, nações contra nações, a fim de incutir a dissensão e a desafeição entre todos os povos. Procurando criar problemas dentro de um país, os comunistas enfraquecem os governos, ao mesmo tempo que desviam as atenções do verdadeiro inimigo — o comunismo. Onde esses métodos falham, apelam aos movimentos armados.

As forças, anticomunistas estão em desvantagem porque, muitas vezes, não se apercebem dos perigos que as ameaçam ou porque não chegam a uma conclusão sobre qual a melhor maneira de se opor as essas ameaças, ou ainda, por ingenuidade ou comodismo.

Em nosso país sabemos que existe gente que se enquadra em todos os tipos acima. Há os que julgam o comunismo como um socialismo avançado, que realmente é, e que, portanto, feitos os ajustes naturais e compatíveis com o nosso meio ambiente, não trará perigos ao Brasil. A esses, apresentamos os fatos desta série de artigos; o comunismo não admite adaptações exceto as que sirvam a seus objetivos; seus métodos, também, têm sido invariáveis, impondo, pela força e pelo terror o que, de outra forma, não conseguiriam. Se houver dúvidas, o ano de 1935 não está tão afastado assim, apenas 25 anos, e existem ainda centenas, milhares de brasileiros que testemunharam os assassinatos à traição de um punhado de brasileiros, cujo crime era estarem cumprindo seu dever.

Aos que não chegaram a uma conclusão quanto à melhor forma de combater o comunismo lembramos que a educação e o trabalho honesto, o aproveitamento dos valores morais e profissionais, a justa remuneração aos assalariados e sobretudo o apelo ao espírito de nossa raça, cuja formação tem profundas raízes cristãs constituem as verdadeiras armas para o combate ao materialismo que é a síntese do comunismo.

Aos comodistas sugerimos a consulta a um "mapa-mundi". O argumento de que a URSS e a China Vermelha estão muito longe do nosso país, peca pela base. Neste século em que o encurtamento das distâncias é a principal característica, não há regiões difíceis de serem atingidas em curto prazo. Além disso, como a idéia básica do comunismo — a revolução mundial — é invariável, sua progressão, se não for obstada, continuará inexoravelmente, como o provam os avanços na Europa e na Ásia, as sombras lançadas sobre a África e, já agora, o trampolim na América Latina — Cuba.

Aos ingênuos e aos indiferentes pouco há a ser dito. Esperamos apenas, que não acordem um dia surpreendidos com a ordem de acompanharem algum agente especial até aquilo que poderá ser o seu túmulo em vida — uma masmorra ou um campo de concentração.

AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Coronel

Tradução de um trecho do livro russo "Aquilo foi assim", do coronel russo S. N. Sevringof (página 42 da edição de 1947, de Moscou):

"O 2º tenente Kuranof era daqueles metralhadores fanáticos, dos quais se diz que podem "subscrever" a Maxim, isto é, disparar meia centena de projéteis, fazendo pontaria sobre sua própria família."

III — EDUCAÇÃO PELA TELEVISÃO

MAJ TAUNAY DRUMMOND COELHO REIS

Faço os resultados favoráveis que vêm sendo obtidos, com o ensino pela televisão, em diversos países, tais como Inglaterra, França, Alemanha, Estados-Unidos e outros, procuramos encarar a possibilidade de aproveitar, também no Brasil, esse moderno processo de difusão da cultura. Mais do que aos citados países, nos faltam meios em pessoal e material para atender grande parte da população que necessita aprender.

Nos Estados-Unidos, com 8 anos de experiência, mais de 200 canais reservados e 45 estações atuando exclusivamente no setor da educação, foram estudados e selecionados pela "U. S. Information Agency" para o "U. S. Information Service" os motivos cada um dos quais justifique, por si só, o emprêgo da televisão como meio de ensino. Transcrevemos a seguir, traduzidos, os motivos acima mencionados:

"1. O número de estudantes que deseja ensino, é superior àquele que os atuais prédios escolares podem comportar.

2. O número de professores ou professoras qualificados e experientes é insuficiente.

3. A verba para mais escolas ou mais mestres é insuficiente.

4. O problema de ensino é tão urgente que a televisão precisa ser empregada a fim de que poucos professores capazes, disponíveis, possam atender o grande número de estudantes.

5. Há vontade de aproveitar melhor os mestres disponíveis fazendo com que o melhor dêles dê aula pela televisão auxiliado por outros professores atuando como conselheiros assistentes ou monitores. Nesse caso cada professor trabalhará aproveitando suas melhores aptidões.

6. A carga de trabalho dos mestres é tão pesada que eles não dispõem de tempo suficiente para preparar devidamente todas as aulas. Se um professor puder dispor de um ou dois dias integrais para preparar uma aula para a televisão, que atenderá um número muito maior de estudantes e estes por sua vez tiverem oportunidade de tirar dúvidas com os respectivos professores será melhor do que vários professores não preparados ministrarem a referida aula a suas próprias turmas.

7. Há necessidade de proporcionar cursos de aperfeiçoamento, sobre evolução ou novidade no currículo, a professores presentemente empenhados nas atividades do magistério e a urgência da referida necessidade aponta um curso de aperfeiçoamento pela televisão como a melhor, se não única, maneira de manter os professores atualizados".

Como em nosso país se apresentam simultaneamente todas as 7 razões que isoladamente aconselhariam a utilização desse novo processo em benefício da educação, não vemos escusa para retardar mais o aproveitamento dos novos meios, uma vez que o número de aparelhos receptores no Brasil (aproximadamente 1 milhão) vem aumentando rapidamente.

Por tudo que foi exposto devemos:

— fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que se crie no país, o mais cedo possível, um sistema eficaz de ensino pela televisão;

— e atuar de modo que esse sistema se expanda e se aperfeiçoe, em todos os sentidos, até o limite de suas possibilidades de ajudar ao cidadão e à Pátria.

IV — A MISSÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MEDICINA MILITAR

Maj Méd Dr. NILSON NOGUEIRA DA SILVA

Ao transpor o umbral da Academia Brasileira de Medicina Militar, trazido pelo bafejo de vossa generosidade, ilustres acadêmicos, e ainda meio atônito pelo inusitado do acontecimento e pelas palavras de meu amigo e recipiendário Cel Nelson Sampaio Mitke, que, traído pelo sentimento, exagerou-me nos louvores, vejo-me na obrigação de declarar que acredito estar reservada à nossa Academia tarefa de alta significação: não só do ponto de vista militar, senão que do civil. É que a essa — sociedade sábia compete decidir sobre o aperfeiçoamento e o progresso da Medicina Militar; ratificá-los e retificá-los quando se fizer mister, como, aliás, já tem feito ao realizar os Congressos de Medicina Militar, onde esses assuntos têm sido postos em foco, trazendo a público o que se faz nas suas organizações de saúde.

A Academia, pelo valor e responsabilidade de seus membros, está apta e autorizada a incentivar os trabalhos científicos dos médicos militares e, ao mesmo tempo, julgá-los e vulgarizá-los.

Como centro de atividade científica e cultural, poderá acompanhar o progresso espantoso da Ciência no que toca às bélicas, bem como a sua repercussão no Serviço de Saúde das Forças Armadas.

A Ciência Moderna, como se sabe, em poucos anos, passou da Era Atômica para a Era Sideral e quem sabe se já não atingimos a Era do Universo Antimatéria cujo descobridor foi há pouco galardoado com o prêmio Nobel?

É evidente que esses progressos científicos trarão incalculáveis modificações na arte da guerra, pela necessária adaptação aos novos processos e a Medicina Militar terá de fazer frente às novas eras prevendo, planejando, estudando novos métodos e fazendo intercâmbio com os mais avançados centros desse conhecimento. Não poderemos contar com ninguém, senão com nós próprios e debalde esperaremos por outro Vegécio que nos dê alguma "De re militari"...

Necessário será também convir que os fatos desconcertantes de que falamos não são peculiares à nossa época: houve deles em priscas eras e uma vez Ben Akiba tinha razão quando disse: "— Nada havia de

novo debaixo do Sol". Assim é que os abatizes de Milcíades surpreenderam os persas nas planícies de Maratona; a falange macedônica fez o mesmo; os elefantes de Pirro espantaram os romanos; as legiões romanas levaram de roldão os povos bárbaros; a cavalaria árabe surpreendeu os europeus; os gases asfixiantes apavoraram os Aliados na guerra de 14 a 18; as divisões blindadas, as bombas voadoras e a bomba atômica foram a surpresa da Guerra Universal.

A Medicina Militar, por intermédio de sua Academia e de seus dirigentes, terá de fazer face a essas transformações rápidas do mundo moderno, adestrando os seus componentes tanto na paz como na guerra. As adaptações não se podem fazer rapidamente; por outro lado uma adaptação perfeita não quer dizer que o adaptado tenha evoluído. Pode, até, ter regredido. Bem o sabemos — aí de nós! Os que lidamos com a Biologia.

Toca, pois, à Academia de Medicina Militar uma dupla e espinhosa missão qual seja a de sugerir aos dirigentes e escalões superiores manterem atualizados as organizações de Saúde e, ao mesmo tempo, procurar prever as adaptações necessárias à Guerra Futura.

Perdoai-me que num ambiente académico vos fale em guerra futura, catástrofe que já devia estar riscada dos anais de nossa civilização ou de uma Civilização digna desse nome, mas é que, até hoje, não criou o homem — esse problemático "*Homo sapiens*" de Linneu — uma civilização que atendesse às suas verdadeiras necessidades. O "*sapiens*" de Linneu nos parece um mito. Na verdade, foi substituído pelo "*Homo faber*" ou pelo "*Homo aeconomicus*" na nossa era. Embora saiba que a Guerra seja um retrocesso e que o faz adotar hábitos arcaicos semelhantes aos dos insetos, não vacila desencadeá-la quando dela espera tirar proveito e, perante isso, não há doutrina nem sistema que o coíba. Consequência trágica de uma lei biológica hipertrofiada e imperativa — a conservação da espécie — ou de uma inadequada evolução cerebral, o fato é que a guerra, no estado atual da Civilização, tem de sempre ser levada em conta.

Apesar de vários escritores do pós-guerra de 14 a 18 terem escrito que as guerras estavam abolidas pelo seu horror e que os imperialismos haviam caducado pelo grau de cultura e evolução já atingidas e que o Mundo não comportava outras sangueiras, vimos, estarecidos, países que se orgulhavam de suas civilizações técnico-científicas e cultural aplicarem meios e processos que os faziam retrogradar à idade da rena. E, no entanto, todos sabem que a guerra nada mais faz do que dar a primazia de uma ou mais nações sobre as outras. Mas os problemas fundamentais que interessam a todos continuam os mesmos. Não seremos pessimistas ao afirmar que a situação atual do Mundo, do ponto de vista político, é, em muito, semelhante à de antes de 1939, que antecedeu à Guerra Universal. Uns querendo predominar sobre os outros e numa corrida vesânica para a obtenção de matérias-primas e mercados.

Se a guerra se nos apresenta, atualmente, como fatalidade inelutável, nada mais lógico nem sensato que nos adestrar para esse evento, ainda que, intimamente, o repugnemos.

A experiência nos mostra dolorosamente que os bens da cultura, da tradição e dos sentimentos de um povo podem ser postos por terra e substituídos por símbolos pagãos ou então por doutrinas e ideologias que ferem frontalmente a dignidade humana e que tornam a Vida indigna de ser vivida.

Segundo André Maurois, bastava 2.000 carros de combate e cinco mil aviões para impedir o risco por que passaram a tradição e a cultura francesas em maio de 1940. Observai o preço material exíguo — e que a França poderia obter com facilidade — que seria necessário para impedir o risco que correu a cultura que produziu um Voltaire, Carrel, Nollé e outros.

E, pois, preciso estar sempre preparado para essa tragédia e o papel da Medicina Militar estará desempenhado se atentar às modificações impressas ao Corpo de Saúde pelas novas técnicas, de modo que o País a que pertençam não ser apanhado desprevenido. Tal é, a nosso ver, a sua missão fundamental e patriótica.

É evidente que a tarefa não é fácil, mas os militares são lutadores por tradição e etimologia: "miles, militis": o soldado, o lutador. E alguns dentre eles poderão atingir o ideal expresso nos *Lusiadas* (Canto V-Est. 96 e seguintes):

... "E as armas não lhe impedem a ciência;

Mas, n'ua mão a pena e noutra a lança;

Igualava de Cícero e eloquência..."

... "Enfim, não houve forte capitão;

Que não fôsse também douto e ciente,

Da lãcia, grega ou bárbara nação..."

O ideal da Academia Brasileira de Medicina Militar seria ter nua mão a pena e noutra a lança. A pena representando a cultura moral e intelectual e a lança representando os aspectos estritamente militares do Corpo de Saúde das Forças Armadas.

O nosso Mundo passa por transformações surpreendentes a que mal nos damos conta; os sistemas e doutrinas (que encerram apenas minúsculas partes da Realidade, talvez para sempre inacessível à Inteligência) são postos novamente em discussão. No domínio do espiritual, há uma inclinação decisiva para a inteligência, *verbi-gratia* no mundo ocidental a que pertencemos. Alguns crêem que só alcançaremos a realidade pela inteligência, mas aqui trata-se de uma forma de crença, não de uma realidade científica. Mas a ciência não foi capaz de pôr uma ordem duradoura no mundo e de evitar a guerra.

Se as qualidades não lógicas do espirito serão capazes de conseguir a paz, pouco se nos dá conta, de vez que não sabemos como desenvolvê-las e qual o caminho eficaz para se desenvolver personalidades harmoniosas.

Todos estão acordes de que a guerra é um crime estúpido, mas, atualmente, não temos ainda meio seguro de evitá-la.

Assim sendo, é crime de lesa-pátria descurarmo-nos dessa eventualidade.

... Quero agradecer aqui às palavras calorosas do recipiendário, um dos elementos de escol do Corpo de Saúde do Exército, a quem dignificou pelo seu caráter e inteireza de conduta, e a todos os que aqui compareceram, honrando-nos com a presença.

A Academia nada posso oferecer em troca do "ônus" que lhe pesa pela minha aquisição, senão uma memória do drama da granja de Get-sêmani: "Para cumprir êsses ideais, declaro-vos que a carne é fraca, mas o espirito está pronto".



A DEFESA NACIONAL, mantém intercâmbio com as seguintes revistas estrangeiras :

AMÉRICA DO SUL

Argentina :

- Revista Nacional de Aeronáutica — Combustíveis y Energía :
- Boletín del Centro Naval — Revista del Suboficial :
- Revista de los Servicios del Ejército — Revista del Tiro :
- Técnica e Indústria — Boletín de Combustibles :
- Boletín Mensual de Estadística — Boletín de Informaciones Petroleras — Revista Militar — Revista de la Escuela Superior de Guerra — Revista del Servicio de Informaciones del Ejército — Revista de Publicaciones Navales — Biblioteca Nacional de Aeronautica.

Bolivia :

- Revista Militar.

Chile :

- Memorial del Ejército de Chile — Revista de Marina.

Colômbia :

- Revista de las Fuerzas Armadas — Armada.

Equador :

- Revista Militar — Revista Municipal.

Paraguay :

- Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación — Boletín Naval.

Peru :

- Revista de Chorrillos — Revista Policial del Peru — Revista Militar del Peru — Revista de Marina — Revista de CIMP.

Uruguai :

- Revista Militar y Naval.

Venezuela :

- Revista de las Fuerzas Armadas — Revista del Ejército, Marina y Aeronautica.

AMÉRICA DO NORTE

Estados Unidos :

- Armor-Army Information Digest-Army.

México :

- El Legionário.

AMÉRICA CENTRAL

Cuba :

- Boletín del Ejército.

EUROPA

Alemanha Ocidental :

- Ibero Amerikanische Bibliothek.

Bélgica :

- La Revue Maritime Belge.

Espanha :

- Guion — Ejército.

França :

- Revue des Forces Terrestres — Revue Militaire Générale — Revue Militaire D'Information — Defense Nationale — Revue des Forces Aeriennes Françaises.

Itália :

- Revista Militare — Notizzario di Aviazione — Rivista Marittima — Rivista Aeronautica.

Portugal :

- A Defesa Nacional — Revista Militar — Revista de Cavalaria — Revista de Marinha.



Preço do Exemplar
Cr\$ 30,00

SMG
IMPrensa DO EXÉRCITO
RIO DE JANEIRO — 1961